

SOMNIUM

Dezembro de 2021

118

Agnelo Fedel
André C.R. Martins
Ciberpajé
Elaine Novaes Falco
Gerson Lodi-Ribeiro
Julierme Rabello de Souza
Miguel Carqueija
Pedro Diniz
Ricardo França
Rodrigo Ortiz Vinholo
Teo Jungerman



Resultado...

Argos 2021
Vencedores

+ mais

Resenhas: Da Terra à Lua,
For All Mankind
Artigo: o pouso lunar foi falso?



SOMNIUM

Esta edição do Somnium é dedicada à tripulação da Apollo 1, que morreu durante teste no módulo de comando, quando este pegou fogo. Esta tragédia impulsionou ainda mais o desejo da NASA em colocar o homem na Lua para que o sacrifício deles não tenha sido em vão.

Gus Grissom

Ed White

Roger B. Chaffee





SOMNIUM

Somnium — Edição 118, dezembro de 2021
Editor responsável: Marcelo Bighetti
Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Todas as imagens não creditadas foram retiradas de freepik.com, conta Premium de Marcelo Bighetti

Autores:

Agnelo Fedel
André C. R. Martins
Ciberpajé
Elaine Novaes Falco
Gerson Lodi-Ribeiro
Julierme Rabello de Souza
Miguel Carqueija
Pedro Diniz
Ricardo França
Rodrigo Ortiz Vinholo
Teo Jungerman

Colaboradores:

Ada Chivers
Alex de Souza
Angela Moss
Ângelo Miranda
Bertoldo Schneider Jr
Carlos Calenti
Carlos Roberto Calenti Trindade
Carlos Rocha
Daniel Borba
Daniel Paiva Vasconcelos
Erick

Gabriel Hipolito Costa
Gerson Machado de Avillez
Guilherme Xavier
J.P. Rocha
Joao Gomes Moreira
João Paulo Rocha
João Peçanha
Juliana de Oliveira Schaidhauer
Juliane Vicente Lopes
Leon Nunes
Luana Mercurio
Maria de Fátima B Romani
Mike Wevanne
Morian Marroni
Orton Marcos Alves Couto
Osame Kinouchi
Pá Falcão
Paulo Ricardo
Raul Coutinho
Ricardo Celestino
Ricardo França
Ricardo Herdy
Roberto Causo
Silvio César Vasconcelos de Sousa
Walber Tuler Silva

CLFC - gestão 2021-2022

Presidente: Luiz Felipe Vasques

Secretário executivo: Sid Castro

Tesoureira: Caroline Libar

Contatos: somnium-editor@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

Mensagem do Editor



Terminando o ano com com Somnium 118

Assim completamos mais uma volta em torno da nossa querida estrela Sol, com o lançamento do *Somnium 118*. Neste ano que passou o Somnium ganhou um novo site, mais bonito e com uma navegação mais prática. O *Canal Somnium* no *Youtube* foi criado e lançamos o *Bate-Papo Somnium*, onde iremos conversar com os autores publicados no Somnium; o primeiro bate-papo foi com os escritores do *Somnium 116*.

Minha mãe comenta que quando ela assistia ao vivo o pouso da Apollo 11 na Lua, eu, com um ano e meio de idade, estava sentado quieto ao lado dela, observando a pequena tela da nossa televisão preto e branco. Não me lembro de nada, óbvio, mas fico feliz que eu assisti este evento fantástico em tempo real (descontando o atraso da transmissão devido à distância).

A Lua tem fascinado a espécie humana desde seus primórdios, sendo adorada como divindade, referência para estações e base para calendário. Para poetas a Lua possui um charme que romantiza suas palavras, para escritores de fantasia é algo que ativa metamorfose monstruosa, mas para autores de ficção científica ela tem sido palco de histórias incríveis desde que Júlio Verne resolveu visitá-la com sua escrita criativa.

Para esta edição, escritores foram desafiados a explorar a Lua, colocando nela colônias, e eles fizeram um bom trabalho. Enquanto ainda não voltamos à Lua com o atual projeto Artemis da NASA, convido a todos a pegarem carona com os escritores do *Somnium 118*.

Um feliz ano novo.

Marcelo Bighetti



MANTENHA-SE
ATUALIZADO
COM O
SOMNIUM



somniaum.clfc.com.br



facebook.com/groups/somniaumclfc



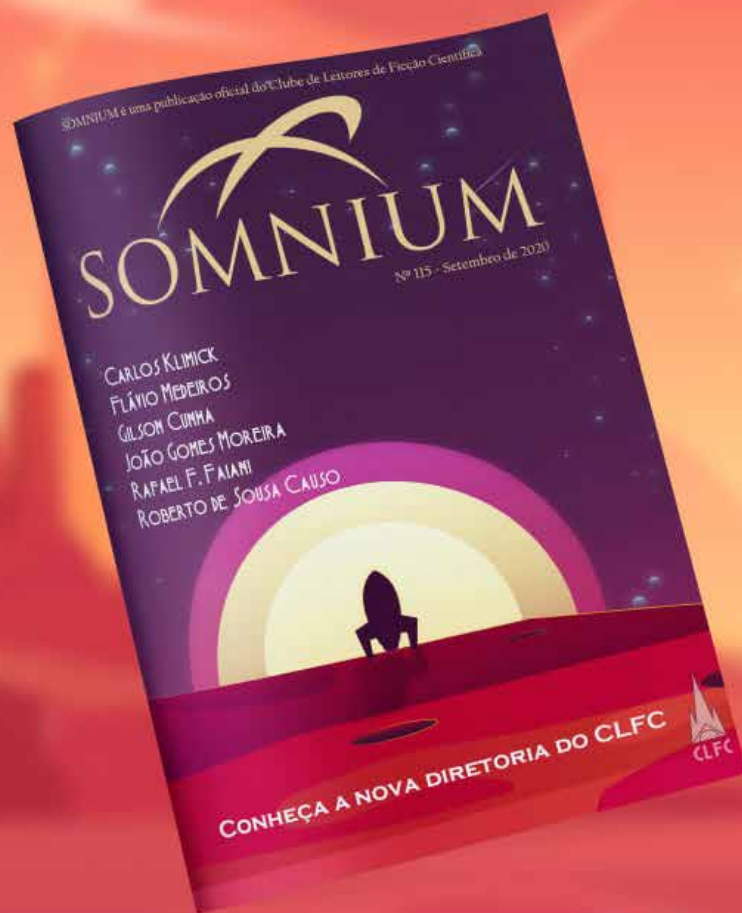
[@somniaumclfc](https://instagram.com/somniaumclfc)



youtube.com/somniaumclfc

AJUDE-NOS

a completar a coleção da
Revista Somnium



QUERO AJUDAR

índice

geral_

12 ARGOS 2021

14 NÃO, STANLEY KUBRICK NÃO FALSIFICOU A APOLLO 11
Gilvan Apolônio

18 RESENHA – DA TERRA À LUA
Gerson Lodi-Ribeiro

24 RESENHA – FOR ALL MANKIND
Flávio Medeiros Jr.

contos_

30 ABUTRES EM ALTITUDE MÁXIMA
Julierme Rabello de Souza

40 DEUSA DE PRATA
Elaine Novaes Falco

56 HOMO GRAVITATIS
Pedro Diniz

63 JÉSSICA E SEU TIGRE
Miguel Carqueija

68 LAIKAS
Rodrigo Ortiz Vinholo

73 LEVE COMO O SOL. PESADO COMO A LUA
Ricardo França

80 LUA DIVINAL
Ciberpajé

81 LUA MINGUANTE
Teo Jungerman

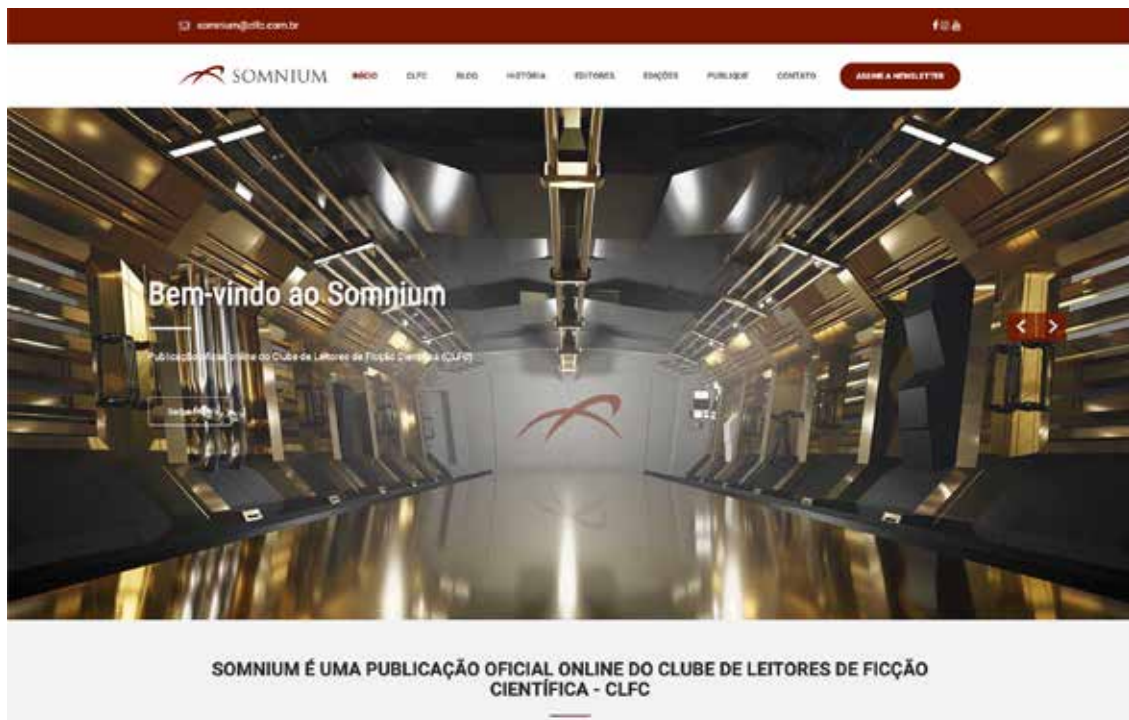
98 O ESPAÇO INTERNO
André C. R. Martins

109 O RETORNO
Agnelo Fedel

111 PALEONTÓLOGO SELENITA
Gerson Lodi-Ribeiro



O NOVO SITE DO SOMNIUM FOI LIBERADO. DÁ UMA OLHADA LÁ, ESTÁ DEMAIS!



somnium.clfc.com.br




SOMNIUM

INSCREVA-SE NO CANAL

ESTAMOS NO YOUTUBE

O Somnium agora tem um canal no Youtube.
Vá até o canal e se inscreva, acione o sininho
e tudo mais...

INSCREVA-SE



youtube.com/somniumclfc



BATE-PAPO SOMNIUM

youtube.com/somniumclfc

O BATE-PAPO SOMNIUM FOI CRIADO COM O INTUITO DE APROXIMAR OS AUTORES DO SOMNIUM AOS LEITORES. EM UMA CONVERSA DESCONTRAÍDA PRETENDEMOS QUE CADA AUTOR FALE UM POUCO SOBRE SEU TEXTO PUBLICADO.

ESTAMOS FAZENDO UMA PESQUISA PARA SABER QUAL O MELHOR HORÁRIO PARA TERMOS ESTE ENCONTRO MENSAL. QUAL O MELHOR HORÁRIO PRA VOCÊ? VOTE LÁ.

qual melhor horário



O PRIMEIRO BATE-PAPO SOMNIUM OCORREU NO DIA 18 DE DEZEMBRO ÀS 20H.
FOI BEM DIVERTIDO E MEIO QUE UMA SESSÃO COBAIA, ENQUANTO APRENDÍAMOS
COMO FAZER TUDO. DÁ PRÓXIMA VAI SER MELHOR.


SOMNIUM



BATE-PAPO SOMNIUM

Um bate-papo esperto com os autores
do Somnium 116

SÁBADO

18 DEZ

20h

somnium.clfc.com.br



ARGOS 2021

PRÊMIO ARGOS DE LITERATURA FANTÁSTICA 2021

NO DIA 5 DE DEZEMBRO HOVE O ANÚNCIO DOS VENCEDORES DO PRÊMIO ARGOS DE LITERATURA FANTÁSTICA.

MELHOR ROMANCE

Vencedor:

Pantokrátor – por Ricardo Labuto Gondim. Editora Caligari

Demais finalistas:

- 2º) Parthenon Místico, por Enéias Tavares. Editora Darkside
- 3º) Guirlanda Rubra, por Erick Cardoso. Editora Draco
- 4º) Senciente Nível 5, por Carol Chiovatto. AVEC Editora
- 5º) Crônicas do Cretáceo – o Tempo Antes de Nós, por André Nemésio. Ed. Melopsittacus Publicações Científicas

MELHOR ANTOLOGIA/COLETÂNEA

Vencedor:

2021, org. por Ciberpajé (Edgar Franco). Editora Marca de Fantasia

Demais finalistas:

- 2º) Violetas, Unicórnios e Rinocerontes, org. Claudia Dugim. Editora Patuá
- 3º) Vislumbres de um Futuro Amargo, org. Gabriela Colicigno e Damaris Barradas. Editora Magh
- 4º) Lovecraft: Reimaginado, org. Juliane Vicente e Julia do Passo Ramalho. Editora Diário Macabro
- 4º) Multiverso Pulp: Ópera Espacial, org. Duda Falcão. AVEC Editora

MELHOR CONTO

Vencedor:

Vovó Nevasca, de Ana Lúcia Merege (ant. Simplesmente Más, Selo Nebula)

Demais finalistas:

- 2º) Pensem nas crianças mudas, telepáticas, de Alexey Dodsworth (ant. Violetas, Unicórnios e Rinocerontes, ed. Patuá)
- 3º) Mata-Mata, de Zé Wellington (Editora Draco)
- 3º) As Mortes, de Ricardo Santos (newsletter Faísca)
- 5º) Um exoantropólogo em um mundo pós-humano, de Edgar Indalecio Smaniotto (ant. 2021, ed. Marca de Fantasia)
- 5º) Shiroma: Phoenix Terra, de Roberto de Sousa Causo (Editora Malean Studio)

[clique aqui para ver a transmissão](#)

NÃO

STANLEY KUBRICK NÃO FALSIFICOU A APOLLO 11

por Gilvan Apolônio



Perda de tempo!

Sim, é perda de tempo tentar convencer alguém convicto a mudar de opinião. Não estou falando aqui de opinião sobre política, futebol ou religião, campos altamente subjetivos. Me refiro a fatos visíveis, ao óbvio ululante que muitos se recusam terminantemente a aceitar, como o fato da Terra ser redonda, ou àqueles que uma pessoa razoavelmente educada deveria ser capaz de reconhecer, como as mudanças climáticas ou a eficácia das vacinas. Muitas pessoas preferem acreditar em conspirações rebuscadas, complicadas e sem muito sentido, a aceitar os fatos como são. Os Illuminati e a conspiração da Nova Era são alguns exemplos dessas supostas conspirações mundiais, cujo objetivo genérico seria a subversão da ordem mundial e a dominação global. Mas uma dessas teorias conspiratórias se destaca por ter um certo nível de plausibilidade: a de que os pousos lunares são falsos, simulados em um estúdio de TV.

O “certo nível de plausibilidade” vem do fato de que o projeto Apollo ocorreu em um período da história mundial particularmente sensível. A Guerra Fria entre os Estados Unidos e a então União Soviética assumia contornos macabros. Fidel Castro havia recém imposto o regime socialista em Cuba e a Guerra do Vietnam corria solta. As duas grandes potências se envolveram em uma corrida espa-

cial como forma de demonstrar a superioridade de seus respectivos regimes. Para temperar o molho, os norte-americanos se viram comprometidos quando, em 1962, o Presidente John Kennedy impôs a meta de um voo tripulado para a Lua antes do fim da década. Nesse contexto, não seria difícil acreditar que, incapaz de atingir o objetivo imposto pelo presidente-mártir (Kennedy foi assassinado em 1963), a NASA se veria forçada pelo governo a criar um falso pouso lunar. Alguns até dizem que Stanley Kubrick (que em 1968 lançou o filme 2001 – Uma Odisseia no Espaço, em parceria com o escritor de ficção científica Arthur C. Clarke) foi o responsável por produzir e dirigir a farsa cinematográfica.

Só que esta hipótese tem um problema grave.

Hoje (novembro de 2021, ou seja, 20 anos depois da época em que se passa a história do filme 2001) estamos tão acostumados com efeitos visuais extremamente sofisticados no cinema, TV e Internet, que as pessoas tendem a aceitar isto como normal. Mas basta assistirmos algum filme mais antigo, como Star Wars – Uma Nova Esperança (episódio IV), para nos darmos conta de que nem sempre foi assim. Se considerarmos que Star Wars foi um divisor de águas em termos de efeitos especiais no cinema, percebemos que o avanço da tecnologia de imagem entre 1976 e 2021 é ainda

mais gritante. 2001 foi um filme muito bem produzido, mas muito inferior em termos de efeitos especiais quando comparado com Star Wars. O fato é que em 1969, ano do lançamento da Apollo 11, não existia tecnologia de cinema capaz de simular com perfeição o pouso lunar de Armstrong e Aldrin, o qual foi transmitido direto da Lua por 143 minutos, sem interrupção.

Mesmo hoje em dia, com todos os recursos de edição de vídeo de que dispomos, para cada minuto de vídeo finalizado, são aproximadamente duas horas de trabalho de edição. E isto sem adicionar nenhum efeito especial. Se a NASA dispusesse de um software de edição como Adobe Premiere ou DaVinci Resolve, levaria 17160 minutos, ou 286 horas, para editar esta sequência. Isto assumindo que a NASA dispusesse de computadores tão rápidos como os que temos hoje, o que sabemos não ser o caso. Usando os recursos de edição da época, este trabalho levaria anos, talvez décadas. É claro que este trabalho poderia ser dividido entre várias pessoas, mas imagino que a NASA teria que ter mais editores de vídeo do que engenheiros e técnicos na folha de pagamento. Para piora ainda mais a situação, os negacionistas afirmam que para simular os movimentos dos astronautas na Lua, foi usado o efeito de câmera lenta. Se foi esse o caso, para produzir 143 minutos de simulação lunar, seriam necessários pelo menos 430 minutos de vídeo, o que tornaria o trabalho virtualmente impossível para a tecnologia da época. Nem sequer existiam mídias grandes o bastante para armazenar mais de sete horas de vídeo contínuo.


Notem que estou falando apenas da parte de edição de vídeo. Some-se a isto cenários ultrarealistas, figurino, iluminação, roteiro, efeitos visuais e de áudio, e, é claro, atores. Não sei se Neil Armstrong e Buzz Aldrin eram atores tão bons assim, afinal eles eram engenheiros e pilotos de prova, não atores profissionais. Pode-se alegar que eles poderiam ser substituídos por dublês, afinal estavam de capacete o tempo todo, mas isto adicionaria mais um complicador. Imaginem fazer tudo em segredo, e mantê-lo por mais de 50 anos sem que ninguém desse com a língua nos dentes! Nem a poderosa NSA, a agência americana de inteligência (eufemismo para espionagem)

teve o poder de manter Edward Snowden de bico fechado.

Adicione-se a tudo o fato de que a NASA realmente estava desenvolvendo os foguetes e toda a infraestrutura de lançamento. Milhares de pessoas presenciaram os lançamentos e bilhões assistiram pela TV em vários países (inclusive a União Soviética). Dezenas de empresas americanas a dezenas de milhares de profissionais estiveram envolvidos no desenvolvimento, fabricação e lançamentos dos foguetes e naves espaciais. Milhares de cientistas do mundo inteiro (inclusive soviéticos) tiveram acesso a amostras de solo lunar. Recentemente tenho convivido com alguns geólogos e esses caras só de olhar para uma pedra te contam a história dela desde antes de ser pedra. Seria impossível produzir uma simulação de rocha lunar convincente.

Em resumo: uma conspiração dessa escala deveria necessariamente envolver milhões de pessoas no mundo todo (inclusive soviéticos), sem que nenhum revelasse a fraude por mais de 50 anos! Por razões óbvias, os cientistas soviéticos que tiveram acesso aos dados seriam os primeiros interessados em entregar a suposta fraude. E nenhum o fez.

Diz-se que uma forma de identificar o culpado de um crime é provar que o suspeito tinha o motivo, a oportunidade e os meios de cometer o crime. É possível que o governo americano tivesse o motivo, talvez a oportunidade, mas com certeza não os meios de fazê-lo. Tudo indica que era muito mais fácil realmente mandar alguém para a Lua do que produzir a fraude.

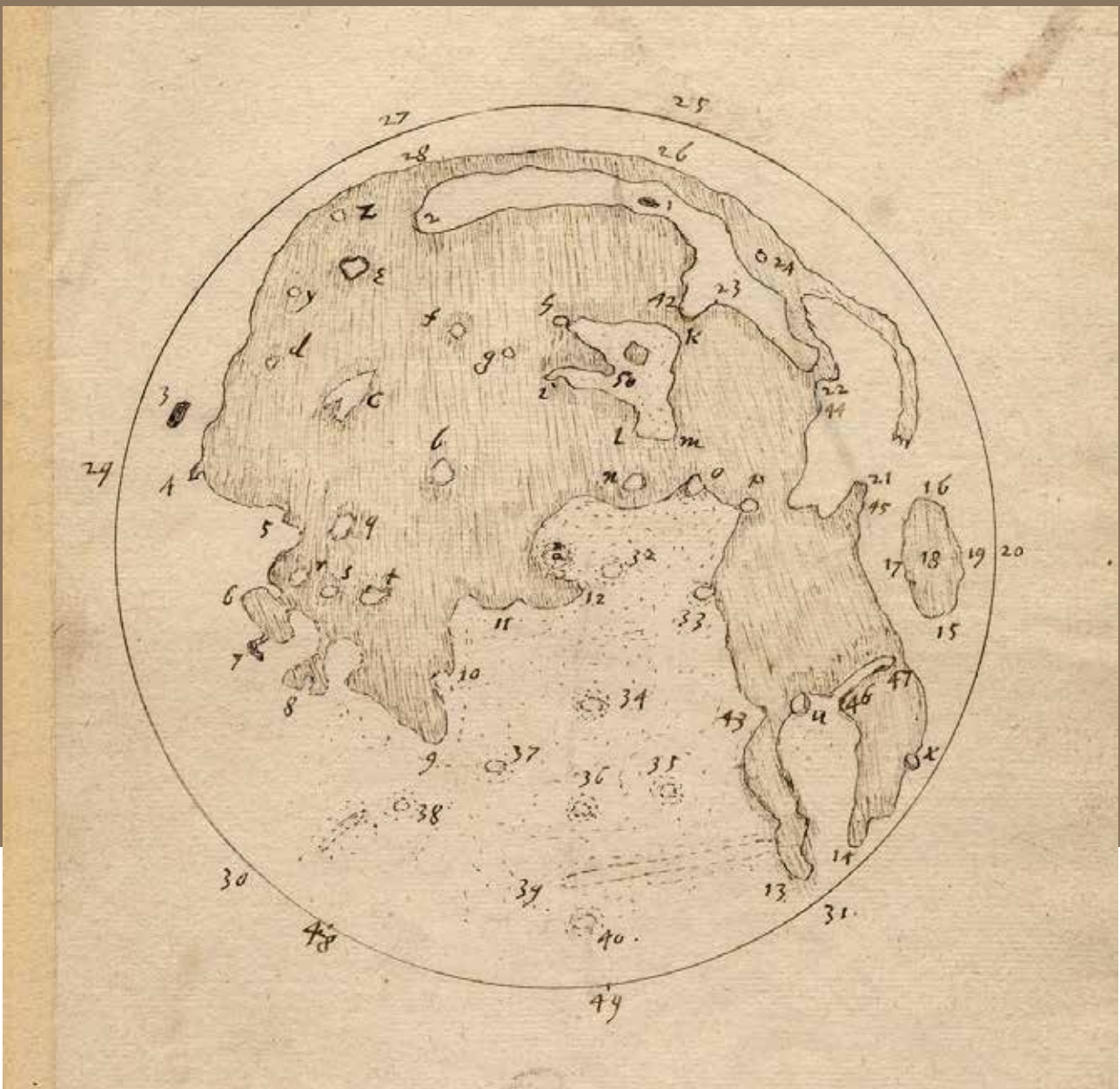
Mas tentar convencer os negacionistas é perda de tempo. 



Gilvan Apolônio é natural de São Paulo e hoje vive nos Estados Unidos, onde estuda astronomia. Trabalhou como supervisor no Observatório West Mountain. Tem mais de 30 anos de “aventuras” em eletrônica, redes de computadores e virtualização, com algumas pitadas de programação. É editor do canal “Vida de Astrônomo”, no YouTube.

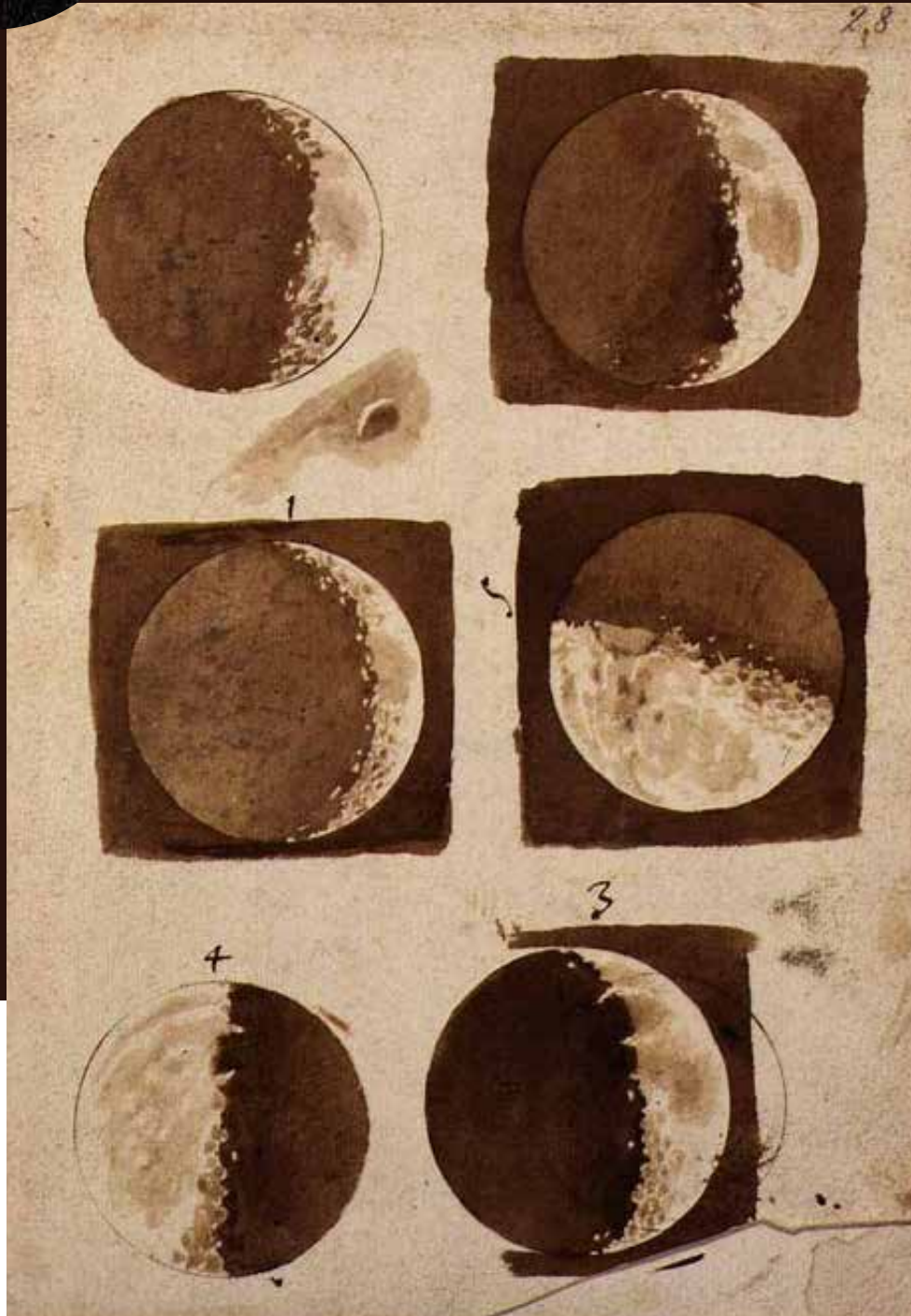


Os desenhos datados de 26 de julho de 1609 de Harriot de suas observações da Lua foram anotados como as primeiras observações telescópicas registradas já feitas, anteriores a Galileu Galilei.





Sidereus Nuncius é um pequeno tratado astronômico (ou panfleto) publicado em Novo Latim por Galileo Galilei em 13 de março de 1610. Foi o primeiro trabalho científico publicado com base em observações feitas através de um telescópio, e contém os resultados das primeiras observações de Galileu Galilei da lua montanhosa e imperfeita.





DA TERRA À LUA

“Ele mente; eu me engano.”: Da Terra à Lua, de Jules Verne

por Gerson Lodi-Ribeiro

Considerado um dos pais da ficção científica, Jules Verne (1828-1905) conseguiu supostamente descrever a primeira viagem tripulada ao satélite natural da Terra empregando meios estritamente científicos e tecnológicos. Supostamente? Sim, porque não se pode excluir a hipótese de que um autor obscuro qualquer tenha publicado uma narrativa de viagem à Lua cientificamente embasada antes da escrita por Verne. Porém, de qualquer modo, Verne foi o primeiro a fazê-lo no âmbito de romance e, sobretudo, de um romance que alcançou grande êxito literário e comercial, reconhecido e apreciado mais de um século e meio após sua primeira publicação. Muito provavelmente, o primeiro autor a propor alcançar a Lua de uma maneira que soou realista à época em que foi escrita.

Segundo romance publicado de Jules Verne que funciona não só como “viagem extraordinária”, mas como ficção científica, *Da Terra à Lua* é, em sua essência, a descrição pormenorizada, desde a concepção inicial até a execução final, de um projeto de engenharia balística de âmbito descomunal, em que os



**Da Terra à
Lua (De la
Terre à la
Lune, 1865)¹
Jules Verne
L&PM Pocket
(2018)
Tradução de
Gustavo de
Azambuja
Feix
256 páginas**

sócios do Gun’s Club de Baltimore propõem construir um canhão gigantesco – em verdade, uma *colubrina*² – a fim de disparar um projétil capaz de alcançar a Lua.

Sentindo-se como que órfãos ao fim da Guerra de Secessão, os projetistas de canhões, blindagens e artilheiros em geral que integram o corpo social do Gun’s Club recebem com entusiasmo a proposta de seu presidente, Impey Barbicane, de projetar uma colubrina colossal para disparar um projétil em direção à Lua. A notícia repercute nos Estados Unidos do terceiro quartel do século XIX e mundo afora. Em questão de semanas, cidadãos norte-americanos e estrangeiros começam a enviar doações vultuosas a fim de financiar o projeto megalômano. Até do Império do Brasil chegam doações via Banco Mauá. Em breve, Barbicane e seus companheiros arregimentam o apoio do Observatório Cambridge, para auxiliar na empreitada, primeiro com os cálculos balísticos e orbitais e, mais tarde, com o projeto de um novo telescópio para observar o projétil ao longo de sua trajetória.

Após um debate sério, os projetistas da missão decidem erigir a colubrina

gigante em Tampa, no centro do estado norte-americano da Flórida, um dos poucos trechos do território dos Estados Unidos com latitude minimamente adequada para possibilitar o lançamento³.

Didático como é de sua praxe, ao longo do romance, Verne brinda o leitor com a história das descobertas selenográficas, desde a Antiguidade até a segunda metade do século XIX, época em que a ação é ambientada. A construção da colubrina e do projétil em si é entregue a uma grande siderúrgica militar norte-americana, a Goldspring. Em vez de pólvora convencional, os artilheiros do Gun's Club optam pelo algodão-pólvora (nitrocelulose), cuja queima e explosão produzem maior quantidade de energia por unidade de massa. As questões relativas às especificações do canhão, do projétil e do explosivo são debatidos em seus mínimos detalhes por capítulos a fio no decorrer do romance com meticulosidade genuinamente verniana.

Com os cronogramas de construção e disparo já adiantados, eis que Barbicane recebe um telegrama transatlântico. Através desse comunicado, o aventureiro francês histriônico Michel Ardan se oferece como voluntário para “embarcar” no projétil, sugerindo transformá-lo do obus esférico, previsto no projeto original, num projétil cilindrocônico. Recebido nos Estados Unidos como herói, após o êxito em apaziguar as desavenças entre Barbicane e seu inimigo figadal, o Capitão Nicholl, Ardan propõe que os três embarquem juntos no projétil a ser disparado contra a Lua.

No clímax do romance, a colubrina gigante dispara seu projétil-espaçonave rumo ao satélite, deixando a humanidade e seus leitores em cólicas para saber como se deu a jornada até a Lua e o que se sucedeu com o trio de viajantes-aventureiros.

-oOo-

Muito se tem escrito e comentado sobre a questão da plausibilidade nas obras de Jules Verne em geral e nessa hipótese de enviar pessoas à Lua com um disparo de canhão em particular.

No que tange a esse quesito específico, Verne acusava H.G. Wells de escrever ficção desprovida de plausibilidade científica. Certa feita, quando per-

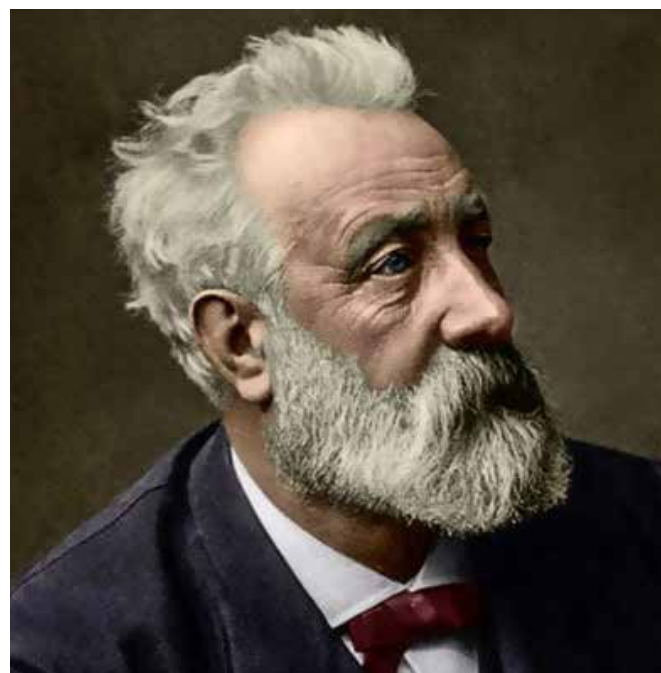
guntaram sua opinião sobre os escritos do autor britânico, Verne teria reagido indignado:

— *Ele mente!*

Pois, para o francês, conduzir seres humanos à Lua no interior de uma bala de canhão oca soava muito mais plausível do que a solução simplista da “cavorita” wellsiana, uma substância desconhecida pela ciência, dotada de propriedades antigravitacionais misteriosas.

O fato é que cada um dos dois pais da ficção científica possuía uma visão particular de como enviar pessoas à Lua. Assim, cada um escreveu sua própria narrativa de viagem lunar e exploração selenita. Primeiro Verne, em *Da Terra à Lua* (1865) e em sua continuação, *Ao Redor da Lua* (1869). Então, Wells, em *Os Primeiros Homens na Lua* (1901).

Após manter seu vasto público leitor em suspensão por mais de quatro anos, naquele que talvez tenha sido o *cliffhanger* mais prolongado da literatura fantástica do século XIX, Verne enfim mostra o que aconteceu com os três heróis em *Ao Redor da Lua*⁴. Desviado pela influência gravitacional do asteroide, o projétil não se dirige ao centro do disco lunar, mas sim ao polo norte do satélite e acaba entrando em órbita em vez de alunissar. Os viajantes julgam vislumbrar a existência de água e vegetação no Lado Oculto da Lua. Enfim, após completar uma órbita



Jules Verne

lunar, os três aventureiros tentam empregar os foguetes que seriam usados para amortecer o pouso na superfície da Lua a fim de se impulsionarem de volta à Terra e acabam mergulhando no Oceano Pacífico⁵.

— *Eu me engano!*

Embora tenha se baseado em cálculos balísticos precisos e advogasse que sua nave-bala deveria atingir a velocidade de escape correta para sair da influência gravitacional terrestre, Verne estabelece uma plausibilidade fundamentalmente implausível, pois a aceleração brutal necessária para fazer o projétil atingir tal velocidade num único disparo decerto esmigalharia os tripulantes, convertendo-os em polpa de carne humana. Ou seja, se o pai britânico da ficção científica moderna mente; o pai francês se engana.

No prefácio escrito para a edição norte-americana da Easton Press, no âmbito da coleção Masterpieces of Science Fiction, Jean Jules-Verne afirma que o avô estaria consciente da plausibilidade implausível supracitada e doutras mais, apontadas por críticos científicos e literários ao longo das muitas décadas decorridas desde a publicação de *Da Terra à Lua* e *Ao Redor da Lua*.

Mesmo admitindo que as alegações esgrimidas pelo neto estejam embasadas em fatos, uma implausibilidade que nunca vi defendida ou sequer comentada é a do metal escolhido para confeccionar o projétil. A nave-bala é inteiramente constituída de alumínio. Ora, como sabemos, o alumínio é um metal combustível. Se as fragatas britânicas que engajaram na Guerra das Malvinas (1827) tiveram suas superestruturas de alumínio terrivelmente incineradas ao serem atingidas por mísseis Exocet, cujas ogivas explosivas e os propelentes incendiaram boa parte das estruturas acima dos conveses principais daquelas belonaves (fabricadas em alumínio, para pesarem menos do que superestruturas de aço), o que deveríamos supor que aconteceria quando cento e oitenta toneladas de nitrocelulose explodissem no interior do tubo alma do canhão, produzindo uma expansão de gases incandescentes monumental sobre um projétil oco de metal combustível? Churrasquinho de aventureiros siderais,

na certa!

-oOo-

Enfim, como se diria à época em que *Da Terra à Lua* foi escrito, conquanto grave, a plausibilidade verniana constitui questão de somenos ante a importância histórica desse clássico seminal da literatura de ficção científica, narrativa que permanece viva até hoje e vívida nas imaginações de seus milhões de leitores, lançada e republicada em dezenas de idiomas e adaptada para o cinema, televisão, quadrinhos, romances gráficos e outras mídias.

Se envelheceu bem como um grande *vin de France* ou não, cabe a cada leitor ou espectador julgar.



Jules Verne


NOTAS

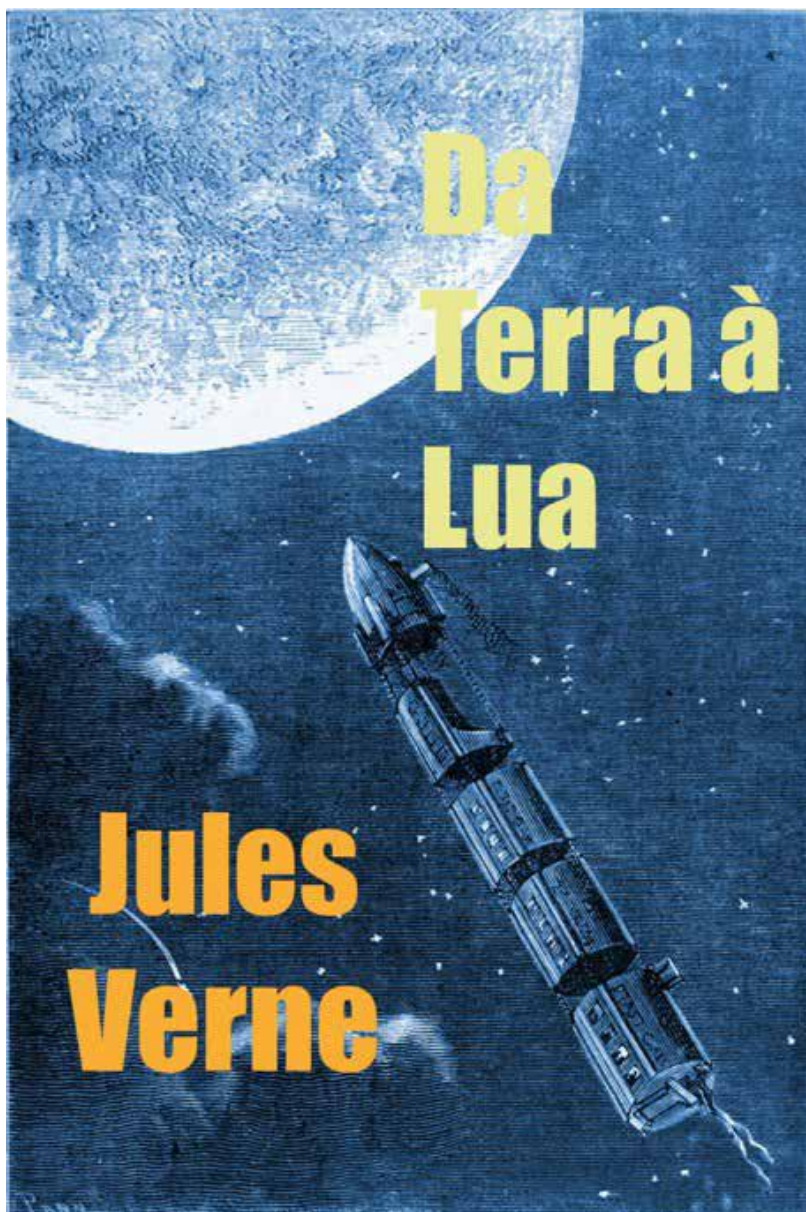
1 - Na elaboração desta resenha, foram empregadas duas traduções distintas de *Da Terra à Lua*: a norte-americana da Easton Press de 1970, de estimação, e a brasileira da L&PM de 2018, releitura para recordar certos detalhes.

2 - Colubrina é um canhão longo e fino, em geral empregado como peça de artilharia fixa, de praça de guerra ou de sítio (Houaiss Eletrônico, 2009).

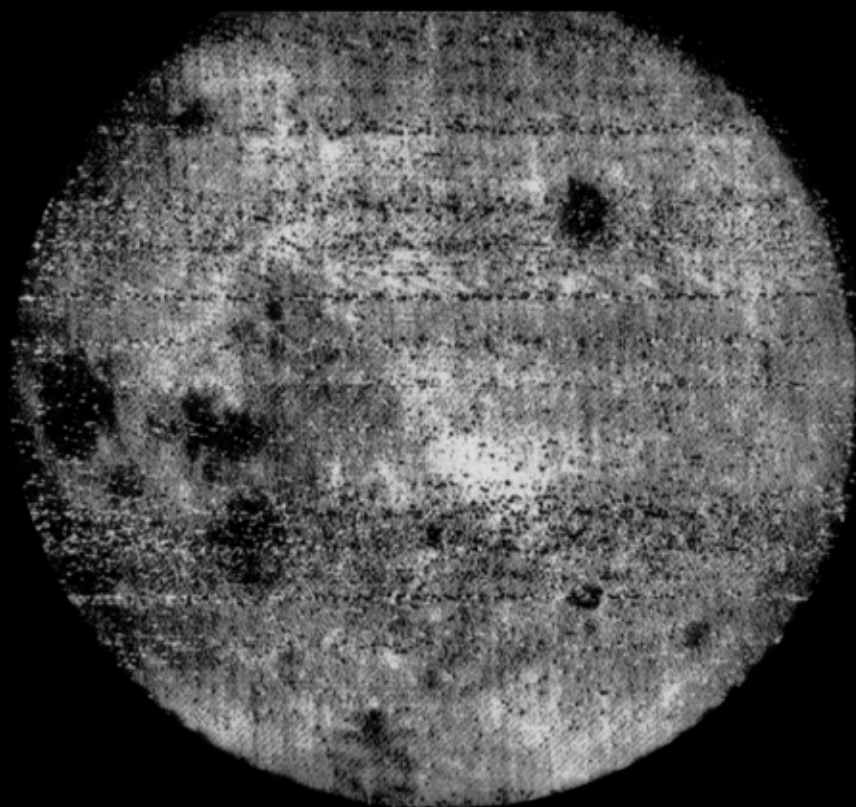
3 - O ideal seria que o sítio de lançamento se situasse na linha do equador, para que a rotação da Terra reduzisse o empuxo necessário para acelerar o projétil até a velocidade de escape (cerca de 11,2 km/s). Na verdade, por causa da rotação terrestre, o foguete ou projétil lançado tangencialmente do equador da Terra para o leste precisa de uma velocidade inicial de 10,7 km/s. Além disso, a Lua orbita ao redor da Terra, grosso modo, sobre o equador. Como se trata de um tiro de canhão, o tubo alma dessa arma precisa estar necessariamente apontado para a posição futura em que a Lua estaria cerca de quatro dias após o disparo.

4 - Jules Verne escreveu uma segunda continuação, após em *Ao Redor da Lua*. No romance *Sans dessus dessous* (1889) – traduzido para o inglês sob os títulos de *The Purchase of the North Pole*, na Grã-Bretanha, ou, numa tradução mais literal do original francês, *Topsy-Turvy*, nos EUA (sem tradução em português) – os sócios do Gun's Club de Baltimore liderados por J.T. Maston (secretário geral da agremiação de artilheiros nos dois primeiros romances), planejam empregar uma colubrina ainda mais descomunal do que aquela erigida em Tampa para “corrigir” a inclinação do eixo de rotação da Terra, tornando-o perpendicular ao plano da órbita terrestre, com o propósito de acabar com as estações e proporcionar a conquista do Ártico.

5 - Um aspecto curioso é que, embora providos de lunetas a bordo do projétil, os viajantes não cogitaram levar equipamentos de fotografia astronômica que possibilitariam o registro das observações efetuadas quando em órbita lunar, embora as técnicas de astrofotografia já fossem conhecidas desde 1840. 

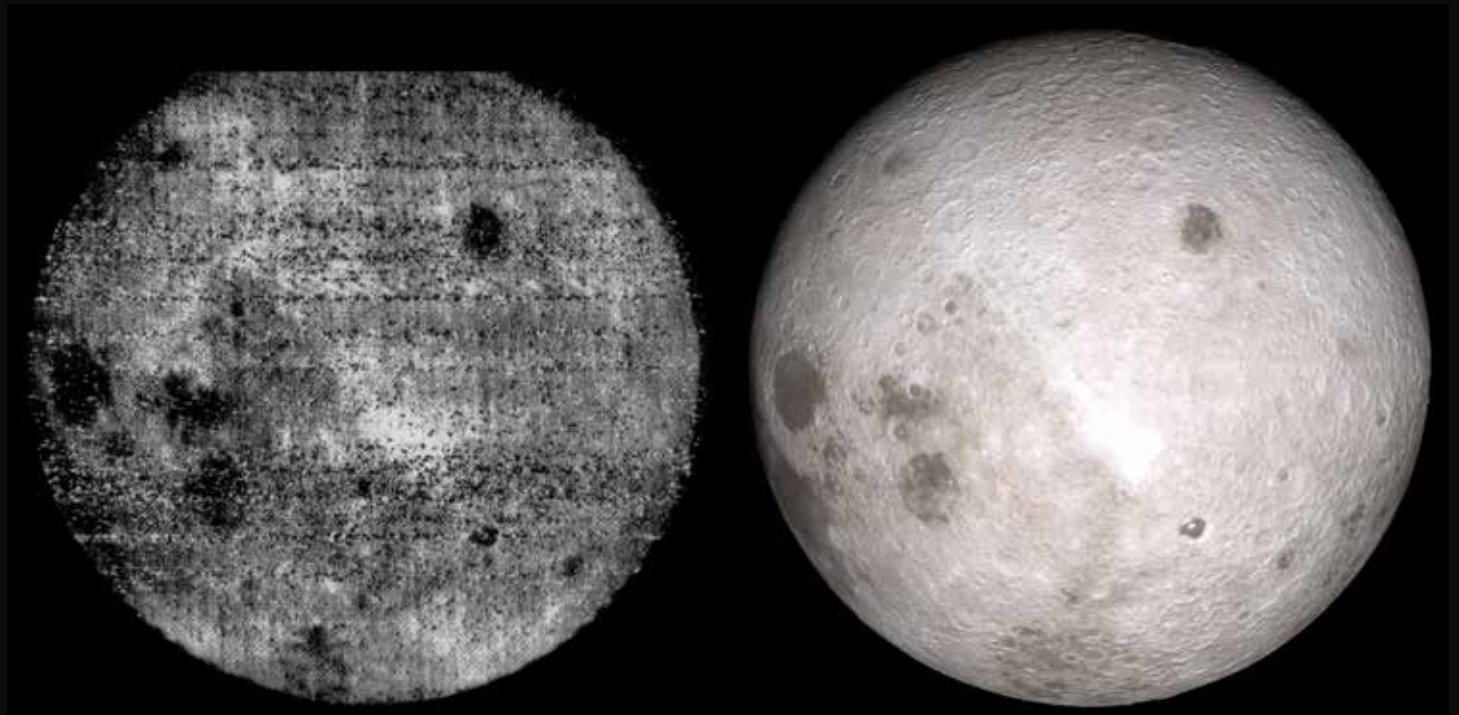


Graduado em engenharia eletrônica e astronomia pela UFRJ, **Gerson Lodi-Ribeiro** publicou dois contos na *Asimov's* brasileira: a FC hard “Alienígenas Mitológicos” e a história alternativa “A Ética da Traição”, narrativa que introduziu esse subgênero da FC no fantástico lusófono. Criador do universo ficcional TAIKODOM. Organizador das antologias de FC&F *Phantastica Brasileira*; *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*; *Erótica Fantástica 1*; *Vaporpunk*; *Dieselpunk*; *Solarpunk*, *Super-Heróis e Dinossauros*. Autor das coletâneas de ficção curta *Outras Histórias...*; *O Vampiro de Nova Holanda*; *Outros Brasis*; *Taikodom: Crônicas e As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, dos livros de não ficção *Vita Vinum Est!*; *História do Vinho no Mundo Romano* e *Cenários de História Alternativa*, e dos romances de ficção científica *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*; *A Guardiã da Memória* (Argos 2012); *Aventuras do Vampiro de Palmares*, *Estranhos no Paraíso* e *Octopusgarden* (Argos 2018).



Em 7 de outubro de 1959 a sonda soviética **Luna 3** tira as primeiras fotos do lado oculto, ou afastado, da Lua.

50 anos depois...



LUNA 3
Lançada em 1959

LUNAR RECONNAISSANCE ORBITER
Lançada em 2009

RESENHA
DA SÉRIE

For All Mankind

/// O QUE, AFINAL, É O QUE NOS MOVE ///

POR FLÁVIO MEDEIROS JR.



Disse uma vez um sábio latino-americano, num diagnóstico cirúrgico, que a vontade do ser humano é movida basicamente por duas forças, seja de forma alternada ou combinada: o estímulo e a necessidade. Não é difícil de comprovar. Você, nerd, se apaixona por aquela peça de memorabilia de sua série de TV favorita, que não serve para nada além de arrancar seu sorriso cada vez que passar por ela, em seu lugar de honra na estante; custa caro; mas você junta uma grana, corta até de outros

gastos teoricamente mais importantes, e compra. Isso é o estímulo. Mas aí você volta de madrugada para casa depois daquela festa, meio tonto, e precisa acordar cedo no outro dia para trabalhar, senão poderá ser demitido. Acorda xingando, mas acorda. Eis a força da necessidade movendo a vontade.

A série *For All Mankind*, já tendo concluída sua segunda temporada no canal de streaming Apple TV+, e mais uma terceira temporada encomendada antes mesmo da conclusão da segunda,

mostra, a meu ver, um exemplo claro da combinação entre essas duas forças em ação. Trata-se de um espécime de um dos mais fascinantes subgêneros da ficção científica, e um dos mais difíceis – para quem escreve – com base na minha experiência própria: a história alternativa.

O princípio básico da história alternativa reside em modificar um fato histórico (um, e somente um!) do nosso passado real, e com isso dar início a uma linha histórica “alternativa”, onde os acontecimentos se encadearam num outro sentido (que pode ser pouco ou muito diferente do passado que reconhecemos). *For All Mankind* costuma ser vendida, na publicidade, como uma realidade alternativa onde o ponto de divergência é o histórico primeiro pouso de um ser humano na Lua, desta vez a façanha de um cidadão soviético. Bem, não é.

Para compreender onde reside o verdadeiro ponto de divergência, é necessário conhecer um pouco do que foi a história real da corrida espacial entre EUA e URSS durante a Guerra Fria. Nesse ambiente tenso pós-guerra mundial, a escalada armamentista e os embates ideológicos, que pareciam estar conduzindo a humanidade para um inevitável holocausto atômico, tiveram um significativo desvio de rumo quando a atenção dos homens se desviou para o espaço sideral.

Estímulo e necessidade. Quando perguntaram a George Mallory, o intrépido montanhista, por que escalar o Monte Everest, sua resposta foi icônica: “Porque ele está lá”. Isso é o estímulo. Na década de 1960, com todo o planeta Terra conquistado, os olhos da humanidade se voltam para “a fronteira final” a ser desbravada, que se estendia infinitamente desde o topo de suas cabeças. Além do mais, e aqui entra a necessidade, as potências da Guerra Fria, buscando formas mais eficientes de superar as fronteiras físicas impenetráveis de seu adversário graças à paranoia, que é mãe da espionagem, viam no *higher ground* a melhor maneira de bisbilhotarem sem serem vistos. Além disso, aquele que conseguisse estabelecer uma base territorial fora do planeta (na Lua, por exemplo) estaria cravando uma mensagem, tanto ideológica quanto de poder, que atingiria a humanidade inteira. Iniciava-se, assim, a “corrida espacial” entre as duas maiores potências do planeta, protagonizada, no

lado americano, por Werner Von Braun, gênio dos foguetes e cientista “importado”, ex-colaborador do regime nazista. No lado soviético, o nênese de Von Braun era um homem misterioso conhecido apenas como *Glavny Konstruktor*. Seu verdadeiro nome, Sergei Korolev, só veio a público após sua morte em janeiro de 1966, em circunstâncias ainda nebulosas, possivelmente devido a uma hemorragia numa lesão tumoral no intestino.

Fato é que, sob o comando de Korolev, o programa espacial soviético superou a corrida contra os americanos nos primeiros tempos, em rounds sucessivos: em outubro de 1957, os russos colocam o primeiro satélite artificial, o *Sputnik 1*, em órbita da Terra, dando aos rivais americanos a incômoda sensação de terem um objeto metálico cheio de antenas passando por sobre seu território várias vezes ao dia; um mês depois, os soviéticos têm sucesso em colocar o primeiro mamífero, a cadela Laika, em órbita da Terra; após alguns sucessos de menor significado dos EUA, os russos cravam a primeira saída da velocidade de escape da Terra, em janeiro de 1959, e no final do mesmo ano alcançam o primeiro impacto em outro corpo celeste (na Lua), e as primeiras fotos em seu lado oculto. A cereja do bolo comunista: em abril de 1961, Yuri Gagarin faz história como o primeiro homem a partir e voltar – vivo – de um voo orbital. Um bônus em junho de 1963: Valentina Tereshkova se torna a primeira mulher no espaço. A essa altura, os americanos já compreendiam a gravidade da situação. Foi entre os voos de Gagarin e Tereshkova que o presidente John Kennedy proferiu seu famoso discurso no Texas, com a frase “Nós escolhemos ir para a Lua”, onde conclamou o povo norte-americano a apoiar a continuação do programa espacial e, mais especificamente, o objetivo na-





cional de realizar uma alunissagem tripulada até o final da década de 1960.

Observem: os americanos viviam a necessidade de superar os soviéticos, atrelada à *necessidade* – política - de contar com a adesão do povo aos pesados gastos financeiros necessários para tal. Os soviéticos, não se iludam, viviam drama semelhante; naquele momento os pesados gastos da corrida espacial já intimidavam o governo russo, e facções internas já pressionavam no sentido de frear aquele ímpeto em favor de um maior investimento na produção de armas nucleares. Mas a URSS tinha o estímulo poderoso de ter, no comando do programa, o vitorioso Korolev, e assim o investimento foi mantido... até que o homem faleceu inesperadamente, em 1966. O N1, poderoso foguete que levaria os cosmonautas, explodiu em quatro tentativas de lançamento, dando força aos opositores do programa.

Aqui temos, portanto, nosso cenário histórico e nosso ponto de divergência, gerando a linha do tempo (TL) alternativa de *For All Mankind*. Os sites que estampam a linha do tempo oficial da série indicam que, nesse universo, **Sergei Korolev não morreu**. Sendo assim, ele comandou o programa espacial soviético até alcançar a proeza de colocar o primeiro ser humano na Lua, meses antes da data prevista pelos americanos. A série começa com Ed Baldwin, astronauta (fictício) vivido por Joel Kinnaman, sentado num bar com cara de quem acaba de ver seu time do coração perder o jogo do campeonato mundial, assistindo pela TV o astronauta (verdadeiro!) Alexei Leonov pisar na Lua e dedicar a conquista “ao país, a seu povo e ao modo de vida marxista-leninista”. Essa nova “passada de perna” é considerada o maior fracasso de inteligência da história dos EUA, e a pressão se multiplica sobre a vindoura missão da Apollo 11. A Casa Branca cancela o planejado telefonema

de Nixon para os astronautas, pois “ninguém liga para quem chega em segundo lugar”. Por outro lado, Nixon decide dar a volta por cima estabelecendo a primeira base lunar, o que acarreta o cancelamento de outro projeto de Von Braun, o Skylab.

Essa euforia meio amarelada dura pouco. Ocorre a segunda missão tripulada dos soviéticos, e desta vez quem cumprimenta o mundo a partir da Lua é uma mulher. A URSS conquista, assim, o feito histórico e pioneiro de ter seu Adão e Eva espaciais. É claro que Nixon fica “P da vida”, e exige uma americana na próxima missão Apollo. O programa que testava mulheres candidatas a astronauta – existente também na nossa TL – é acelerado a toque de caixa, e a escolhida, por imposição governamental, é Tracy Stevens, uma das menos bem sucedidas nos testes; ela é esposa do astronauta Gordon Stevens, jovem, bonita e piloto, que representaria perfeitamente o ideal do modo de vida americano.

Como se vê, na série capitaneada pelo *showrunner* Ronald D. Moore (*Outlander*, *Galactica*) a corrida espacial não perdeu fôlego, como aconteceu na nossa realidade depois que os americanos conquistaram a Lua e os soviéticos, desanimados, voltaram a investir nas armas atômicas. É preciso assinalar que até hoje, em 2021, a Rússia ainda não realizou a proeza de colocar um cidadão na Lua, embora tenha tido sucesso em duas importantes primazias: o Programa Lunokhod, que colocou os primeiros hovers na Lua, e o Programa Luna que, entre outras coisas, trouxe a nós amostras do solo lunar.

É interessante observar como em *For All Mankind*, onde a Guerra Fria literalmente se transferiu para o espaço e evoluiu logicamente para a militarização da Lua, personagens fictícios contracenam com pessoas reais da nossa TL. Von Braun, Leonov, Neil Armstrong, Michael Collins, Buzz Aldrin, Gene Kranz, convivem com pessoas fictícias, mas muito bem caracterizadas. Algumas delas, obviamente, são “homenagens” a pessoas da vida real. A personagem Margo Madison (Wrenn Schmidt) é uma versão ficcional de Margareth Hamilton, cientista de computação do MIT e criadora do software que, num episódio pouco comentado, impediu que um erro do computador da Apollo 11 abortasse seu pouso na Lua. Já a astronauta Ellen Wilson (Jodi Belfour), que luta entre sua carreira e o segredo de

sua homossexualidade, é uma óbvia homenagem a Sally Ride, a primeira astronauta americana (1983), que em seu leito de morte finalmente pôde “sair do armário”. Uma maneira prazerosa de se acompanhar essas semelhanças é assistir, também, a série “Os Eleitos” (Amazon Prime), infelizmente cancelada após a primeira temporada, mas que, com base no livro de Tom Wolfe (“The Right Stuff” – 1979), que também gerou um filme homônimo em 1983, acompanha os primeiros passos do Projeto Mercury e a gênese daqueles que seriam os primeiros astronautas americanos. A semelhança é claríssima entre os – reais – Gordon “Gordo” Cooper e Trudy Cooper, ele astronauta, ela piloto, casados e depois divorciados, e os - ficcionais – Gordon “Gordo” Stevens (Michael Dorman) e Tracy Stevens (Sarah Jones), ambos astronautas, casados e depois divorciados, protagonistas de uma das poucas sequências na TV que já me arrancaram, literalmente, lágrimas dos olhos, no último episódio da segunda temporada.

Nesse mundo alternativo, da mesma forma que em nossa realidade, as guerras aceleraram (por *necessidade*) o avanço de várias conquistas científicas. Os carros elétricos já são uma realidade cotidiana em 1983, e uma cena pós-créditos, ao final da segunda temporada, mostra um par de botas esmagando o solo marciano em 1995 (vamos lá, temporada 3!).

Cada episódio da série apresenta uma trama fechada em si mesma, mas sem perder o fio da meada para o arco maior da temporada, o que achei muito bem executado. Alguns *subplots*, aqueles que o roteirista usa para recheiar os capítulos quando sobra tempo da trama principal, me pareceram bem conectados à trama: o da homossexualidade de Ellen Wilson e o do “affair” contido entre Margo Madison e um cientista soviético, por exemplo. Já nem tanto a aventura da família mexicana na tentativa de se estabelecer nos EUA, que me pareceu não apenas solta, mas muito piegas. Já alguns acontecimentos me fizeram constatar, tarde demais, que estava inevitavelmente fisgado pela série pelo lado emocional. Além do já mencionado “verter de lágrimas” no episódio “Gray” (um dos melhores episódios de série de 2020, e meu candidato ao Prêmio Ray Bradbury conferido pela SFWA), a experiência vivida por Ed Baldwin durante uma grave crise familiar, quando estava confinado na base Jamestown da Lua, ainda durante a primeira temporada, acrescentou em minha vida uma nova noção do terror representado pela palavra “claustrofobia”.

Em resumo: *For All Mankind* é uma das melhores séries de ficção científica de todos os tempos, na minha opinião. Dê um jeito de assistir, por estímulo, por necessidade, ou pelos dois. Vale muito a pena.



Flávio César de Medeiros Junior é médico oftalmologista em Belo Horizonte. Participa de diversas antologias com contos e noveletas, tendo ganho o Prêmio Argos de “Melhor História Curta” em 2012. Publicou três romances de FC: “Quintessência”, “Casas de Vampiro” e “Homens e Monstros – A Guerra Fria Vitoriana”. É associado ao CLFC e à SWFA.

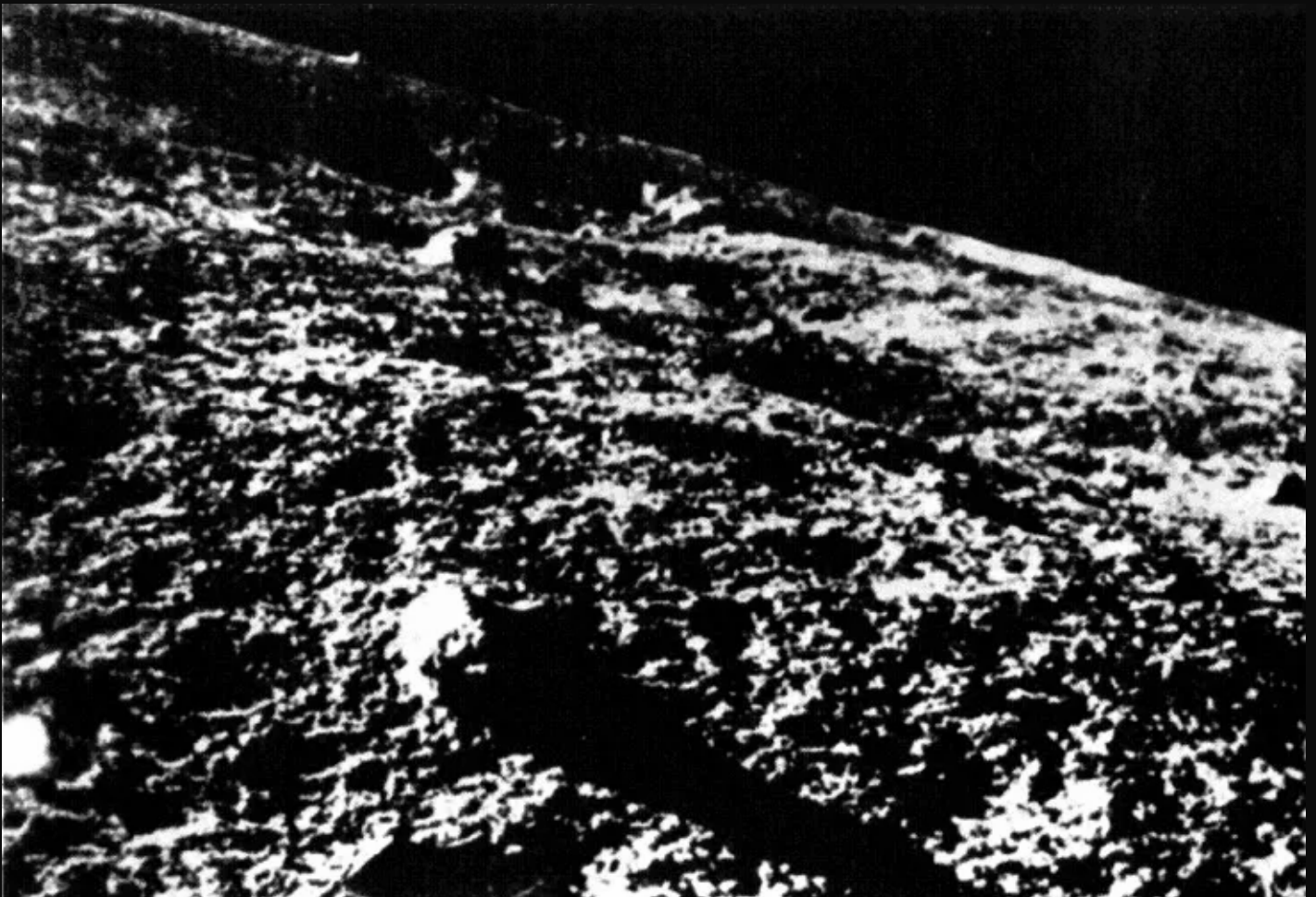


Réplica da Luna 9 em exibição no Museu do Ar e Espaço de Paris, Le Bourget.

LUNA 9

Luna 9 foi a primeira missão de pouso suave na lua. A espaçonave soviética chegou três anos antes que os primeiros humanos pisassem na superfície. Era parte de um programa de longo alcance da União Soviética para fotografar e aprender mais sobre a lua.

Foto tirada pela Luna 9 enquanto descia para seu pouso.





A mais antiga fotografia sobrevivente conhecida da Lua, um daguerreótipo tirado em 1851 por John Adams Whipple.

ABUTRES EM ALTITUDE MÁXIMA

Julierme Rabello de Souza



I

A limusine do Secretario de Infraestrutura Espacial flutua pela avenida central. Nas calçadas, atrás dos androides de segurança que buscam manter o cordão de isolamento bem firme, estão milhares de civis em protesto. Faixas são brandidas acima das cabeças e palavras de ordem ecoam pelas ruas. Dentro da limusine, que avança escoltada por quatro Jipes militares, o Secretario Antony Clarke olha a multidão como se olhasse o movimento calmo de um rio. Ao seu lado seu assistente, Robert Harris, digita qualquer coisa em um tablete, vez ou outra olha com o cenho franzido para a multidão. O silêncio dentro do carro oficial o incomoda, mas ele está há muito tempo com Clarke e conhece aquela expressão, sabe o que significa aquele silêncio contemplativo que emana do Secretario.

Conforme a limusine se aproxima cada vez mais da Casa Branca a multidão lá fora parece ficar mais numerosa. No dia anterior Clarke havia passado por

aquelas mesmas ruas, havia feito o mesmo trajeto e só encontrou o trânsito tortuoso de costume, o policiamento preventivo de sempre. Mas agora não se surpreenderia se um helicóptero Apache desse rasantess sobre eles. Aquela era a reviravolta que um homem atrás de um computador podia fazer, não tinha vinte e quatro horas que a notícia havia vazado para o mundo todo e tudo já havia virado de cabeça para baixo, tanto ali nas ruas de Washington quanto nos continentes além mar. Natasha surgiu em seus pensamentos, imaginou o que ela estaria achando daquilo tudo.

— O que impede que um desses caras esteja armado e dispare contra nós? — Pergunta Robert não aguentando mais o silêncio.

O Secretario tira os olhos da multidão e, através do para-brisa da limusine, olha para os portões da Casa Branca que estão se aproximando.

— O mesmo que impede a Coréia ou a Rússia de nos atingir com um míssil atômico. — Responde

o Secretario no momento em que a limusine para diante dos pontões que começam a se abrir.

Robert o encara sem palavras.

A limusine entra nos domínios do presidente dos Estados Unidos e o batalhão de soldados e andróides nos gramados, guaritas e no telhado do prédio parecem prontos para uma guerra contra aqueles pobres coitados que gritam palavras de ordem com cartazes e faixas lá do outro lado das grades. Por um breve segundo o Secretario imagina que poder aquele sistema de defesa teria contra um foguete nuclear vindo de Tóquio ou de Israel.

II

Se o presidente não conhecesse tão bem o seu Secretario de Infraestrutura Espacial teria oferecido uma das poltronas da sala para que ele se sentasse. Clarke, parado de pé com as mãos nos bolsos ao lado de uma das janelas da sala de reuniões, olha a multidão lá nas ruas enquanto ali dentro a reunião começa meio sem rumo, todos em alarde, como se fossem crianças com um brinquedo quebrado nas mãos. O presidente ocupa a cadeira central e ao seu lado estão sua Secretaria de Defesa, o diretor da CIA e o Chefe do Estado-Maior.

— ... antes disso quero que ache o responsável, agente Louis! Preciso saber quem invadiu nossos arquivos e roubou nossas informações!

— Trabalhamos com a ideia de que não foi um responsável... quero dizer... não foi apenas um homem, com certeza isso foi feito por alguma organização de muita...

— E o que isso importa? — Interrompe Clarke finalmente olhando para os demais na sala de reuniões. — O que vai mudar se acharmos o hacker responsável? Ou a organização? — O Secretario olha para Louis.

— Alguém tem que responder criminalmente por esse ato! — Afirma o presidente. — Precisamos de um culpado, precisamos de um nome, de um...

— Se um furacão está devastando Los Angeles, começar a chamá-lo de brisa não vai mudar seu poder de destruição. — Diz o Secretario.

O presidente gira uma caneta nos dedos, seu gesto de impaciência contida. Os outros apenas olham para Clarke esperando que aquele homem com ar sempre cansado continue.

— O estrago já está feito, presidente — pontua Clarke. — O mundo agora já sabe do Projeto Emet. Ninguém que você culpar, ninguém que prender mudará isso. O mundo lá fora já está com o dedo no gatilho, e nada que fizermos mudará o fato de que nós somos o alvo.

Um silêncio palpável envolve a sala. O Chefe do Estado-Maior olha para a mesa de mogno, quer apenas fugir do olhar fundo do Secretario de pé diante deles. O presidente se recosta na poltrona, joga a caneta sobre a mesa e passa as mãos pelos cabelos. As palavras de Clarke trouxeram para o mundo real o que todos buscavam fingir que não podia existir.

O Secretario se aproxima da mesa, para diante de George Walker, diretor da Cia, e aponta para o tablete que ele tem em mãos.

— O que sabem sobre os nossos aliados lá fora, senhor Walker?

— Segundos depois que os arquivos sobre o Projeto Emet vazaram, as cartas dos países aliados começaram a chegar, pedem que nos pronunciemos em vinte e quatro horas.

— Então nosso tempo está acabando. E ainda não fizemos nada, não demos nenhuma resposta — Clarke diz isso encarando o presidente, que aos poucos vai ficando ainda mais desconfortável. — E sabem muito bem o motivo... Não há nada a ser dito. Está tudo no Projeto Emet, planos, missões, relatórios, tudo. E agora eles já sabem.

O presidente se mexe na cadeira.

— O que sugere que façamos então, senhor Clarke? Que eu fique sentado esperando a terceira guerra mundial cair na minha cabeça? É isso?

— A sua grande ideia é colocar um hacker na frente das câmeras e dizer que ele é o culpado por vazarem nossos arquivos. Acha que isso vai resolver o problema? Acha que isso vai fazer nossos aliados voltarem a se preocupar com a fome em seus terri-

tórios, com este apocalipse em curso, e fará com que esqueçam que os Estados Unidos da América possui um plano de escape ultra secreto? Pensou isso mesmo? — Clarke aponta para a janela atrás de si. — Nem o seu povo lá fora vai se contentar com isso.

Finalmente o Chefe de Estado-Maior ergue os olhos da mesa de mogno e olha para Clarke, inveja a coragem daquele homem.

— O que o resto do mundo diz sobre nós? — Pergunta Clarke para o diretor da CIA.

— Bem... — o homem desvia os olhos para o seu tablete. — Existem algumas ameaças... Na verdade alguns países já tem exércitos em movimento, alguns mísseis em posição, também pediram um pronunciamento em vinte e quatro horas, mas...

— Meu Deus! — Diz o presidente apoiando os cotovelos na mesa e baixando a cabeça. — Quantos países, Walker!?

— Israel, Rússia, Coréia, Japão, Índia, Egito...

O presidente soca a mesa e Walker decide não terminar de ler a lista.

— E a ONU nisso tudo? — Pergunta o Chefe de Estado-Maior.

Clarke apenas sorri e o presidente o encara esperando algo, Clarke compreende e diz:

— Foi na última reunião da ONU que o senhor disse que nós, os Estados Unidos da América, faríamos de tudo para colaborar com a restauração desse planeta, e agora, meses depois eles descobrem que temos um plano para fugir daqui. O que acha que estão pensando? — Dá as costas a eles e volta a se aproximar da janela. Nota num canto da sala, sobre uma mesa baixa, o telefone de emergência do presidente, nota também que o aparelho está desconectado da tomada. — O esconde-esconde acabou, presidente. É hora de enfrentar a crise.

— Enfrentar a crise? O que está sugerindo, Clarke?

Antony Clarke volta-se para eles, encosta-se na janela.

— Não é uma sugestão.

— Quer que eu inicie a terceira guerra mundial? É isso?

— Ela já começou, presidente. Começou há três anos quando invadimos o Brasil para tomar o resto da floresta amazônica que ainda restava lá, começou quando a Inglaterra interviu nas guerras civis que assolavam o continente africano, quando Israel decidiu que queria expandir seus territórios, começou quando a água acabou e nós, seres humanos, começamos a matar nossos vizinhos pelo resto de lama que ainda sobra nesse planeta devastado.

— Deus! Não diga isso, Clarke.

— Já olhou pela janela hoje, presidente? Acha que aquelas pessoas tomaram banho hoje? Como eu e você que recebemos nossa água tratada pelos caminhões pipa que são escoltados por exércitos de andróides por essas rodovias? A última vez que aqueles homens lá fora viram água que não fosse lama ou urina refiltrada, presidente, foi há sete meses quando tivemos a última chuva acida dessa cidade.

De novo o silêncio envolve a sala como uma sombra vinda de outro mundo.

— A crise já começou há tempos, presidente. — Clarke vai se aproximando da mesa. — Os rios já secaram, os oceanos já estão tão poluídos que em alguns lugares as águas já são vermelhas, não existem mais árvores no mundo, o céu, se você olhar bem, já está ficando roxo, cinzento em algumas partes do mundo, o solo está rachando e muitos afirmam que em certos pontos do globo vaza enxofre dessas rachaduras. Agora, presidente, agora só falta as bombas caírem, ninguém tem mais nada a perder. — Clarke olha para todos por um momento, depois se fixa novamente no presidente. — Então é melhor ligar aquele telefone na tomada, discar para os poderosos que compraram um lugar nas naves Emet e partir o mais rápido possível, porque se a primeira bomba cair sobre Cabo Canaveral, morremos com esse planeta.

III

O Secretario de Infraestrutura Espacial Antony

Clarke deixa-se cair no sofá de seu escritório particular, afrouxa a gravata e tenta apagar a imagem da multidão nas ruas em frente à Casa Branca. Mesmo quando regressava para sua casa encontrou alguns grupos de manifestantes pelos bairros, a limusine teve de avançar devagar, ali não havia cordão de isolamento formado por andróides, ali policiais de escudos e cassetetes e balas de borracha tentavam dissolver os manifestantes. O que será que Natasha pensaria daquela cena? A memória do Secretário fica tumultuada de repente, flashes da manifestação são entrecortados pelos sorrisos de Natasha e, sem que possa evitar, a cena que odeia recordar inunda suas lembranças... Tem sangue pela calçada, pelas vidraças, sangue... Clarke olha para o lado e Robert está ali no sofá, tem as mãos entrecruzadas, apoia o rosto nelas e fita o chão. Clarke não diz nada, acha que não há nada para ser dito, nem para Robert nem para a lembrança de Natasha, mas Robert decide dizer algo e pergunta sem tirar os olhos do piso cintilante:

— Qual país tem mais chance de atacar primeiro?

— Qual a diferença? Se vir da Rússia ou do Cazaquistão?

— Meu falecido tio Edison era perito em armamento desse tipo, falava sobre as tecnologias usadas nas construções dessas coisas... Algumas bombas são mais eficazes que outras.

Clarke o olha em silêncio por um tempo.

— Você tem um lugar nas Emet, não devia se preocupar com isso.

— Eu sei.

Novo silêncio. Clarke adora o som vazio do nada, mas sabe que Robert não é assim, ele sempre está falando, comentando, discutindo e se não está agora é porque está muito perturbado. Pela primeira vez em anos Clarke se sente desconfortável com o silêncio de seu assistente.

— Tenho um vizinho — começa Robert, — tem uns setenta e poucos anos, boa gente, sempre me leva algo que a esposa faz aos domingos, um pedaço de bolo, um pouco de sopa; trabalhou a vida toda numa companhia de energia... Ele não tem um lugar

nas naves Emet.

Já haviam falado disso antes, pensa Clarke, mas talvez o fato de que agora as circunstâncias são outras tenha mexido demais com Robert. Olha para uma mesa no canto. Lá está sua iguana, imóvel num canto da caixa de vidro que habita. Clarke se levanta e caminha até a iguana, olha para o animal dentro da caixa, talvez o último da espécie vivo no mundo.

— Esse lagarto, dizem que é um parente distante dos dinossauros. — Pega o animal com a mão e sente a cauda enrolar-se em seu antebraço. — Quando o meteoro caiu... — faz um gesto com as mãos simulando uma explosão — “bum”... Extinção. — Ergue o lagarto até seu rosto. — Mas esse cara está aqui, muito tempo depois do meteoro. Isso significa que alguém escapou da rocha espacial. No subsolo, no fundo do mar, em algum lugar alguém escapou, e sobreviveu. — Estende a iguana na direção de Robert que agora olha para os dois. — E assim a evolução segue seu curso.

— Os ancestrais da sua iguana sobreviveram porque estavam escondidos? Achei que quem sobreviveria seriam os mais fortes e não os covardes.

— Talvez não os mais fortes, mas os mais inteligentes.

— Eu não sei concertar um disjuntor elétrico, meu vizinho sabe. Isso o faz mais inteligente do que eu. Por que eu vou estar na Emet e ele não? Por que ele não pode pagar? Simples assim?

Clarke puxa a iguana para si novamente, acaricia o animal. O fato de já terem falado disso antes o incomoda, não gosta de repisar certos terrenos, ainda mais algo complexo assim. Bom, complexo para os demais, porque ele tem uma opinião bem formada sobre o assunto e mesmo sua opinião indo contra a humanidade, Clarke consegue dormir bem à noite.

— Eu e você também não poderíamos pagar por uma passagem nas Emet. Só estamos lá porque trabalhamos para a NASA e não para uma companhia elétrica. — Coloca o lagarto de volta na caixa de vidro e deixa o escritório.

IV

O vazamento dos arquivos sobre as naves Emet deixou o mundo em alerta máximo. As vinte e quatro horas para os Estados Unidos se pronunciarem estava perto do fim quando as medidas adotadas pela Casa Branca foram enviadas aos governadores dos estados americanos por uma linha sigilosa. Fronteiras seriam fechadas, o espaço aéreo totalmente isolado para voos externos e qualquer tipo de desordem deveria ser punida. O pronunciamento mundial aconteceria no Pentágono e seria transmitido pela própria equipe do presidente às 18:00 horas daquela tarde. Quando essa notícia espalhou-se pela mídia o mundo entrou em estado apreensivo e o caos pareceu diminuir um pouco.

O helicóptero que levava o Secretário Clarke e seu assistente até Cabo Canaveral sobrevoava rodovias totalmente congestionadas em todas as direções. Eram milhares de pessoas fugindo para lugar nenhum. Robert tentava não pensar nas pessoas que abandonavam os carros e começavam a seguir a pé, olhava as nuvens distantes, nuvens negras num céu cinzento, não era sinal de chuva, era apenas a poluição em excesso. Fechou os olhos e imaginou um míssil rasgando aquele céu imundo, imaginou o rastro de fogo deixado por ele, imaginou o impacto, a terra se abrindo, mas abriu os olhos e não havia nada, só a multidão lá embaixo fugindo para o nada.

O celular de Clarke tocou e ele atendeu o presidente que já estava em Cabo Canaveral.

— A situação parece ter se apaziguado um pouco com a mentira.

— Diga a um agricultor que em breve a chuva virá, que ele olhará para o céu por um tempo esperando a chuva, mas quando ele perceber que ela não veio...

— Odeio essas suas frases, Clarke.

— Então que bom que não vamos ficar na mesma cabine. — O Secretário dá uma olhada para baixo. — Quantos passageiros você conseguiu avisar?

— Americanos? Todos. Todos estão vindo.

— E o resto?

— Avisamos alguns, os que estão mais próximos e

os que têm tecnologia para vir rápido, chegarão com tempo. Era para lançarmos Emet apenas no ano que vem, isso foi cinco meses de antecipação em poucas horas, sabe o transtorno que isso causou?

— Não faça essa pergunta para mim, presidente. Mas sabemos muito bem que as Emet estão prontas há meses.

— Sim, mas tínhamos toda uma questão política, você sabe, Clarke. Tínhamos que esperar todos chegarem, embarcar todos que compraram uma cabine.

— Não existe mais “questão política”, presidente. Emet tem que partir.

Clarke desliga o telefone ao mesmo tempo em que o piloto automático do helicóptero informa:

— Cabo Canaveral à frente, senhores.

Robert olha para frente, se inclina na poltrona. O céu está tomado por helicópteros chegando e outras aeronaves mais sofisticadas como os pequenos planadores-jato. As aeronaves pousam na plataforma lá embaixo e seus tripulantes são rapidamente conduzidos por andróides para as comportas que vão para o subterrâneo.

— É incrível pensar que as Emet foram construídas no subsolo, são gigantescas.

— Estão escondidas lá há doze anos, desde o início de sua construção. — O Secretário olha para o prédio do Centro Espacial Kennedy que reflete o brilho do sol e pensa que Natasha adoraria ver aquela imagem. — E agora vão finalmente entrar em operação.

— E se falharem? Nunca puderam ser testadas.

— Fizemos projeções e temos que confiar nelas. — Clarke recosta-se na poltrona e fecha os olhos enquanto o helicóptero desce lentamente. — Mas na verdade, já foram testadas antes.

Robert olha o Secretário, mas não faz perguntas agora, um misto de temor e ansiedade o paralisa.

V

Saindo do helicóptero Robert segue o Secretário que segue o andróide que vai guiando os dois pelo

complexo de corredores no subterrâneo. Clarke passou os últimos anos de sua vida ali, naquelas gigantes instalações escondidas das vistas do mundo, conhece o caminho, mas o androide precisa seguir sua programação. Cruzam por corredores e descem elevações sutis, mas que a cada metro parecem levar mais para baixo. Em poucos minutos passam diante de uma parede de vidro e Robert para de andar, se aproxima da vidraça e encara a enorme construção do outro lado.

— Nunca as tinha visto tão de perto.

Clarke olha para trás.

— Da sala de Operação não parece ter essa dimensão, não é?

— Não chega nem perto.

Além da vidraça, as três imensas naves do Projeto Emet descansam em suas bases de decolagem. Lá embaixo Robert enxerga pessoas caminhando para as rampas de embarque, são como formigas vistas dali de cima.

— Essa primeira é a nossa, — diz Clarke apontando para a Emet em primeiro plano, — é a Armstrong, na sequência temos a Aldrin e por último — ele a olha por um momento em silêncio — a Natasha.

Robert desvia o olhar para o Secretário.

— Algo pode dar errado lá em cima?

— Tipo um míssil nos atingir enquanto decolamos? Claro que pode.

Não era isso que Robert tinha pensado, mas agora é mais um temor para tirar-lhe a paz.

— Não assim. Eu falo lá em cima, na lua.

Agora Clarke olha para ele e pensa, a humanidade nunca fez nada parecido com isso antes, então é claro que tudo pode dar errado, mas diz:

— Não, Robert. As Emets vão partir, viajaremos até a lua e pousaremos lá, Armstrong, Aldrin e Natasha pousaram bem próximas uma da outra, estão programadas para isso, depois do pouso perfeito os corredores de ligação das três serão ativados, são

grandes tubos de metal que ligarão uma nave a outra, com isso as três terão comunicação física entre si. — Ele olha para as Emets lá embaixo. — Você está olhando para a primeira cidade móvel da história da humanidade, vamos levá-la para a lua e vamos habitá-la lá. — O último olhar que Clarke lança para as naves é coberto de sombras. Dá as costas ao assistente e retoma a caminhada.

— Mas e se acontecer o que você disse? — Robert pergunta.

— Se algum míssil nos atingir na decolagem? Bom, se atingir todas as três Emets... todos morreremos, mas se ainda restar ao menos uma, ela será autossuficiente. A raça humana poderá ainda viver na lua.

Depois de mais alguns passos pelos corredores da instalação subterrânea o Secretário e seu assistente já estão embarcados em sua nave Emet. Clarke pede para que Robert fique na cabine onde irão morar dali para frente e dirige-se para a sala de reuniões onde o presidente e sua comitiva estão em contagem regressiva e apreensiva.

— ... podem nos atingir? — Está dizendo o presidente quando Clarke entra pela porta automática. Todos na sala olham para ele, cerca de vinte pessoas ou mais. — Clarke, como é o sistema de defesa das Emets? — Pergunta o presidente aproveitando sua entrada.

Clarke olha para todos, vê rostos conhecidos e desconhecidos, alguns estrangeiros que ele imagina serem líderes aliados.

— Está preocupado com o fato de que podemos ser abatidos por um foguete, presidente?

— Todos estamos, Clarke. A possibilidade é real. Walker disse que Israel avisou que não pretende esperar o nosso pronunciamento antes de atacar. Eles estão com ogivas nuclear apontadas para os Estados Unidos!

Clarke olha para alguns dos presentes que o encararam com os cenhos franzidos.

— Senhores, em primeiro lugar sou Antony Clarke e respondo como Secretário de Infraestruturas.

tura Espacial. Tudo que está ao redor de vocês passou por minhas mãos ainda quando era apenas um projeto rabiscado num pedaço de papel reciclado, e sim, as Emets podem ser derrubadas por um míssil externo...

O burburinho que explode na sala engole o restante de suas palavras. O presidente tenta acalmar os ânimos, mas só faz gritar quase mais alto que todos os outros. Clarke dá as costas a eles e deixa a sala. Quando o presidente nota, levanta-se e vai atrás dele. O alcança no corredor.

— Como pode dizer isso para todos aqueles...

— Mentir ali agora não adiantará nada, presidente. Confio em nossos pilotos, devia fazer isso também.

— Mas e os sistemas de defesa das Emets?

— Existem e funcionam, presidente. Mas nunca o testamos na prática, como a nave toda, aliás, mas agora imagine você, o primeiro teste das Emets será justamente fugindo de mísseis atômicos! É um belo desafio.

Clarke dá as costas ao presidente e volta pelo corredor para a cabine que habitará com seu assistente na colônia lunar. Quando atravessa a porta e ela se fecha atrás dele, Clarke fecha os olhos, encosta-se na porta e deixa o corpo escorregar até o chão. De repente um peso insuportável o esmaga de encontro ao piso. As palavras do presidente ecoam em sua mente: “Israel avisou que não pretende esperar o nosso pronunciamento antes de atacar.” O sorriso de Natasha surge na memória e de repente os lábios dela estão dizendo: “Sempre que vejo um político engravatado o imagino como um abutre, eles sobrevoam lá de cima, apenas esperando o momento certo.” Clarke esfrega os olhos com força, tenta afastar tudo aquilo de sua cabeça, mas então suas próprias palavras voltam a ecoar: “Tudo que está ao redor de vocês passou por minhas mãos...”. E agora ele pensa, tudo aquilo passou por suas mãos e pelas mãos de Natasha.

Robert se aproxima de Clarke e estende um copo de café fumegante. O Secretário aceita e se levanta

do chão, passou alguns minutos ali, não se lembra ao certo quantos foram, mas foi o suficiente para seu assistente ferver aquela água de batata que ele insiste em chamar de café. Prova um gole e se arrepende de ter aceito.

— Por que disse que as Emets já foram testadas antes? — Pergunta Robert em uma das poltronas bebericando seu copo.

— Porque já foram. Desde a primeira nave lançada no espaço, desde as missões Apollo, Emet vem sendo testado.

Robert coloca seu copo sobre uma mesa ao lado.

— Isso tem muito tempo, muito tempo.

— Todos os projetos anteriores trouxeram até as Emets. A tecnologia da Apollo 11 perto das naves do projeto Emet é como um cata-vento perto de um motor R-450 autossuficiente. Mas tudo aqui existe graças ao que veio antes.

— Você não devia estar naquela sala?

— Devia, em condições normais precisaríamos estar na sala de reuniões acompanhando o lançamento, mas não estamos em condições normais... estamos em desespero. Os pilotos já têm ordens de lançar as naves no momento certo, não precisam de nós, não precisam de mim.

Antony Clarke deixa a sala comum e atravessa o corredor até seu dormitório. É um quarto amplo e muito mais luxuoso do que qualquer edifício de primeira classe em Washington. Deita-se na cama e fecha os olhos e nesse momento os sistemas sonoros comunicam que o momento se aproxima, a exibição do discurso do presidente dos Estados Unidos para o mundo acabou de começar. Clarke sabe o que está acontecendo. Naquele momento, todos que possuem uma tela conectada a internet ou ao sistema televisivo acompanha o presidente dos Estados Unidos da América se pronunciar sobre o vazamento de informações secretas sobre um plano de fuga da Terra. Todos acham que o discurso está sendo feito ao vivo do Pentágono, mas na verdade foi gravado horas antes. Nessa gravação o presidente esclarece para o mundo o que é o Projeto Emet; um trabalho de anos

de pesquisa para construir três naves que rumarão para a lua e instalará no satélite natural uma colônia humana, visto que o planeta Terra já não é mais viável. O presidente estará dizendo agora que o único problema é que esse projeto é caro e levará anos ainda para ser concluído, que não existe motivo para alarde e que... Clarke para de imaginar o discurso, abre os olhos sente a nave se movendo, sabe, estão decolando, estão deixando o subterrâneo, logo irão ganhar os céus e depois o espaço.

— Achei que esperariam o discurso acabar — diz Robert depois de bater na porta e entrar com um tablete nas mãos.

— Está assistindo isso?

— Sim.

— Em que parte ele está?

— Está dizendo que talvez ainda leve vinte anos para o projeto ficar pronto e que todos serão...

— Aproveitaram que o mundo está acompanhando esse discurso. Nesse momento todos os olhos do globo devem estar vendo o presidente nessa mentira. Até se tocarem que as naves decolaram já estaremos longe. — Clarke fecha os olhos de novo e respira fundo.

Robert reconhece aquilo. Vai saindo de mansinho do quarto, mas na porta para e escuta Clarke que pede:

— Se me procurarem diga que não estou bem, não atendo ninguém.

— E se for o presidente?

— Nem se for Deus.

Robert sai e Clarke se sente sozinho no silêncio frio do quarto. Todos os sistemas de Emet foram projetados para o conforto máximo possível, mas ele construiu aquela coisa, trabalhou em todos os estágios do projeto e agora, deitado naquela cama, é como se fosse parte da imensa máquina, quase a sente vibrar na subida, parece ouvir os motores trabalhando na propulsão-jato, parece ser parte daquele amontoado de plástico, silicone, vidro, ferro e alumínio que leva alguns poucos humanos privi-

legiados para longe das desgraças que eles mesmos causaram a um planeta que era seu berço.

A lágrima brota e escorre gelada pelo rosto de Clarke que sussurra:

— Natasha, eu...

VI

— Mas por quanto tempo ele ficará recluso?! — Grita o presidente. — Clarke pretende morrer dentro daquele quarto? É isso?

— Bom senhor, — Robert já respondeu aquela pergunta em outras reuniões e acha idiotice responder a mesma coisa de novo. Agora diz apenas: — Acho que devemos respeitar a vontade dele.

— Ele ainda é meu Secretário de Infraestrutura Espacial, a doutora Lara Mayen não pode ficar fazendo as funções dele pelo resto da vida.

Robert se levanta, olha para os onze membros do Conselho que estão na sala de reuniões.

— Vou falar com ele novamente, — repete sem o menor ânimo. — Vamos ver no que dá.

— Não. — O presidente joga sua caneta sobre a mesa e se levanta. — Eu vou lá falar com Clarke.

O homem afundado na poltrona com um livro nas mãos é uma sombra do que um dia foi Antony Clarke. A porta do quarto se abre e Robert passa por ela sem despertar interesse, mas então outra pessoa entra no quarto e a voz cavernosa inunda o mundo particular de Clarke.

— Antony... Meu Deus!

Clarke fecha o livro e levanta os olhos para a figura do presidente.

— Presidente.

— O que houve com você? Envelheceu décadas em dois meses!

Clarke olha ao redor; pilhas de livros, papéis rabiscados perdidos por todos os cantos e Robert saindo de fininho pela porta e deixando os dois a sós.

— Te ofereceria uma poltrona se houvesse outra, mas não tenho... Mas pode sentar ali, é minha cama.

— Vai ficar aqui vivendo como um homem das cavernas até quando Clarke? Faz dois meses que não te vejo, desde...

— Desde o lançamento, presidente.

— Preciso de você lá.

— Eu já fiz o que eu podia fazer... Na verdade, já fiz o que ninguém deveria ter feito. Mas agora já está feito. Robert me contou sobre Lara Mayen, acho que ela está fazendo um bom trabalho no Conselho. Desde que pousamos aqui tudo tem corrido muito bem.

— O que é isso Clarke? Está desistindo?

— Eu já desisti faz tempo, presidente.

— Deixei você viver seu momento de reclusão porque entendi que era algo que você precisava, mas dois meses é tempo demais. Pousamos as três Emets na lua sem seu auxílio, sabe o inferno que foi isso? Lara ficou desesperada com os imprevistos.

— Mas os contornou muito bem, pelo que Robert contou. E agora também. Todos os sistemas da Colônia Emet estão funcionando muito bem. Ela está fazendo um bom trabalho. — Faz uma pausa, pensativo, olha para a janela e lá na distância pode ver a Terra que deixaram um dia para ser apenas ruína. — Não precisa se preocupar em me exonerar do cargo, não temos a menor necessidade dessas formalidades.

O presidente se aproxima alguns passos, também olha a Terra pela janela, mas depois volta seus olhos para aquela sombra na poltrona diante de si.

— Por que Clarke?

— Diga-me, presidente, leu o que aconteceu lá depois de nossa partida?

— Fui informado pela inteligência.

— Acha que ainda tem alguém vivo naquele campo de batalha?

— Clarke...

— Diga! — Clarke se levantou num salto e encanou o presidente que deu um passo para trás. Agora, de pé, a magreza esquelética de Clarke é ainda mais

visível e perturbadora. — Não sabe, não é, presidente? As comunicações com a Terra foram interrompidas, a guerra devastou tudo, satélites caíram do céu como meteoros, continentes inteiros foram arrasados por bombardeios, armas biológicas, detonadores de placas tectônicas fizeram o apocalipse... Já se perguntou o que teria acontecido se não tivéssemos partido, se tivéssemos mudado o...

— O que você fez com Antony Clarke, Secretário de Infraestrutura Espacial do meu governo? Por que o homem que projetou essa colônia onde estamos agora nunca havia sido afetado por esse tipo de pensamento, o homem que ajudou Natasha Calaríamos a desenhar as bases das Emets sabia de tudo que seria perdido e nunca se importou com isso, pois vivia sob a lei de que os fins sempre justificarão os meios.

Clarke mostra um sorriso amarelado ao presidente.

— Sempre me perguntei o que levou Natasha a se jogar do ultimo andar do laboratório naquela tarde gelada de inverno.


— Não vamos tocar nisso agora...

— Ela era muito jovem para o que estava fazendo. Quantas meninas de vinte e dois anos desenvolvem projetos secretos com a NASA? Quando ela entendeu a dimensão do Projeto Emet ela me disse uma coisa... Disse que todo politico engravatado lembrava a ela um abutre... depois que tudo aconteceu, depois que a equipe de limpeza tirou a massa encefálica dela das vidraças e do piso do laboratório, eu encontrei um bilhete dela no meu fichário, ela escreveu... “Não quero ser mais um abutre.” — Clarke dá as costas ao presidente e caminha até a janela. — Lá estão os corpos em decomposição, irmãos de espécie, que simplesmente deixamos para trás.

— Repito, isso não importava para você antes.

— Natasha era nervos e sentimentos, eu era um computador, frio e calculista. Trabalhamos meses juntos no projeto, madrugadas viradas naquelas instalações desenvolvendo maquetes e forjando planilhas... Quando ela se foi eu fiz de tudo para entender os motivos dela, mas eu não sou nervos e sentimen-

tos, eu sou engrenagens e circuitos, e essas engrenagens continuaram trabalhando até que entraram em colapso... Você assinou documentos e deu aval para orçamentos faraônicos. Mas eu desenhei, coordenei engenheiros e projetistas, eu idealizei Emet, eu criei tudo isso e eu levei até as últimas consequências, e no meio disso tudo, sempre busquei compreender Natasha, mas... olhe onde estamos, conseguimos... e eu não compreendi Natasha. E no fim, sou mais um abutre voando sobre a carniça.

O som da porta do quarto se abrindo faz a lágrima se desprender dos olhos de Clarke. Ele não precisa olhar para trás para saber que o presidente se retirou, talvez achando-o um louco, talvez concordando com ele, talvez praguejando contra ele, isso é algo que nunca saberá. Ali da janela, Clarke continua olhando a Terra e o cinturão de lixo espacial que gira em sua órbita. 



Julierme Rabello de Souza é natural de Nova América da Colina – PR. Atualmente é graduando em Letras Português/Inglês na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e desde 2019 publica seus contos em antologias organizadas por editoras nacionais. Já publicou os contos “No topo da colina a loucura habita” na Revista Diário Macabro No5 (2019), “Eu sei o que aconteceu aqui” na antologia Manicômio Salgueiro (2019), “Deveríamos deixar os mortos com os mortos” na antologia Brasil Macabro (2021) e “Parabélum” na Revista Diário Macabro No8 (2021), todos estes trabalhos pela Editora Diário Macabro. Publicou também os contos “Berzek” e “O acordo dos leões” na antologia Cruzadas: a história de uma guerra não-santa (2021) e “O Vingança vs o Holandês” na antologia Cartas ao Mar: as aventuras esquecidas do Barba Negra (2021), estas duas pela Cartola Editora. É autor do conto “A nave não voltou sozinha” publicado na antologia Horror Além da Compreensão (2021), da Dark Books Coletâneas e do conto “Os crimes do calendário” presente na antologia Calendário Assombrado: o lado sombrio das festas brasileiras (2021), publicada pela Crypta Books. “Abutres em altitude máxima” é sua primeira publicação na Somnium. Contato: juliermerabellodesouzaj@gmail.com

Deusa de Prata

Elaine Novaes Falco

Galatéia Piff esboçou um sorriso ao ler a comunicação. Atrás dela, com ironia, o Engenheiro Comandante em Chefe pergunta:

— Vamos atender ao pedido?

A poderosa líder da Estação Lunar deixa o olhar vagar pela expressão otimista de sua competente equipe. Ela não responde de imediato, o pensamento a divagar.

A primeira comunicação terráquea, depois de três séculos de silêncio, é um pedido de socorro. Mas a Estação Lunar há tempos aguarda o pedido previsível. Por fim, como se saboreando o momento, a bela e poderosa Galatéia dá suas ordens de forma breve:

— Já sabem o que fazer. Da minha parte, vou avisar meu pai.

-oOo-

Investido no cargo de Representante dos Filhos do Futuro, também conhecido como o pai da bela e poderosa Galatéia, o muito idoso Piff desce lentamente a rampa de acesso da pequena



que mal escondem a obesidade, e a pele tingida de sol nos tons variados da melanina.

Mesmo assim, para Piff, a Terra tem o seu fascínio. Do fundo do coração, acredita que está chegando o tempo em que o planeta há de ser devolvido aos seus legítimos herdeiros. Ele sonha que ainda terá tempo de vida para construir seu último legado, uma homenagem tardia ao querido professor de sua distante infância; quer redescobrir os marcos da História Muito Ancestral que agora jazem em ruínas, seus arquivos, conhecimento, livros, monumentos, cidades fantasmas e as ancestrais construções megalíticas.

Seguindo o protocolo, recebido e respeitado como o embaixador de uma nova era, Piff foi instalado em confortáveis aposentos de janelas altas para sua primeira breve estadia na Terra. Finalmente sozinho, senta-se na poltrona antiga com vestígios de desgaste, mas ainda confortável, para assistir o por de sol que tinge o horizonte em vermelhos. A velocidade dos dias terrenos é assustadora, mesmo quando se está preparado para isso. São vinte e nove rotações, vinte e nove dias terrenos para cada única rotação de dia lunar. Com o tempo comprimido em horas curtas, não espanta que, na Terra, a vida seja tão breve.

No fim, este foi um dos muitos ganhos inesperados que beneficiaram aqueles que partiram; a longevidade propiciada pela distância. Em três séculos terrenos, duas gerações dos Filhos do Futuro vieram à vida, crianças nascidas nas naves espaciais e nos assentamentos, cada qual vivendo décadas a mais que seus ancestrais. E os Filhos do Futuro deram à luz aos Filhos das Estrelas, crianças que já nasceram com sutis alterações genéticas adaptativas, em número e quantidade suficiente para que fossem considerados quase que uma raça distinta ou, pelo menos, uma evolução da espécie.

Neste mesmo tempo, na Terra, mais de sete gerações se sucederam.

Piff olha os céus com curiosidade, é a primeira vez que vê a Deusa de Prata no lugar do Planeta Azul, desfilando sobre o manto da noite. Envolto pelo silêncio, sente falta de Galatéia a lhe fazer com-

panhia, e da miríade das pequenas coisas conhecidas que acumulou durante os muitos ciclos vivendo em sua UAA.

Mas o cansaço cobra seu preço, e ele acaba adormecendo.

-oOo-

— *Acredita que, naquela época, as pessoas pensavam que as grandes naves seriam paraísos celestes para os muito ricos e poderosos? Que tolice! A superpopulação da Terra é que era o segredo mais bem guardado dos ricos e poderosos! Uma geração de idiotas crédulos, isso é o que eram os nossos ancestrais! Nem perceberam que foram feitos de cobaias em experimentos de longevidade que quase esgotaram os recursos naturais do planeta. Acreditavam em qualquer bobagem que lhes fosse contada por alguém com ares de cientista, imagine! A grande maioria nem fazia ideia do quanto suas vidas eram consideradas irrelevantes, nem mesmo quando observavam as inteligências artificiais tomando para si seus empregos e seu lugar no mundo!*

Não importa quantas vezes o jovem Piff conte a mesma história, Galatéia sempre ouve com atenção, um leve ar de espanto e surpresa, como fosse a primeira vez. Há uma nota de admiração em seu olhar enquanto serve o almoço em um prato delicado, carne processada e batatas cozidas cobertas com um molho esbranquiçado sabor queijos.

Ele olha a comida com desprazer. Esqueceu-se de programar a mudança do cardápio, por isso é a sua terceira refeição consecutiva com os mesmos alimentos. Por um breve minuto pensa em vociferar da falta de iniciativa dela, mas muda de ideia assim que olha para Galatéia, perfeita, aguardando por ele diante de seu próprio prato, em tudo exatamente idêntico àquele que acabou de servir.

Não que Galatéia fosse se importar com xingamentos ou agressões verbais, ele sabe. Mas Piff prefere vê-la como sua mulher, esquecendo que não é humana, tampouco tem sentimentos.

Ele ganhou a boneca ainda menino, um presente do Coletivo para o dia das Crianças do Futuro.

Na ocasião, o presente foi considerado um terrível erro. Por sua idade e definição vocacional, Piff deveria ter recebido um pacote dos blocos de construção engenhosos, ou um pequeno kart de velocidade, ou ainda, na pior hipótese, um conjunto de bolas coloridas. Mas, nunca, uma boneca para vestir e pentear. Os pais se sentiram constrangidos, revoltaram-se, houve brigas e discussões na pequena comunidade. A confusão só terminou depois de uma reclamação formal ao Conselho Deliberativo, onde o erro foi reconhecido e compensado com uma pequena indenização em créditos, valor que foi entregue aos pais e do qual Piff jamais viu a cor.

Mas, para o menino, aquilo não tinha sido um erro, e sim a obra do destino. Ele entendeu o constrangimento dos familiares, mas a boneca lhe foi dada uma semana depois da aula de História Muito Ancestral, quando o professor Théophilo havia contado o mito grego de Pigmaleão e Galatéia para uma plateia de jovens alunos entediados e semiadormecidos.

Na comunidade da nave Theta III-B, as aulas de História Muito Ancestral eram consideradas as mais inúteis e entediantes de todo o currículo padrão. Mas não para Piff. Ele nunca se cansava de ouvir as histórias e os mitos do distante planeta Terra, o lugar que só os muito velhos chegaram a conhecer. Histórias de um tempo onde os humanos não viviam aglomerados em naves espaciais, gravitando planetas estranhos, mas sim no próprio planeta Terra, o lugar que era a origem de todos eles. Piff também nunca entendeu porque os outros não se interessavam por história, para ele a Terra ainda é o centro do mundo, a origem da humanidade.

Que se danem os outros, pensava Piff, enquanto sonhava algum dia conhecer o lugar descrito como o Paraíso do Universo, o planeta azul exclusivo dos muito ricos e poderosos, acessível apenas para poucos.

E foi por isso que ele escondeu a boneca. Porque Galatéia veio da Terra, ele sabe, leu nos escritos da caixa que guardava seu corpo e seu sono. Era a primeira concretização de seu desejo mais profundo, embalado na forma de uma mulher.

Mas, claro, diante da confusão, o menino foi prudente e disse aos pais que tinha jogado fora a boneca. Manteve a mentira mesmo quando prestou a declaração que ficou registrada nos autos da reclamação formal. E depois, nos quase cinco longos ciclos que se seguiram, a boneca ficou escondida levando dentro do seu colchão de ar, o único lugar seguro que seus pais não fiscalizariam.

Então veio o tempo confuso em que Theta III-B foi atacada por naves piratas. No espaço profundo, não há leis. Muita gente morreu no bombardeiro, tentando defender os celeiros de grãos, entre eles os pais de Piff. Mas, para o garoto, o sofrimento foi um mal que veio para o bem, já que mesmo com tantos mortos no ataque, a comida que sobejou ao saque não era suficiente para sustentar a tripulação. Por isso, traçaram curso rumo à Terra, buscando pelo único lugar onde possível fazer os necessários consertos.

Foi a primeira vez que Piff viu o planeta dos seus sonhos, a terra de seus ancestrais. A nave não podia se aproximar do planeta, é claro, mas também não precisava; os consertos eram feitos através da Base Lunar por técnicos que pilotavam suas próprias naves de engenharia avançada.

Só isso, entretanto, não bastava. Considerando o tempo em consertos, mais o plantio e até a próxima colheita, e somando o volume necessário para o estoque mínimo de segurança, o remanejamento da população de Theta III-B, ainda que temporário, era imprescindível. Os órfãos e os idosos foram os primeiros a ser exilados, só permanecendo na alijada nave aqueles que tinham energia o bastante para reconstruir os estragos.

Piff estava entre os órfãos, mas era um dos mais velhos e seu nome quase que não integra a lista. Mas ele não queria ficar em Theta III-B, de jeito nenhum. Passou os ciclos de espera olhando pela janela a linda esfera azul flutuando no espaço, traçando como objetivo pessoal fazer o que fosse necessário para voltar à Lua. Porque é aqui que seu coração está, é aqui que ele quer ficar.

No fim, a sorte lhe sorriu. Depois das inscrições

analisadas, o menino Piff escapou da nave agrícola que foi o destino da maioria dos órfãos, conseguindo se classificar para um cargo de aprendiz no posto mais baixo da hierarquia de uma nave de pesquisa. Ele comemorou. Uma nave de pesquisa era um primeiro passo na realização do seu desejo, muito mais próximo do que qualquer coisa que pudesse fazer a partir de Theta III-B, ainda pior em uma nave agrícola. A realocação soava como um bom presságio. Feliz, Pitt levou consigo a bela Galatéia, mas precisou desmontar a boneca para que coubesse dentro de uma mala pequena. Sonhava voltar à Lua, quem sabe chegar até a Terra, e encontrar algum ponto do universo onde ele e sua Galatéia pudessem ser um casal feliz.

Como agora.

Também por isso, Piff não reclamou da comida.

Do outro lado da mesa, Galatéia repete seus gestos. O prato dela é uma holografia, um espelho que reflete tanto os alimentos, quanto as ações dele. Piff sincronizou uma pequena defasagem no tempo de repetição, o que faz com que Galatéia corte alimentos e se sirva alguns segundos aleatórios depois de cada gesto dele mesmo, cada porção desvanecendo ao chegar nos lábios dela.

Ao fim da refeição, ele a leva para dormir.

O rapaz está ansioso com a próxima viagem desde que recebeu a confirmação de chegada da sua encomenda. O outro lado da Deusa de Prata o espera com a sempre magnífica visão do planeta azul viajando no horizonte, e mais a carga/unidade de pele sintética de alta qualidade, última geração das tecnologias de confecção das confortáveis armaduras espaciais dos mineradores em asteroides.

E então, finalmente Galatéia terá a pele quente de uma mulher, ele antecipa.

Piff está no auge de sua vida adulta, cheio de força e vigor. Passou os últimos quartos de hora nos preparativos da viagem, conferiu passo a passo todos os automatizadores da UAA 6328, a Unidade Autônoma Autossuficiente sob sua responsabilidade. Os geradores de gravidade e as centrais de calor e

iluminação estão perfeitos, mas precisou fazer manutenção no módulo de geração de energia e é prudente trazer mais peças de reposição para reserva. O módulo verde produziu um bom excedente no minhocário, que Piff já embalou. Minhocas são um produto lucrativo no Centro Comercial da Deusa de Prata e, se a cotação estiver no mesmo patamar das últimas negociações, pensa em trazer mudas de flores e uma colmeia pequena para incrementar ainda mais o módulo verde. *Flores vivas serão a moldura perfeita para minha ainda mais bela Galatéia, ele pensa.*

Segue com ela até os quartos, que ficam na parte mais profunda do módulo residencial. Galatéia tem seu próprio quarto, decorado com arranjos florais delicados que ele mesmo pintou nas paredes.

O módulo residencial é a parte mais protegida da UAA 6328, construído para funcionar como nave de fuga em caso de ataque, queda de meteoro, ou qualquer outra tragédia que torne inviável a permanência no local. *Colonização da Lua, nome pomposo para um projeto medíocre, ele pensa, com desprezo, enquanto coloca Galatéia em inércia e aciona os sensores dos automatizadores da UAA nos belos braceletes que ornaram os pulsos e braços da mulher. Porque, caso alguma coisa aconteça enquanto ele está fora, Galatéia está programada para agir como Inteligência Artificial e solucionar eventual emergência nos equipamentos ou módulo da UAA.*

-oOo-

Já é noite alta quando o idoso Piff acorda sobresaltado, ainda com a lembrança vívida da explosão e corpos mutilados. Demora segundos para perceber que está seguro em seu quarto de hóspedes, na Terra; apenas adormeceu frente à janela enquanto admirava a lenta dança dos astros na noite estrelada.

O idoso já perdeu a conta de quantas vezes o mesmo pesadelo se repetiu.

A morte dos pais é o episódio mais traumático das suas memórias, e por mais que ele tente esquecer, as imagens insistem em retornar na forma de pesadelos. Dizia o saudoso professor Théophile que o luto se parece com o medo e deixa marcas.

Mesmo depois de tantos anos, Piff lembra bem desta conversa. Foi quando se preparavam para deixar Theta III-B, depois que ambos verificaram seus nomes confirmados nas listas dos próximos exilados. Dividiram uma xícara de bebida quente, apenas meia taça para ambos, como determinava o racionamento. Com alguns ciclos de espera pela frente, o então menino Piff pediu uma última aula, ensinamentos que pudesse levar consigo como fossem conselhos.

Um pedido que o velho professor atendeu. Porque, apesar de ter passado quase toda a vida na comunidade das naves, o muito idoso professor Théophilo não era um Filho do Futuro. Ele nasceu na Terra, no tempo Antes das Naves. Foi por isso que neste dia, diante de mais uma despedida, o professor não se limitou aos livros ou mitos, mas falou de sua própria experiência, uma visão bem mais crítica do que aquela ensinada nas populares aulas de História Moderna dos Filhos do Futuro.

-oOo-

A primeira vez que se ouviu falar dos Filhos do Futuro foi no tempo Antes das Naves, no anúncio de uma aliança firmada entre os homens mais ricos e poderosos do planeta Terra, tornando público um projeto ambicioso para a Colonização da Lua.

A propagandeada colonização da Lua jamais aconteceu. Mesmo agora, tanto tempo depois, a vida no satélite só é possível de uma forma bastante limitada, exclusivamente sob domos ou em unidades autônomas de sobrevivência fabricadas nos mais variados tamanhos, estruturas projetadas para isolar a poeira corrosiva encontrada em todo lugar e óbice intransponível para qualquer tentativa de terraformação. Em compensação, desde sempre o satélite foi o lugar perfeito para a construção, lançamento e reparo das monumentais naves de colonização, no limite do espaço profundo e com pouca gravidade.

Assim, no lugar da colonização, o que houve foi a construção do mais monumental hangar de construção de naves espaciais que já se teve notícia. Peças, equipamentos e maquinários foram transportados da Terra até o colossal hangar, onde dez naves

eram concomitantemente construídas a cada vez, cada uma do tamanho de um pequeno estado.

Poucos anos depois, com as naves prontas, foi a vez dos transportadores trazerem as pessoas, aos milhões. Com todos instalados, as dez naves partiram para o espaço profundo, em comboio.

No início, poucos se aperceberam do real objetivo das naves de colonização.

No primeiro comboio, os viajantes eram chamados de Os Desbravadores da Última Fronteira, dez naves lotadas por quase um bilhão de pessoas que diziam buscar no espaço o sentido da liberdade e da aventura que não era mais possível na Terra. Ou, pelo menos, foi o que disseram as propagandas, quando imagens desse primeiro comboio foram utilizadas para criar um tipo de movimento de massa que influenciou multidões ao redor do planeta.

Enquanto o segundo comboio era construído, uma inacreditável quantidade de informações sobre a vida nas naves foi veiculada incessantemente na Terra, por todos os meios de comunicação. Sempre imagens felizes, com comida farta, lavouras férteis, moradias funcionais bem iluminadas, centros comerciais multicoloridos, escolas dinâmicas e futuristas e abertas para todos.

A propaganda criou comoção. Neste tempo, na Terra, fossem nas cidades ou nos campos, a maioria dos empregos desaparecia, o trabalho humano substituído por maquinários automatizados, programas de computador e inteligências artificiais. Com o desemprego crescente, a violência e a sensação de irrelevância social era uma constante nos relatos de distúrbios emocionais, e só faziam aumentar, em todo lugar. Assim, não foi uma surpresa que o desejo de fazer parte da comunidade de uma nave de colonização tenha virado uma febre, incendiando a imaginação dos jovens desiludidos, dos intelectuais idealistas, das crianças influenciáveis aos adultos desprovidos de oportunidades de crescimento, envolvendo famílias e até comunidades inteiras no desejo de viver no espaço.

Nesse movimento e quase sem refletir, mais dois comboios partiram para o espaço profundo levando

consigo outros dois bilhões de pessoas que fugiam da desesperança de suas realidades terrenas. E assim, num período de menos de dez anos, um terço da população da Terra havia saído do planeta.

Mas para os poderosos que haviam concebido esse plano ousado, os objetivos estavam apenas na metade. Para que o planeta chegasse ao estado idílico planejado, mais um terço da população mundial teria que ser removida, nem que fosse à força.

Como em uma guerra, começaram as seleções e as listas de exílio. Para os que haviam ficado na Terra, a grande tinha a vida inteiramente controlada por seus dados virtuais, rendimentos funcionais, fiscalização securitária, sistemas de saúde e câmeras de segurança instaladas até na privacidade das casas. Não havia opções de fuga sem imensos sacrifícios.

Quando o quarto comboio partiu, a vida comum se tornou um inferno.

Cada novo comboio, por si só, gerava um caos social. Com a população subitamente reduzida, cidades fantasmas se multiplicaram, em muitos pontos a natureza retomou seu espaço. Foram seis comboios no total e, por bem ou por mal, ao cabo de duas décadas apenas um terço da população originária ainda permanecia na Terra.

Os poucos lugares previamente destinados à vida humana eram perceptíveis de longe, com suas construções de linhas retas e frias, centros urbanos intensamente vigiados e totalmente automatizados por uma infinidade de máquinas gerenciadas por um número reduzido de pessoas. Porém, longe dos centros urbanos e em meio à mata, os fugitivos sobrevivencialistas resistiram e, lentamente, começaram a formar agrupamentos ao largo da civilização, vivendo da natureza e dos restos das cidades agora extintas, usufruindo de uma liberdade tosca.

Enquanto isso, longe da Terra, sessenta imensas naves colonizadoras carregaram mais de seis bilhões de pessoas num caminho sem rumo pelo espaço profundo. Todas tinham a possibilidade de comunicação com os centros de comando da Terra, mas poucas tiveram interesse mínimo em continuar o contato.

O professor Theóphilo, na época não mais que um garoto, foi colocado à força em uma das naves do quinto comboio, o penúltimo a deixar a órbita da Terra. E é por isso que ele sabe das trágicas informações que, mais tarde, seriam convenientemente suprimidas do conteúdo das aulas de História Moderna dos Filhos do Futuro, deixando apenas a parte gloriosa e bem-sucedida.

Sim, é fato que Europa e Ganimedes, duas das luas de Júpiter, foram colonizadas e terraformadas no experimento mais ousado e bem-sucedido da história Moderna, hoje com uma considerável população de Filhos das Estrelas, só superado em número pela comunidade intraterrena de Marte.

Mas a História Moderna dos Filhos do Futuro omite que o primeiro comboio a deixar a Terra confiou na rota suicida que lhes foi dada antes da partida. E que sem questionar, colocaram as grandes naves para que, juntas, atravessassem o Cinturão de Asteroides nas velocidades e trajetos previamente demarcados. A aventura foi um verdadeiro massacre, das dez naves a tentar a travessia, apenas duas conseguiram completar o trajeto. Pior, a tragédia se repetiu uma segunda vez, pois as naves remanescentes do primeiro comboio não conseguiram estabelecer comunicação remota, e não conseguiram avisar ao segundo comboio que o trajeto era uma armadilha. Do segundo comboio, apenas três naves, com avarias, conseguiram sobreviver à travessia.

Assim, Europa e Ganimedes foram colonizações bem-sucedidas porque, em parte, não havia outra opção. Uma geração se passaria antes que fossem construídas naves hábeis a fazer a travessia com segurança, veículos pequenos e ágeis em muito diferentes das naves de colonização. E somente na segunda geração dos Filhos do Futuro, e para os Filhos das Estrelas, é que houve preferência por viver para além dos asteroides e toda a mobilidade que se seguiu.

O terceiro comboio teve mais sorte porque uma das naves sobreviventes do grupo precedente era justamente a de Pesquisa, com todos seus equipamentos de comunicação que, milagrosamente, escaparam das avarias. Eles conseguiram avisar a tempo,

e o terceiro comboio escapou da armadilha.

Foi quando houve a mudança de planos. O terceiro, quarto e quinto comboios se dirigiram para a órbita de Marte, invadindo e tomando posse das instalações que já existiam no lugar. Data desta época o rompimento definitivo entre os poderosos da Terra e os exilados do espaço, porque os primeiros não aceitaram nem se conformaram em perder suas instalações exoplanetárias, mas não dispunham ou não queriam gastar os recursos necessários para travar uma guerra espacial em outro planeta. Em Marte, com muita dificuldade, uma imensa colônia intraterrena aos poucos se desenvolveu. Mas como nem todos se adaptaram a viver sob a terra, parte da população continuou a viver nas grandes naves.

O sexto comboio, formado exclusivamente de exilados obrigados a deixar o planeta contra sua vontade, foi o que selou o isolamento da Terra. Até porque este foi o comboio com maior número de policiais, militares e pessoal de segurança, e boa parte deles nunca imaginou que teriam que se submeter a este destino. Acostumados às hierarquias, assim que chegaram no espaço profundo eles se reorganizaram. Na órbita de Marte, alocaram em seis naves, ou em terra, os civis e suas famílias, depois juntaram armamentos, recrutaram voluntários dos comboios precedentes e retornaram com quatro naves militarizadas, declarando guerra para a tomada da Lua.

A batalha espacial não foi rápida, nem simples.

Os poderosos terráqueos já haviam perdido Marte, e não estavam dispostos a perder também a Lua. Usaram quase todo seu arsenal de defesa, foi quando a utopia da Terra como um paraíso idílico começou a ruir. Em Terra, tinham mais poder de fogo e tecnologia, mas nem isso compensava o fato de que as grandes naves militarizadas tinham todo o lado oculto da Lua como área de proteção e manobras. No fim das contas, era mais fácil mirar e destruir na Terra, do quê atingir as pequenas e grandes naves que voavam no espaço profundo.

A Lua, enfim, foi conquistada pelos exilados. O grande hangar sobreviveu com alguns danos, mas nada que dificultasse algum necessário reparo para

as grandes naves. O lado oculto da Lua se provou um lugar estratégico, ainda que sujeito às frequentes quedas de meteoritos. Por isso, nos ciclos que se seguiram, passou a ser regularmente habitado em UAAs por cientistas que tivessem alguma preferência por uma vida em isolamento, ou servindo como campo de treinamento para as forças de defesa de quaisquer das populações colonizadoras. Enquanto isso, o próprio hangar foi remodelado e, em conjunto com duas grandes naves estacionárias, passou a ter novas funções, como ponto interplanetário de comércio, e um território neutro para eventuais discussões diplomáticas nos conflitos das comunidades.

-oOo-

O idoso Piff está cansado, mas primeira reunião entre os Filhos das Estrelas e os Nascidos na Terra enfim terminou. Na sequência, todos partilharão de um almoço com pretensões de confraternização, onde metade das iguarias foi oferecida pelos anfitriões, a outra metade ofertada pelos visitantes. A curiosidade dos sabores exóticos aos poucos retira o mal estar das condições impostas pelos Filhos das Estrelas para prestar o auxílio solicitado.

Mas, até aqui, tudo transcorre exatamente como o muito idoso Piff havia imaginado. Os Nascidos na Terra ainda não deram sua resposta à negociação proposta, mas há indícios de que irão aceitar. A oferta, estrategicamente elaborada, não é tudo o que pedem, é menos do que precisam, mas é mais do que poderiam conseguir em curto prazo e com o próprio esforço.

Um prato de degustação é servido primeiro ao idoso, um gesto formal de cortesia que anuncia o início do banquete. Finalmente Piff se permite relaxar. A sequência farta dos alimentos traz lembranças da amada Galatéia, tantas as refeições que compartilharam no passo a passo deste longo caminho.

-oOo-

Depois do trágico ataque pirata à nave Theta II-I-B, por longo tempo a boneca Galatéia permaneceu desmontada dentro da mala pequena, enquanto Piff, com árduo esforço, galgava a difícil hierarquia

de uma nave de pesquisa, do primeiro posto como aprendiz do assistente do auxiliar de limpeza dos laboratórios, até a cobiçada aprovação como estudante do primeiro Ciclo-teste de Engenharia Robótica Básica nível Preliminar P-1.

Entrar para a Academia não significava apenas ascensão social, mas também o direito de moradia em uma das UE — Unidades de Estudante, um nome até elegante para cubículos individuais mobiliados com versões reduzidas do essencial de uma residência. Mas, para Piff e para a maioria dos estudantes da Academia, a unidade era uma experiência gloriosa, a primeira vez que usufruíam de um quarto próprio, a primeira vez que podiam viver com alguma privacidade.

Piff comemorou a vitória retirando Galatéia da pequena mala, remontando-a. A partir dali, a boneca alternou com Piff o lugar na cama pequena e na única cadeira durante os intermináveis ciclos de estudo subsequentes. Mas no estágio 1-A de Engenharia Robótica Intermediário nível 4, Piff encontrou Gafanhoto, e tudo mudou para melhor.

Gafanhoto era o monitor do estágio, um estudante de nível avançado. Na robótica era considerado um gênio, tanto que viajou para pesquisas de exploração em asteroides e foi designado aprendiz na equipe de desenvolvimento potencial de exominérios, antes mesmo de terminar o ciclo intermediário da engenharia. Porém, mais do que a genialidade, o que tornava Gafanhoto famoso era a sua notória dificuldade para interagir com pessoas. As gafes eram tantas e tão sequentes que ele se tornou a piada recorrente da Academia.

Gafanhoto jamais chegaria a uma posição de liderança condizente com sua inteligência privilegiada, se não fosse capaz de interagir com uma equipe. Com o jovem já próximo da conclusão das especializações, a monitoria de estágio foi ideia de um preocupado supervisor, uma última tentativa de prepará-lo para o futuro, no seu ponto mais vulnerável.

Piff e Gafanhoto se deram bem desde o primeiro momento, mas foi depois de confienciarem seus segredos que selaram a amizade que duraria pelo resto

de suas vidas. Piff apresentou Galatéia ao novo amigo, e por muitos ciclos Gafanhoto foi a única pessoa a saber da existência da boneca. Em contrapartida, Gafanhoto contou ao protegido sobre suas atividades como hacker, como havia conseguido acessar os computadores da Terra e extrair uma imensa base de dados das tecnologias desenvolvidas para criar as inteligências artificiais utilizadas para construir a primeira Base na Lua e a primeira colonização de Marte no tempo Antes das Naves. Assim, e por muitos ciclos, Piff foi a única pessoa a saber que parte dos conhecimentos de Gafanhoto não eram obra de sua propagada genialidade, e sim a recuperação de informações, pesquisas e arquivos terráqueos que haviam sido suprimidos e ocultados dos Desbravadores da Primeira Geração.

A amizade ainda tem vantagens adicionais. A diplomacia que falta a Gafanhoto sobeja em Piff; enquanto que o conhecimento técnico tão difícil para Piff sobeja em Gafanhoto. Além disso, ambos são almas que amam a solidão, a privacidade e o perder-se nos próprios pensamentos.

Foi graças a Gafanhoto que Piff pode mudar-se para a UAA 6328 logo depois de concluir sua primeira especialização em Engenharia Robótica Avançada Nível A1.4. Era um período onde as mudanças fervilhavam, para o bem ou para o mal, fazendo surgir uma nova configuração nas comunidades espaciais.

As pequenas naves de transporte tinham feito mais do que estabelecer um trajeto seguro e confortável entre Marte, Europa e Ganimedes. Elas também permitiram as primeiras pesquisas sobre os minerais exoplanetários do Cinturão de Asteroides, descobrindo uma fonte quase inesgotável de matéria prima valiosa. Intermináveis estudos gravitacionais conseguiram colocar uma rede de grandes naves orbitando junto com os asteroides, transformando-as em uma espécie de zona industrial de extração, refino e exploração das possibilidades do material que, em muitos casos, eram minérios até então desconhecidos dos humanos e inexistentes nos planetas habitados.

A este tempo quatro distintos estilos de vida coexistiam entre aqueles que viviam no espaço. A maior

parte da população já estava estabelecida nas colônias de Marte, Europa e Ganimedes, e eram chamados O Povo com Raízes. Profundamente ligados à terra que habitavam, essas pessoas desenvolveram intensa atividade com características rurais e extensos planejamentos de terraformação, estabelecendo condições seguras para moradia e desenvolvimento humano.

Mas, claro, havia quem nunca conseguiu se adaptar às regras que garantiam a estabilidade da vida comunitária.

Disputas por poder, na prática verdadeiras guerrilhas, foram travadas desde a geração originária dos Desbravadores do Espaço, e lideranças questionáveis continuaram a ressurgir de tempos e tempos. Tais guerras quase sempre resultavam em rebeldes roubando naves de transporte para fugir dos tiranos, formando pequenos grupos que acabavam como vingativos piratas espaciais acampados no espaço profundo, sobrevivendo através de ataques e saques às naves, e escambo de material contrabandeado. De tempos em tempos surgia algum tipo de seita religiosa, com pessoas que se isolavam para obter vivências radicais, fazer uso de alucinógenos, experimentos bizarros, houve até um episódio de suicídio coletivo. Esses eram os Rebeldes, os fora da lei que assustavam e colocavam em risco o esforço conjunto, tolerados ou combatidos dependendo da periculosidade de cada grupo.

Um terceiro grande grupo assumiu os riscos de viver no espaço, nas atividades incessantes de transportes de cargas e pessoas, ou nas grandes naves em órbita no Cinturão de Asteróides. Era chamado o Povo com Asas, para eles o risco é uma constante. No espaço profundo, qualquer coisa pode acontecer, a qualquer momento, em qualquer unidade, com todo tipo de consequência. São grupos firmemente hierarquizados, herdeiros da estrutura militarizada das primeiras naves de guerra, a atividade normatizada por uma sucessão de protocolos e regulamentos constantemente atualizados conforme a necessidade.

E entre todos estava o quarto e último estilo de vida deste período, formado pelos estudiosos, pes-

quisadores e engenheiros oriundos da Academia, responsáveis por fiscalizar, avaliar, pesquisar e propor inovações de todo tipo. E ainda que a estrutura da Academia, com suas muitas linhas de estudo e especialização, lembrassem a hierarquia do Povo com Asas, é fato que na vida cotidiana os acadêmicos tinham uma liberdade ainda maior do que a do Povo com Raízes.

E foi dessa liberdade que Piff e Gafanhoto se aproveitaram ao utilizar a Deusa de Prata como base das pesquisas que queriam desenvolver longe de olhares curiosos.

Desde que os estudos gravitacionais preliminares confirmaram a possibilidade de criação da rede de grandes naves orbitando com os asteroides, que a Base Lunar foi lentamente relegada a um quase esquecimento. Apesar das muitas vidas consumidas para sua conquista, agora ela estava situada na periferia da evolução.

O que era muito conveniente para Piff e Gafanhoto, que tinham os olhos voltados para o futuro. Ambos sabem que, mais cedo ou mais tarde, os Filhos das Estrelas irão explorar para além das fronteiras, para além do Sistema Solar. É a ordem natural das coisas, a consequência que lhes parece óbvia depois de todo o sucesso do presente.

Mas os amigos também sabem que quando este momento chegar, a robótica será ainda mais essencial do que já foi no passado. Neste caso, não se trata somente de construir estruturas até o ponto de suporte da vida, mas de estar onde talvez nenhum humano jamais conseguirá permanecer, mesmo com toda a tecnologia e as alterações genéticas perceptíveis nos Filhos das Estrelas.

Mas não é só.

Gafanhoto, como pesquisador de linha de frente, já perdeu a conta dos inúmeros relatos de objetos voadores desconhecidos, traçando rotas inteligentes, avistados mais de uma vez em todos os pontos de assentamento humano. Os avistamentos são tão recorrentes que a probabilidade de um encontro ou contato entre humanos e raças alienígenas inteligentes, é hipótese que não pode ser descartada por

nenhum pesquisador sério. O reiterado avistamento de naves desconhecidas é o repetido aviso de que, talvez, alguém mais nos espere para além das fronteiras.

Um assunto para o qual Piff tem opinião formada, acredita que pelo menos parte das respostas é conhecida e está escondida na velha Terra, criptografada em mitos religiosos, gravados nos templos e tumbas de civilizações há muito extintas e em documentos frágeis com registros de antigas tradições orais. Como ensinava o saudoso professor Theófilo nas aulas de História Muito Ancestral, houve um tempo remoto onde os Deuses desceram das Estrelas e andaram entre os homens.

Órion.

Plêiades.

Os Deuses que Vieram do Céu.

E o que poderia ser melhor, nesta hipótese, do quê robôs com aparência humana, atravessando as fronteiras anunciando qual inteligência os criou?

Mas para seguir por essa linha de raciocínio, Piff e Gafanhoto precisavam encarar o mais persistente dos preconceitos dos Desbravadores da Primeira Geração, quase um dogma da robótica: *jámais produzir um robô de aparência humana*.

Isso porque, no Tempo Antes das Naves, foi esse tipo de robô quem precedeu a tragédia. Com voz, trejeitos e aparência humana, esse tipo particular de Inteligência Artificial substituiu todo tipo de emprego exercido em atendimento ao público. Elas estavam nas centrais de atendimento ao consumidor, nas enfermarias dos hospitais, como entregadores de comida, fiscais de segurança, cuidadores de idosos. Foram produzidas milhões destas máquinas antropomórficas, ostentando sorrisos artificiais e frases pré-formatadas, em um movimento interminável que inundou as cidades.

Todo Desbravador tinha verdadeiro horror a esse tipo de IA. E na geração seguinte, os Filhos do Futuro não viram necessidade alguma de máquinas imitando humanos. A própria Galatéia foi uma das últimas bonecas distribuídas entre os descendentes

dos Desbravadores, ainda com aparência humana, porque oriunda de um estoque antigo. Nenhuma boneca realista, com vívidos traços humanos, jamais foi fabricada em nenhuma nave ou assentamento colonizador.

Foi assim que o preconceito virou dogma.

-oOo-

No fim daquela tarde, o idoso Piff é o primeiro a retornar à pequena nave de reconhecimento, decidido a voltar para a Base Lunar. Como o trajeto é curto, não há porque se preocupar com a equipe de Primeiro Contato que permanecerá no planeta discutindo os prazos para a concretização dos termos do acordo firmado com os Nascidos na Terra.

Previsivelmente, os terráqueos aceitaram o pacote emergencial de que tanto necessitam. Mas, agora, terão que acionar com rapidez suas burocracias e promulgar leis revogando decretos de três séculos, para modificar os verdadeiros dogmas da sua tradição, a fim de que vistos de permanência possam ser emitidos em favor dos exilados e seus descendentes.

Porque os Filhos do Futuro virão para ficar. Gafanhoto estava certo na sua versão futurista das estratégias do general Alexandre o Grande, também ele lembrando as aulas de História Muito Ancestral. A Terra acabará devolvida aos exilados em uma rendição lucrativa. Piff tem certeza que, desta vez, não haverá necessidade de invasão, como ocorreu em Marte, ou de guerra, como na conquista da Lua.

Mas nem sempre tudo foi tão simples.

Principalmente para ele.

Do outro lado do curto trajeto, a poderosa Galatéia permanece na pista de pouso aguardando a chegada de seu pai. Informada em tempo real do andamento do acordo, não teve dúvida em deixar o controle da Base Lunar com o Engenheiro Comandante em Chefe imediatamente após o pouso, para levar pessoalmente seu idoso pai até o outro lado da Lua, assegurando—se que tudo estivesse em perfeita ordem na UAA 6328, a Unidade Autônoma Autosuficiente onde residem.

Com quanto carinho alguém trataria a si próprio,

se pudesse conhecer-se em um futuro improvável? Todos que conhecem a bela e poderosa Galatéia se admiram, cotidianamente, do extremo carinho da poderosa mulher para com seu idoso pai.

Todos, menos Piff, Gafanhoto e Rato – este último que já foi pirata, mas mudou de vida e hoje está em cargo como Engenheiro Comandante em Chefe da Deusa de Prata. Os únicos sabem a verdadeira origem da poderosa líder da Estação Lunar.

-oOo-

Alocar Piff na longínqua UAA 6328, no estratégico lado oculto da Lua, foi a primeira providência de Gafanhoto para a concretização do que chamou de Projeto Galatéia.

Piff era perfeito para o cargo. Como um diplomata nato, conseguia conviver perfeitamente com todas as personalidades excêntricas que se isolavam na Deusa de Prata, além de ter capacidade e conhecimento suficiente para fiscalizar o comportamento e as atividades do polêmico diretor designado para a Base Lunar. Por sua vez, a colocação permitiu viagens regulares de Gafanhoto até a Lua, sob o pretexto de receber em absoluta discrição os necessários relatórios da base estratégica.

Galatéia foi o primeiro protótipo de toda a revolução robótica que Gafanhoto produziu a partir de então. Foi a primeira a receber testagem dos minerais supercondutores descobertos no Cinturão de Asteroides, época em que adquiriu uma imagem humanizada testando movimentos que, de tão delicados, pareciam femininos, mas ainda mantendo toda a operacionalidade padrão de uma IA de controle dos automatizadores da UAA 6328 onde residiam.

Depois vieram os testes de biorrobótica, um experimento revolucionário e secreto dos dois amigos. Agora mais alta e ainda mais bela, primeiro Galatéia recebeu a sobrepele artificial das confortáveis armaduras espaciais dos mineradores em asteroide, depois testaram um revestimento com tecnologia de biogenética para cirurgia plástica, construindo um invólucro orgânico nunca antes testado e que tornava a boneca um simulacro humano. Também foi nesta época que Piff conheceu o Rato, um aventurei-

ro de carreira solo, nascido numa colônia pirata, que contrabandeava todo tipo de produto.

Apesar da origem pouco recomendável, Rato era confiável. Ele não podia ter controle sobre seu passado, mas estava determinado a ter um futuro diferente. Jamais seria aceito na Academia, também não seria nada fácil se integrar entre o Povo das Raízes ou entre o Povo das Asas. Mas na Deusa de Prata, as coisas eram diferentes. E Rato apostou corretamente que ali teria sua melhor chance de mudar de vida.

Foi Gafanhoto quem o contatou por primeiro, propondo um serviço fácil que não incluía nenhum saque violento, roubo ou negociação com outros piratas e contrabandistas. Praticamente um serviço de transporte, Rato só precisava recolher o material deixado por Gafanhoto em cantos estratégicos do Cinturão de Asteroides, esquentar a encomenda com selos falsos de transporte e entregá-los a Piff na Base Lunar. Mas, no processo de embalar e esquentar a encomenda, Rato acabava tendo acesso aos conteúdos e, somando informações, não foi difícil entender que tipo de experimento seus contratantes estavam envolvidos.

Quando Piff foi promovido a Engenheiro Comandante em Chefe da Deusa de Prata, os amigos desafiaram o destino. O Projeto Galatéia estava tão evoluído e bem sucedido, que a boneca ostentava aparência naturalmente humana.

Piff a apresentou como fosse sua esposa.

Ninguém estranhou.

Na época, o diretor da Base Lunar já não suportava mais o isolamento da Deusa de Prata e qualquer desculpa insensata era o suficiente para que permanesse fora o máximo de tempo. Suprindo as ausências, Piff acabou assumindo as funções de diretor da Base Lunar muito antes de ser nomeado para o cargo. E foi em uma destas ausências que Rato foi integrado na equipe da Deusa de Prata, seus documentos substituídos, e a carreira profissional forjada com registros falsos que se tornaram verossímeis com o passar do tempo.

Mas o conforto da situação fazia com o que o di-

retor da Base Lunar se mantivesse agarrado ao cargo lucrativo por mais tempo do que o previsto. E enquanto esperavam, dispondo de tempo e privacidade, Piff, Gafanhoto e Rato, agora autoproclamados os três mosqueteiros, conceberam seu plano mais ousado.

Eles decidiram retomar a posse da Terra.

Verdade seja dita, o secretíssimo projeto De Volta ao Passado começou como uma brincadeira regada a bebida, em um fim de tarde sobejando tempo ocioso.

Mas a brincadeira logo se tornou um objetivo.

Piff era um curioso em saber o que os descendentes dos ricos e poderosos do tempo Antes das Naves haviam feito com o idílico paraíso que herdaram. E essa curiosidade foi a desculpa perfeita para Gafanhoto lembrar seus bons tempos de hacker, também ele curioso em fuçar um equipamento antigo, datado da construção do hangar, esquecido em uma pequena sala desativada, imaginando se ali poderia existir alguma outra criptografia de acesso a antigos códigos de entrada, quiçá diferente das que ele já usou e gerada a partir da Base Lunar.

O equipamento, em desuso há muito tempo, precisou de manutenção. Nada complicado, isso resolveram rápido. E uma vez reativado, Gafanhoto descobre que o equipamento ainda tem uma linha de comunicação, e o acesso está selado com apenas uma primeira camada de segurança. Depois de tanto tempo, não era possível saber se a falta de cuidado foi descuido, incompetência ou, o mais provável, que o caminho não desse em lugar nenhum, que já tivesse sido fechado ou transferido a partir da origem e ainda nos tempos de guerra, cortando integralmente a comunicação entre a Terra e a Base Lunar.

Fosse como fosse, o óbice tosco foi facilmente removido. E para total surpresa dos três mosqueteiros, retirada a trave simples, o restante da comunicação estava intacta e conectava a Base Lunar com a Central dos Arquivos de Controle e Informação das Inteligências Artificiais terráqueas, sem passar por nenhum tipo de intermediário.

O impossível havia acontecido. No esquecimento do tempo, a poderosa linha de comunicação havia sobrevivido e todos os bancos de dados da Terra estavam ao dispor dos três mosqueteiros. Sem saber o que fazer, primeiro juraram segredo entre si, depois colocaram as traves de segurança necessárias para que só eles pudessem usar esse acesso.

Só então começaram a pesquisar as histórias da Terra. Inesperadas e surpreendentes, as informações mudaram as perspectivas dos Três Mosqueteiros, e um plano ousado começou a ser delineado.

De fato, os Ricos e Poderosos do tempo de Antes das Naves criaram o paraíso idílico de seus sonhos. Enquanto os Desbravadores morriam aos milhões nos desafios do espaço profundo, os Nascidos na Terra usufruíam o conforto de mansões monumentais de extraordinário luxo, com algoritmos antecipando seus menores desejos. E enquanto os colonizadores buscavam condições mínimas de sobrevivência em Europa e Ganimedes, os Nascidos na Terra delegavam todo o trabalho, produção de bens e geração de energia para automatizadores robóticos ou Inteligências Artificiais.

Porém, como havia antecipado o saudoso professor Théophilo, a invasão à base de Marte pelo terceiro comboio foi uma reviravolta imprevista nos planos de dominação. Até então, pensava-se que todas as naves colonizadoras, como fossem campos de concentração futuristas carregando sistemas de comunicação com obsolescência programada, partiriam alegremente seguindo a rota predeterminada até serem destruídos pelo Cinturão de Asteroides.

A sobrevivência era uma hipótese remota.

A invasão à base de Marte, inconcebível.

O problema é que esta solução final era do conhecimento de apenas uma pequena elite entre os ricos e poderosos. A maioria das pessoas que haviam financiado o projeto, e pago em ouro para viver no idílico paraíso prometido, não tinham ideia da extensão dos planos originais. Assim, possibilidade de guerra para retomada das bases de Marte foi estudada por poucos, e era um assunto tão polêmico e cheio de segredos que o quarto e quinto comboios acabaram

por partir antes que qualquer decisão fosse tomada. O momento oportuno passou.

O sexto comboio foi precedido pelo confronto entre as forças militares e o exército de soldados robóticos IA. No primeiro momento, parecia que as forças militares haviam perdido a batalha. Ledo engano. Não demorou muito para que os Nascidos na Terra descobrissem que os soldados robóticos não eram força suficiente sequer para sustentar a batalha pela Lua e, em termos militares, foi uma rendição vergonhosa que colocava o inimigo em seu quintal.

Imaginando que os exilados iriam invadir a Terra assim como já tinham feito em Marte e na Lua, os Nascidos na Terra redirecionaram seus recursos para sistemas de defesa. Bombas nucleares, armamento pesado, sensores de todo tipo e milhões de unidades de soldados robóticos foram criados e colocados à disposição de uma guerra que nunca aconteceu.

Agindo pelo medo, a mudança de planos ocorreu em detrimento das pesquisas de longevidade e engenharia genética, abruptamente interrompidas. A primeira geração dos muito ricos e poderosos envelheceu naturalmente, e nenhuma tecnologia foi capaz de deter o destino humano. Sua descendência, entretanto, era formada por uma geração de jovens mimados, dependentes da tecnologia, que pouco sabiam dos segredos de seus pais. Iludidos pela utopia, estes jovens usufruíam das mordomias sem se importar com o futuro ou do seu lugar no mundo. A iminência da guerra que nunca aconteceu foi caindo no esquecimento. E assim, pouco a pouco, instalações militares foram abandonadas e os soldados robóticos, desativados.

No lugar da guerra, esta geração só tinha uma única preocupação, a previsível obsolescência dos automatizadores robóticos e Inteligências Artificiais responsáveis pela produção de bens e geração de energia, cujo controle ainda dependia da iniciativa humana.

Mas, ao contrário dos Filhos do Futuro, a primeira geração dos Nascidos na Terra ao Tempo das Naves considerava o trabalho como algo indigno e

obsoleto. Longe de desejar o controle, preferiam se livrar do encargo. Os poucos especialistas que ainda se permitiram trabalhar trataram de desenvolver unidades autoreplicadoras, capazes de realizar uma manutenção autossustentável, a fim de garantir uma forma pela qual a tecnologia existente pudesse se manter ativa ininterruptamente e sem qualquer necessidade de intervenção humana.

Assim, a segunda geração dos Nascidos na Terra posterior ao Tempo das Naves se tornou adulta sem enfrentar guerra ou trabalho. E os prazeres eram tantos, que os jovens que não viram razão sequer para estudar. Em uma única geração, o analfabetismo cresceu em proporção assustadora, e não havia ninguém preocupado com isso.

Fragilizados por sua própria inércia, a terceira geração dos Nascidos na Terra posterior ao Tempo das Naves assistiu os integrantes das comunidades sobrevivencialistas, que cresciam à margem da sociedade, invadir as cidades como fossem hordas de bárbaros.

Assim, a quarta geração dos Nascidos na Terra posterior ao Tempo das Naves foi caracterizada pela miscigenação entre conquistadores e conquistados. Os costumes mudaram, as cidades foram adaptadas ao gosto dos conquistadores, e o que ainda sobrava da utopia finalmente desmoronou. Ainda assim, a população continuou a se utilizar das estruturas, tecnologias e benesses herdadas, a esta altura sem a menor ideia de como funcionavam, muito menos da quantidade de dados individuais que continuavam a ser coletados pelas IA em troca dos serviços prestados.

Por isso, jamais poderiam imaginar que, muito longe dali, os três embasbacados Mosqueteiros estavam com um canal aberto, acessando informações sobre tudo o que se passava na Terra. E as informações eram tão absolutamente completas, que os mosqueteiros poderiam, se quisessem, saber até a cor ou a refeição preferida de qualquer um dos humanos vivos Nascidos na Terra.

-oOo-

Como previa Gafanhoto, os acordos foram muito

mais fáceis de negociar do que qualquer um deles teria imaginado. Foi surpreendente descobrir quantos Nascidos na Terra sonhavam com as estrelas, e usaram dos acordos para sair do planeta e viver em colônias. Enquanto isso, no movimento inverso, os Filhos das Estrelas vieram aos milhares, para conhecer e estudar a terra de seus ancestrais.

E havia muito para conhecer.

Três séculos antes, quando os comboios foram projetados, as Naves Agrícolas e as Arcas de Noé só haviam levado para o espaço uma ínfima proporção da diversidade de fauna e flora existente no Planeta Azul. Por isso, agora, representantes de todos os assentamentos e os muitos estudiosos da Academia deleitavam—se em pesquisar e estudar florestas, plantações, jardins, ecossistemas naturais, rios, lagos e mares, animais, insetos, plantas nativas, exóticas em suas texturas, cheiros e cores da natureza abundante, e de sua adaptabilidade aos ecossistemas no espaço.

Enquanto isso, os Filhos das Estrelas recuperavam os arquivos da história. Antigos monumentos e línguas arcaicas foram redescobertos e ressignificados. Informações valiosas sobre prováveis populações alienígenas visitantes do sistema solar num passado distante, vindas de Órion, Plêiades e outras galáxias, foram estudadas em todas as hipóteses e detalhes possíveis.

O idoso Piff, com as bênçãos de sua amada filha Galatéia, agora mora na Terra de seus ancestrais, em uma linda mansão antes abandonada, com vista para as montanhas. Seu coração está tranquilo, ele viveu o bastante para ver a Terra devolvida aos Filhos das Estrelas. Em nenhum momento Piff se arrependeu do quê havia feito.

Mas este era um segredo que morreria com ele.

-oOo-

Enquanto aguardaram que o diretor da Base Lunar finalmente apresentasse seu pedido de aposentadoria, enfim promovendo Piff ao posto supremo da Deusa de Prata, os três mosqueteiros elaboraram os mais delirantes desdobramentos para o projeto *De*

Volta ao Passado.

Mas o tempo passava, e os Mosqueteiros também envelheciam.

Gafanhoto, o mais velho do grupo, quando recebeu o primeiro convite de aposentadoria, conseguiu revertê-lo para um trabalho mais leve no lado oculto da Deusa de Prata. Mas era uma solução temporária, a aposentadoria compulsória viria em alguns ciclos. O próprio Piff podia contar nos dedos das mãos quantos ciclos passaria no cargo de diretor, antes que chegasse seu primeiro convite de aposentadoria.

Portanto, se os Mosqueteiros quisessem mesmo deixar um legado, teriam que estruturar seus planos para que sobrevivessem a eles mesmos.

Foi então que Galatéia deixou de ser a esposa, para se tornar a filha de Piff.

A ideia foi do Rato que, apesar da aparência respeitável, nunca deixou totalmente de lado os contatos escusos com sua família pirata. Por isso, foi ele quem soube primeiro da pesquisa avançada de um grupo de Filhos das Estrelas sobre um mineral exótico dos Asteroides capaz de reter informação genética. Depois de muitos contatos discretos, o grupo dos Filhos das Estrelas acabou pousando no lado oculto da Lua para uma reunião sem registros.

O dogma de jamais produzir um robô de aparência humana continuava vigente.

Assim, em segredo, por mais uma vez Galatéia se tornou o primeiro protótipo de uma revolução tecnológica jamais registrada. Não só sua aparência foi levemente modificada e rejuvenescida, como também recebeu a nova tecnologia biogenética com uma mescla das memórias de Piff e Gafanhoto.

Galatéia acordou para sua nova vida com um olhar caracteristicamente humano, inteligente e astuta como Gafanhoto, diplomática como Piff. Para ela foram forjados novos documentos, falsificados à perfeição, afirmando a paternidade de Piff.

Depois disso, a jovem Galatéia foi contratada pelo pai para um estágio na Base Lunar, uma função simples a partir da qual ela ascendeu, lentamente e posto a posto, até que sua promoção a Engenheiro

em Chefe fosse justificada.

Neste período, com muitos ciclos de tempo pela frente, e sem qualquer pressa, os três Mosqueteiros desenvolveram um vírus silencioso que infiltraram nas IAs terrenas a partir da linha de comunicação da Base Lunar. Um vírus programado para infectar tão somente as unidades autoreplicadoras de manutenção autossustentável.

Gafanhoto inoculou o primeiro teste quando Galatéia começou seu estágio na Base Lunar. Por cuidado, infectou apenas estruturas computadorizadas que os Nascidos na Terra mal sabiam da existência, tal como as instalações militares abandonadas.

Os soldados robóticos desativados e suas armas potentes agora dormem para todo o sempre.

Quando Galatéia tornou-se a supervisora dos hangares de reparos técnicos, sem que ninguém questionasse sua origem ou humanidade, os três Mosqueteiros decidiram que chegado o momento de infectar as unidades de manutenção das IAs que atuavam sobre sistemas ativos dos equipamentos terrenos. O vírus faria com que estas unidades ficassem mais fracas a cada autoreplicação, até que, com o tempo e no futuro, parassem de funcionar.

Mas este período também trouxe novidades.

Como previsível, os Filhos das Estrelas que cursavam a Academia começavam a planejar a travessia das fronteiras do Sistema Solar, encarando, entre muitos desafios, da possibilidade de encontrar outra civilização inteligente. E entre estudos e pesquisas, alguém se lembrou das aulas do saudoso professor Theóphilo, o último professor de História Muito Ancestral, matéria que saiu do currículo após sua morte. E lembraram que ali, nas aulas sobre os mitos e religiões antigas, havia notícia de que, num passado distante, houve contato físico, convivência e troca de informações, entre humanos e civilizações alienígenas.

O saudoso professor Theóphilo, em disposição de última vontade, havia deixado todos os arquivos e seus livros como herança para Piff. Alguém descobriu essa informação, e ainda, quem e onde estava o

legatário. A notícia se espalhou, e pouco a pouco, caravanas de Filhos das Estrelas começaram a chegar na Base Lunar atrás deste conhecimento. A Deusa de Prata voltava a uma posição de proeminência.

Este foi um longo tempo e a melhor oportunidade que Galatéia teve, para conhecer pessoalmente não só todos os moradores da Estação Lunar, atendendo reivindicações das mais diversas, como também para receber os milhares de visitantes que a cada ciclo passaram a transitar pela Estação Lunar em busca de informação e pesquisa. Ela desempenhou suas responsabilidades com competência.

Jamais houve quem questionasse a humanidade da filha do diretor.

Ao ascender na hierarquia da Deusa de Prata e assumir o cargo de Engenheira em Chefe, Galatéia tornou-se uma autoridade respeitada, uma diplomata capaz de lidar com qualquer situação, e sua fama ultrapassou as fronteiras da Base Lunar.

Mas neste tempo, e não muito longe dali, os equipamentos terráqueos começavam a sofrer com os primeiros efeitos da falta de manutenção. Nos canais de comunicação, as reclamações se avolumavam. IAs providenciavam para que os aparelhos defeituosos fossem sistematicamente substituídos, mas nada do que foi descartado recebeu conserto. Longe dos olhos dos Nascidos na Terra, equipamentos e tecnologias descartadas apenas se acumulavam, montes de lixo à espera de uma manutenção que jamais chegaria.

Assim, quando Piff recebeu o primeiro convite de aposentadoria, na Terra a situação só se complicava. Uma seca catastrófica provocou a primeira quebra de produção de alimentos em trezentos anos terráqueos, e nenhuma IA estava programada para organizar um racionamento de alimentos. A distribuição desorganizada gerou um princípio de caos social.

O tempo continuou seu caminho.

Quando o idoso Piff recebeu sua aposentaria compulsória, Gafanhoto foi diagnosticado com uma doença terminal. Enquanto isso, na Terra, três centrais de energia viram-se subitamente desativadas,


em apagão. Os Nascidos na Terra entraram em desespero, sem saber como deter o colapso da tecnologia da qual tinham dependido por tanto tempo.

Com a aposentadoria de Piff, Galatéia herdou a direção da Deusa de Prata sem qualquer contestação, amparada pelo consenso de muitos sobre sua inegável capacidade de liderança. Rato foi promovido a Engenheiro em Chefe, na prática o braço direito da poderosa diretora.

O último ato de Gafanhoto, antes que a doença o levasse deste mundo, foi permitir às IAs terrenas que, diante de mais um catastrófico apagão de energia, colocassem diante de seus Nascidos em Terra a opção de comunicação com a Base Lunar.

Mas Gafanhoto não viveu o bastante para ver a primeira comunicação terráquea, depois de três séculos de silêncio. Um pedido de socorro.

Gafanhoto teve suas cinzas espalhadas no espaço, soltas no lado oculto da Lua, como era seu desejo. Alguns ciclos depois, Piff faleceu na Terra e teve o corpo enterrado no solo dos seus ancestrais, sob as raízes de uma árvore, como era seu desejo.

Mas Piff e Gafanhoto jamais serão esquecidos. Ambos viverão eternamente, preservados em suas memórias na poderosa Galatéia, a primeira imortal criada por humanos. Galatéia, a mulher que é dois homens que sobrepujaram a morte, o segredo mais bem guardado deste novo mundo. 



Elaine Novaes Falco é apaixonada por leitura, escrita criativa, ilustração e HQs. Como quadrinista (roteiro e desenho) publicou a HQ Pandemia, na coletânea CRÔNICAS PANDÊMICAS (Coletivo Biarticulado) indicada ao prêmio HQMIX/2021. Divulga seus contos autorais e dicas de escrita criativa pelo canal de Youtube CUMÉKISCREVE. Como autora independente, publicou Diário de Lana (romance) e Crônicas do Poder (contos).

HOMO GRAVITATIS

Pedro Diniz

Averiguar a documentação, interrogar sobre a carga, inserir informações no terminal, mandar a equipe de campo inspecionar as naves. Arin era bom no seu trabalho e o executava com uma destreza precisa. Havia de ser, estando há quase dez anos no emprego. Ele podia ser bom, mas o trabalho como agente técnico alfandegário do espaçoporto de Zenith era terrivelmente mecânico e o salário estava longe de ser considerado decente, então ele o executava sem afeição, adicionando uma distante frieza à destreza. Ainda assim, era seu trabalho e ele o fazia bem. Todos os dias, uma procissão de naves de todos os setores da galáxia atracavam no espaçoporto de Zenith, como parada obrigatória antes de Terra, e todas as naves comerciais passavam pelo seu guichê: Sirius, Alpha Centauri, Fomalhaut, Vega, Arcturus... Pollux? Já tinha gente vivendo lá? Da última vez que ele ouvira falar do setor, estavam para começar a terraformação de um dos planetas. A humanidade estava se espalhando rápido demais.

No guichê ao lado, para onde eram direcionadas as naves de um atracadouro diferente do que ele cuidava, seu colega de trabalho, Ned, estava cismado com algo na tela do terminal.

— Não é possível! — ele exclamou, de repente.

— O quê? — indagou Arin, sem diminuir o ritmo do que fazia.

— Isso muda tudo.



— Conhecendo você, não deve ser nada de mais.

— Você não vai acreditar no que aconteceu.

Arin girou na cadeira e limitou-se a encarar, impassível, seu colega por um instante antes de retornar ao trabalho, perguntando-se por que Ned sempre parecia estar menos ocupado que ele.

— Adiaram o jogo dos *Landers* por causa da reforma no hiperstádio.

— E daí? — Arin perguntou, convencido de que não era importante.

— Eu vou estar de férias, já comprei a passagem para casa. — Ele coçou a cabeça, chateado. — Quer comprar meu ingresso?

Arin não respondeu. Não tinha qualquer interesse em gravibol.

-oOo-

E, assim, passou-se mais um dia de trabalho no espaçoporto de Zenith, a primeira e única cidade humana em seu satélite natural, o primeiro braço da civilização no espaço antes de se lançar a colonizar a galáxia inteira. Eras depois, como forma de controlar todo o tráfego espacial que chegava à Terra, ainda era o funil por onde passavam todas as naves com destino à primeira casa do homem. O propósito inicial desse procedimento podia ter sido logístico, mas havia também se mostrado um meio eficaz de controlar imigrações indesejadas e a chegada de doenças transplanetárias, originárias de ecossistemas de outros planetas, à superfície da Terra. Com a multiplicação dos mundos ocupados e a diversidade química e biológica de cada um deles, era um problema cada vez mais comum.

A cidade de Zenith ficava localizada no polo norte da Lua, perpetuamente dividida pela linha que delimita o dia da noite. A faixa de luz se movimentava sobre a superfície da redoma que cobria a cidade, mas havia sempre uma parte da superfície coberta de coletores fotovoltaicos iluminada o suficiente para alimentar a cidade inteira com energia. Dentro da redoma, a joia que a humanidade levava consigo aonde fosse: civilização. A infraestrutura, a arquitetura, a cultura e a arte mudavam radicalmente de um mundo para o outro, a depender das condições do ambiente e do tempo de colonização, mas tudo que havia de trabalhado no universo fora inegavelmente trabalhado por mãos e mentes humanas. Ali em Zenith, predominava a construção geométrica e regular, erguida com o próprio regolito lunar, e a cidade tinha um aspecto claro e limpo que transparecia a ótica do que era considerado entre o moderno e o futurista à época em que foi projetada — uma época otimista, de ânimos elevados, com a exploração espacial apresentando novos resultados cada vez mais rapidamente.

O espaçoporto ficava mais afastado da cidade, no hemisfério voltado para o planeta, e era ligado ao restante de Zenith por um longo tubo viário com visão panorâmica para o lado que dava para ver a Terra, logo ali, pairando solitária em meio ao plano

de fundo de estrelas, sempre na mesma posição. Todos os dias, depois do expediente, Arin caminhava de volta para a cidade pelo lado de pedestres sem tirar os olhos do planeta, enquanto deixava seus pensamentos flutuarem até ele, porque ao menos seus pensamentos podiam fazer a viagem.

Nesse dia, como em tantos outros, Arin parou em sua contemplação. Ned deu alguns passos adiante antes de perceber que o colega não o acompanhava.

— Vamos logo ou o restaurante vai lotar. Você sabe como é essa hora — ele disse. Não perguntou por que Arin havia parado, já estava acostumado.

— Pode ir em frente — retrucou Arin. — Trouxe comida de casa, vou comer no parque depois.

Ned deu de ombros, despediu-se e seguiu em frente com seu andar desengonçado na gravidade baixa da Lua. Ele era um homem baixo e entroncado por ter crescido num planeta grande e de alta gravidade no setor de Fomalhaut. Era um notável contraste quando caminhava ao lado de seu colega, que era um genuíno lunar, nascido e criado na Lua. Arin era alto, mais de dois metros, e esguio, com membros finos e músculos flácidos e atrofiados por uma vida na minúscula gravidade da Lua.

Era por isso que ele contemplava ansioso a Terra, porque sabia que, no seu estado, jamais poderia ir para lá — ou para qualquer planeta, na verdade. Ned achava esse seu costume esquisito, mas é um problema que um planetário jamais compreenderia, livre para pisar em todos os lugares onde o homem já pisou. Na Terra, os músculos de Arin sofreriam para mover seu próprio peso e sua estrutura óssea, porosa demais, talvez não o suportasse. Ele não conseguiria andar sem a ajuda de um exoesqueleto. Havia exoesqueletos puramente mecatrônicos, mas eles eram desengonçados, pouco ágeis e às vezes dolorosos de usar, enquanto que um avançado exoesqueleto neurônico seria, funcionalmente, uma parte do corpo. O problema é que eles ainda eram caríssimos e, em diversos sentidos, experimentais. O homem havia dominado a viagem superluminal e a engenharia planetária, mas a conexão neurônica ainda o eludia.

O exoesqueleto não seria a única necessidade. Ele precisaria de uma bomba para apoiar seu coração atrofiado e vários outros pequenos ajustes. Todo o conjunto era proibitivamente caro. Mas isso não impedia Arin de economizar seu salário de agente alfandegário na esperança de um dia alcançar esse sonho. Recentemente, ele almejava isso não mais só por si próprio, mas também pelo filho que sua esposa em breve teria. Arin queria se mudar para a Terra a tempo de impedir que seu filho acabasse como ele, virtualmente confinado à Lua pelo resto da vida.

Ele lembrou do avô, que contava que, quando era bem moleque, a colonização permanente da Lua estava apenas começando. Ele a via no céu da Terra e sonhava, todos os dias, em viver lá. O custo disso era altíssimo na época, especialmente para um garoto pouco abastado como ele era, mas ele trabalhou duro e eventualmente conseguiu realizar seu sonho. Agora, duas gerações depois, Arin inspirava-se nele quando, todos os dias, pensava em regressar à Terra.

Ele se tornaria um ciborgue. Seria uma vida estranha. Mas ele gostaria de tentar, respirar o ar puro e ver as famosas belezas naturais da Terra de perto. Ver o céu, um pôr-do-sol, tomar um gole d'água que tivesse brotado do chão e não de uma planta de reciclagem. Não deixava de se questionar, no entanto, se o pessoal do Movimento Isolacionista não estava certo quando dizia que, agora que se passaram algumas gerações desde a expansão, os seres humanos dos muitos planetas se tornaram diferentes demais para serem considerados da mesma espécie e, portanto, deveriam se ater a seus respectivos mundos. Bem, no caso de Arin não havia outra opção.

A pequena estação orbital lunar, onde ficava o hiperstádio de gravibol, cruzou o céu e tapou a Terra por um instante, tirando Arin de seu devaneio.

-oOo-

O jantar de Arin era um mero sanduíche, mas sua esposa havia caprichado no recheio e ele o comeu com gosto, sentado num banco à margem do córrego que cruzava o parque central. Ele e Ned desenvolveram o hábito, ao longo dos anos, de jantar num restaurante barato no caminho para casa, mas,

cada vez mais, Arin vinha trazendo comida de casa, cortando gastos onde podia. Àquela hora, sua esposa ainda estaria dando aula e ele não tinha motivo para voltar para casa, então jantar um sanduíche no parque era bom o suficiente.

O parque era o lugar mais aprazível de Zenith inteira, ao menos para alguém pouco afeito à paisagem demasiadamente urbana do resto da cidade. O córrego e as cascatinhas encobriam o murmúrio dos veículos elétricos e as árvores filtravam a iluminação artificial clara demais, chegando a tapar a visão do teto.

Arin terminou seu jantar, mas permaneceu lá, distraído com o movimento da água, tal que só percebeu a aproximação do estranho quando ele já havia sentado ao seu lado. Era um homem corpulento, mas mais que isso Arin não poderia dizer, pois ele vestia uma jaqueta com capuz. Num lugar regulado por um perfeito sistema homeostático, sem frio ou chuva, a única razão para se usar capuz era evitar identificação.

— Boa noite, Arin — disse o estranho, assim que Arin fez menção de se levantar para ir. — Peço que fique e não se assuste. Só queremos pedir um favor seu. — Ele inclinou a cabeça de forma a quase dar para enxergar seu rosto. — Um favor bem recompensado.

— Quem é você? Como me conhece? — perguntou Arin, alarmado.

— Isso não importa para o que você precisa fazer.

O homem sacou um cartão do bolso e o passou a um Arin desconfiado, que o apanhou mesmo assim. Era um cartão de créditos comum que, ao ser escaneado pelo computador portátil de Arin, revelou-se carregado com um valor de centenas de milhares de créditos.

Arin arregalou os olhos. Quase involuntariamente, fez o cálculo mental e concluiu que era o que precisava para cobrir todas as despesas com um exoesqueleto neurônico e a mudança para a Terra. Seu coração se descompassou por um instante. Tanto dinheiro.

— Os créditos foram perfeitamente neutralizados, então você pode fazer o que quiser com eles. Sem levantar suspeitas — o homem adiantou-se em dizer. — Fique com o cartão, só ouça o que vou pedir.

Tudo na situação cheirava mal, desde o tom de voz grave do sujeito ao modo como ele o tinha abordado, mas o número no cartão teve o efeito desejado de deixar Arin abalado.

— O que você quer?

— Somente que faça seu trabalho. Em três dias, às 14:40 Horário Padrão da Terra, uma nave chegará de Alpha Cen, com destino ao próprio espaçoporto de Zenith, carregada com dezenove toneladas de irídio e outros metais platinóides, ou ao menos é isso que a documentação dirá. Não importa o que aconteça, você liberará essa nave sem empecilhos e em hipótese alguma requisitará a inspeção usual da nave. Só. Você só tem que liberar essa nave.

— E se eu recusar?

— Você será denunciado. Autoridades tomarão conhecimento do dinheiro que você acaba de receber e, na melhor hipótese, ele será confiscado. — O homem se levantou e começou a andar na direção de onde tinha vindo. — Fique com o cartão. Pense a respeito. Faça seu trabalho — ele ainda disse, antes de afastar-se.

Arin continuou sentado por um bom tempo, apertando o cartão entre os dedos e sem conseguir decidir dentro de si se acabara de ser subornado ou não.

-oOo-

Três dias depois, com a precisão característica dos corredores interplanetários que ligavam toda a civilização humana, às 14:40 HPT, o terminal de Arin registrou a docagem de uma nave procedente de Alpha Centauri e seu já conturbado estado de tensão elevou-se ainda mais. Seria questão de minutos até a fila em seu guichê avançar e ele se ver cara a cara com o responsável pela nave. O cartão no bolso em seu peito parecia estar se transmutando em algo muito mais pesado e puxando-lhe para baixo, arque-

ando-lhe as costas e fazendo com que ele se sentisse fisicamente como um homem culpado, embora de quê ele ainda não soubesse dizer.

Arin estava tão agitado que, se não dominasse tão mecanicamente seu trabalho, teria se atrapalhado todo. Mas, sem desacelerar, a fila avançava inexoravelmente.

Até que chegou a pessoa com os documentos da nave e os apresentou sem qualquer cerimônia ou cumprimento. Em certo sentido, foi um anticlímax. O homem era obviamente um planetário. Os olhos do rapaz não diziam nada sobre ele e não havia nada que chamasse atenção em sua barba espessa, mas aparada, e seu cabelo curto. Ele não parecia sequer nervoso. Parecia somente um transportador cansado depois de uma viagem interestelar.

Ele encarou Arin, imperturbado, enquanto este pegou os documentos com as mãos trêmulas e passou os olhos por eles. Sua visão estava borrada e ele só distinguia as palavras com esforço, mas identificou que as informações eram como lhe haviam dito que seriam. Não aparentava haver nada de errado com a documentação, ou Arin estava nervoso demais para perceber, mas ele deveria marcar a nave para inspeção mesmo assim. Era o padrão. Se ele a dispensasse da vistoria, o que só deveria acontecer em um punhado de casos especiais, talvez seus chefes verificassem isso no seu relatório automático e lhe fizessem perguntas, mas talvez não.

Enquanto os pensamentos voavam dentro da sua cabeça, o peso do cartão palpitou em seu peito e a imagem daquela enorme quantia de créditos obscureceu todo o resto. Como se estivesse enxergando a cena em terceira pessoa, Arin devolveu os documentos ao homem e marcou a nave como liberada no seu terminal.

O homem foi embora e nada aconteceu. Não deveria acontecer. Talvez não imediatamente, mas ele não sabia sobre o que era aquilo tudo e se teria alguma repercussão lá na frente. Tudo parecia ser problema de outra pessoa agora. Arin ainda não sabia se se arrependia ou não do que acabara de fazer, mas o fato de ter passado era um alívio por si só. Ele soltou

um longo e sonoro suspiro.

— Arin, você está bem? — perguntou Ned. — Esteve esquisito o dia todo.

— Estou, estou bem. Nunca mais jantamos juntos, não foi? Que tal se hoje for por minha conta?

-oOo-

A esposa de Arin descansava no sofá após o jantar enquanto assistia ao noticiário. Estava passando uma notícia sobre a intensificação das ações dos Movimentos Isolacionistas, inclusive com casos de violência, depois que uma bactéria originária de um desequilíbrio no ecossistema artificial de um planeta em Sirius foi levada até o setor Arcturus em uma nave de turismo e causou uma epidemia que dizimou comunidades inteiras. Arin assistia por cima do balcão que separava a cozinha da sala ao mesmo tempo que lavava a louça.

Ele só prestava meia atenção, porque sua mente estava nos planos para o dinheiro. Uma semana já havia se passado e Arin ainda não havia contado a sua mulher sobre ele. Jamais contaria. Pretendia só fazer a surpresa da mudança e dane-se se ela fizesse perguntas; elas permaneceriam sem resposta. Até porque o próprio Arin não tinha resposta para a maioria delas. Não sabia como o tinham achado, embora provavelmente tivesse sido abordado só pela sua função na alfândega. Ainda assim, ele temia que continuasse sendo espionado e pretendia se mudar para a Terra o mais rápido possível.

O que não era tão simples fazer quanto falar. Havia toda uma vida em Zenith que precisava ser cuidadosamente desmontada e transferida para a Terra. O principal, a instalação do exoesqueleto e máquinas auxiliares, não era feito todo dia nem por todo mundo, embora Arin já tivesse os contatos de médicos que poderiam ajudar. Todas as peças estavam na mesa, só faltava montá-las. Ele pensava e trabalhava nisso secretamente todas as horas que podia. Se tudo desse certo, aquele seria seu último mês na Lua.

Seu devaneio foi interrompido quando a TV o acordou. Era uma outra matéria sobre a reforma do hiperstádio. A repórter estava a bordo da estação,

flutuando sem jeito em gravidade zero por um lugar com enormes pilares de metal enquanto explicava a obra. O que chamou mesmo a atenção de Arin foi quando a repórter se aproximou de um trabalhador que, parecendo alheio à gravação da reportagem, foi pego de surpresa para responder algumas perguntas. Quando ele se virou para a câmera, Arin quase deixou cair o prato que estava segurando, porque era o mesmo homem que ele havia liberado na alfândega. Arin reconheceu facilmente a barba e as feições. O rapaz estava trabalhando na obra com outros técnicos e, com pouca desenvoltura, respondeu às perguntas da repórter.

— É um reforço estrutural para as... há... arquibancadas orbitais — ele disse. — Está demorando porque tiveram que mudar o projeto depois que... um maquinário extra precisou ser incluído. Para os movimentos, sabe. — E então ele deu um sorriso que parecia estranho em seu rosto e falou, naturalmente: — Não se preocupem que a estreia com o jogo dos Landers semana que vem vai ser inesquecível.

Arin foi tomado por uma súbita angústia, pois sabia visceralmente que algo ruim iria acontecer e seria em parte por sua culpa. Talvez ele fosse o único que soubesse que havia algo errado sendo preparado ali e o único que pudesse impedir. Não parecia mais ser problema de outra pessoa e ele não podia deixar que se tornasse. Sem saber bem o que poderia ser feito, mas agindo por instinto, ele se afastou da sala e fez uma ligação.

— Ned. Você ainda está em Zenith? Ainda tem aquele ingresso?

-oOo-

Os corredores do hiperstádio estavam apinhados de gente, apesar do início do jogo estar se aproximando. Era um milagre, tanta gente transitando em zero-g, disputando as agarras nas paredes e vigas para se locomover, sem que vários acidentes acontecessem.

O hiperstádio era uma enorme esfera oca com o centro servindo de campo tridimensional ao gravibol, com seus aros e regras malucas. Na superfície interna da casca ficavam as arquibancadas, enquan-

to que o interior da estrutura continha os corredores que ligavam as arquibancadas às lojas e à estação de transporte para Zenith ou para a Terra, com naves decolando o tempo todo.

Arin se deslocava pela multidão sem saber para onde estava indo ou o que procurava. Tudo o que queria era encontrar um indício de que a intuição que o levou até ali estivesse errada. Acidentalmente, ele esbarrou no lugar onde a repórter estava no início da reportagem e decidiu retrair seus passos. Foi fácil identificar onde estava por causa de um grande portão que quebrava a simetria do corredor e tinha um aviso de entrada restrita. Receoso, Arin atravessou o portão e o fechou atrás de si.

A área reservada contrastava com os corredores principais: vazia e silenciosa. Ainda lembrando da notícia na televisão, Arin encontrou o caminho até a área dos pilares. E, ao se aproximar, reconhecer a voz que falava baixo gelou seu sangue.

— Faltam os ajustes finais. Fazer a ligação, acionar o contador. Antes de começar o jogo ela vai estar armada e eu pego uma nave pra longe daqui.

Era o homem do espaçoporto. Ele falava com alguém num comunicador, mas logo encerrou a conversa e foi em direção a um objeto grande, que parecia toscamente montado pela junção de módulos fabricados de maneira artesanal e se estendia da base de um dos pilares até a antepara mais externa da estação. Arin nunca havia visto uma, mas tinha a impressão de que aquilo era uma bomba. Ele a havia encontrado fácil demais, mas talvez só ele estivesse procurando.

Seu coração batia acelerado de medo, mas ele engoliu em seco e, convicto de que tinha que reverter seu papel naquele desastre antes que ele se concretizasse, saiu de trás de um pilar e pairou abertamente enquanto segurava uma agarra.

— Não sei o que pretende, mas você deve parar nesse instante — disse, em alto e bom som.

O outro homem sobressaltou-se, mas familiaridade surgiu em sua face.

— Você é do espaçoporto. O que está fazendo

aqui?

— Eu pergunto o mesmo. Como essa bomba veio parar aqui?

— Nós somos bem conectados. — O homem deu um sorriso frio. — Você não foi o único que nos ajudou.

Foi como um golpe, mas Arin resistiu. Sabia bem o que tinha feito.

— Quem são vocês?

O homem deu de ombros, como se fosse óbvio, ou ainda como se não se importasse de revelar a informação.

— Ora, somos do Movimento Isolacionista Terrestre.

— E o que vocês querem alcançar, atacando o hiperstádio? — Arin franziu a testa.

— Eu detesto gravibol — ele disse, com escárnio. — Seu lunar idiota, o alvo não é o hiperstádio. Essa beleza aqui vai desestabilizar sua órbita da maneira exata para ele cair sobre Zenith. E não há nada que você possa fazer para impedir. — Ele sacou uma pistola e a apontou firmemente para Arin. — Ninguém vai ouvi-lo aqui.

— Pelos céus, por que vocês querem destruir Zenith? — exasperou-se Arin, mais pela afirmação que pela arma.

— Porque ela abriga o espaçoporto. A porta de entrada para a minha Terra, por onde estão chegando todos esses seres deformados de outros planetas, sem respeito algum, carregando suas doenças e costumes odiosos. — Havia ojeriza genuína na sua voz e seu rosto era uma máscara de ódio. — E vocês lunares são iguais. Você pode morrer aqui mesmo.

Tudo aconteceu rápido. O homem ergueu a arma e disparou, ao passo que Arin se arremessou com toda força em direção a ele, torcendo o corpo num parafuso. O projétil atingiu o pilar a centímetros de onde ele estava com um estalido. Ao erguer a arma para disparar, o homem não levou em consideração a força de reação do tiro, que o fez começar a girar inutilmente no ar, sem conseguir mirar novamente.

Arin o atingiu em cheio e os dois colidiram com força contra um dos lados da bomba. O homem ficou por baixo no impacto e o movimento de giro fez seu braço prender em uma alça que se sobressaía da carcaça e torcer com um som seco e um grito de dor. Ele ficou preso e sem ação à bomba enquanto Arin, mais acostumado à ausência de gravidade, conseguiu se estabilizar. A pistola pairava entre os dois.

— Seu maldito! Vão para o inferno você e todos os lunares desgraçados! — berrou o homem, num misto de dor e cólera. — Olhe para você! Você sequer é humano, então porque não morre logo?

Arin olhou para as próprias mãos. Seus membros eram longos, seus ossos quebradiços e seu coração fraco, mas suas mãos tremiam com a adrenalina e angústia como as de qualquer homem. Ele já havia pensado nessas ideias dos isolacionistas, com a melancolia de alguém que não vê outra alternativa a não ser concordar com a realidade, mas nada disso lhe passou pela cabeça no momento. Diante de uma


posição tão extrema, ele estava convencido de que não eram tão diferentes assim. Arin se enxergava humano em tudo o que realmente contava.

Vendo-se no controle da situação, com o homem sem forças para conseguir se soltar de onde estava, Arin relaxou. Mais leve, sua mente voltou-se para o dinheiro do suborno. Quando aquele seu adversário ali revelasse toda a história, seria inevitável que o dinheiro fosse tomado e todos os seus planos, tão próximos, fossem por água abaixo. Mas era o que ele merecia, pensou, resignando-se. Fizera a coisa correta. O dinheiro não deveria ser seu desde o começo.

A não ser que...

Arin olhou ao redor. O lugar era realmente afastado e permanecia vazio mesmo após um disparo. O rapaz continuava a vociferar maldições, mas estava indefeso.

E a pistola estava logo ali.

É, pensou Arin, não sou tão diferente assim. 



Pedro Mendes Diniz, nascido em Olinda - PE, é engenheiro mecânico, maquinista e pesquisador da Marinha. Há mais de uma década vem exercitando a escrita, principalmente com contos e principalmente na sua grande área de interesse, a ficção científica, mas enveredando por outros gêneros de vez em quando. Tem uma novela de ficção científica publicada na plataforma Kindle (*Regenesis: Em Direção ao Horizonte*), bem como contos publicados em diversas antologias nacionais de ficção científica e terror, que podem ser encontrados em pedromd.carrd.co.

Jéssica e seu TIGRE

Miguel Carqueija



Veloso teve a sua atenção desviada do multi-Cosmonet pelos gritos alegres das crianças no jardim.

— A turma está barulhenta hoje, Amy... — disse ele, desviando os olhos do diagrama dos anticlinais, sinclinais e monoclinais.

— Está sim! — Amy abriu a janela e chamou pela filha. — Jéssica! Jéssica!

A menina de sete anos veio correndo, afastando-se um pouco de quatro companheiros de folgado.

— Que é, mamãe?

— De que é que vocês estão brincando? Que barulheira!

— Ah, mãe, estamos brincando de pegar ladrão, e quem vigia o ladrão é o meu tigre!

— Seu o quê?

— O meu tigre. O Storm. Ah, eu não te apresentei ainda. Ele está lá, perto do Ary. Está vendo ele? É enorme e cheio de listras!

— É mesmo! Que tigrão, hein? — sorriu Amy, entrando no espírito da brincadeira. — Ele é manso?

— É mansinho, mãe. Ele só pega se for gente ruim.

— É bom que assim seja. Bem, divirta-se com os seus amiguinhos.

— Está bem! Vou lá!

Amy voltou-se para o marido.

— Viu só, Carlo? A Jéssica agora tem um tigre de estimação! E o nome dele é Storm.

Carlo Veloso também achou graça. Nas cúpulas terramorfizadas da Lua não existiam animais selvagens de grande porte, custaria muito a manutenção. Quase nem existiam animais domésticos por causa dos pesados impostos sobre a sua posse. Já era difícil a manutenção de seres humanos no satélite.

— É bom que ela tenha imaginação, criatividade... —

— E que tenha muitos amiguinhos para brincar!

— É. E você vê que ela gosta mesmo dos docu-

mentários sobre a natureza. Imagine, um tigre...

— Bom, eu vou trabalhar um pouco na minha sinfonia virtual. A propósito, falei a você da excursão?

— Excursão?

— Sim, na reserva. A escola vai levar as crianças lá no sábado.

— Que ótimo, amor. Ótimo mesmo.

Veloso falava por falar. No fundo queria mesmo era continuar seu estudo da morfologia terrestre, muito mais emocionante que a lunar por ser a Terra um planeta vivo. Mas a referência à reserva mantida pela Fundação Disney na Lua mexeu com alguma coisa em sua memória. De repente, enquanto manipulava o ratinho, lembrou-se do que se tratava: uma semana atrás, fora encontrado o cadáver de uma jovem de quinze anos dentro de uma das grutas da reserva. Uma vítima de violência sexual.

“Ora, ela estava sozinha e a polícia já deve ter prendido o tarado.”

Ele nunca fora muito de acompanhar a sequência dos assuntos dos noticiários. Que fim levou isto ou aquilo? Ele não sabia.

-oOo-

Mais tarde, arrependeu-se por não haver falado dos seus ligeiros temores à Amy, já que não queria preocupá-la.

Os dias que se passaram foram dias tigrentos, aborrecidos. Jéssica insistiu em levar o tigre para a cama, e ficava empurrando aquela massa invisível com impaciência.

— Poxa, Storm! Você quase não cabe na minha cama! Dá um tempo, chega pra lá!

— Minha filha — disse o Carlo —, por que você não manda esse diacho de tigre dormir no quintal?

— Naquela friagem? Que maldade, papai! Arranje então um almofadão e ele dorme no tapete! Eu queria que ele dormisse aqui comigo na cama, mas, pombas, ele é muito grande!

— Jéssica, faça as suas orações e vá dormir logo,

que a gente acorda cedo! — Amy já estava meio agastada com aquela história de tigre.

— Mas o almofadão? Basta isso, mamãe!

— Está bem, eu vou pegar — disse Carlo.

Depois de instalado o felino, Carlo e Amy finalmente conseguiram ajeitar a menina em seu leito, despediram-se dela e saíram. Ao encostarem a porta, ainda escutaram:

— Abençoe a mamãe, abençoe o papai e abençoe o Storm. Amém.

— Querido — observou a Amy —, não seria melhor se ela tivesse um bichinho de estimação de verdade?

— Com todos esses impostos? Só se me promoverem. Deixa ficar assim: um tigre invisível sai de graça.

-oOo-

Como uma laranja desbastada em vários segmentos concêntricos, num desbastamento irregular; em parte conservava-se a crosta terrestre; parte mostrava a capa intermediária, abaixo do manto, e o desbastamento final deixava ver, como uma fatia de queijo de Minas, o núcleo, que teria, somente ele, 1.700 trilhões de toneladas, para 2.600 trilhões de toneladas da capa intermédica. Pelo menos, esses eram os números que apareciam no monitor tele-holográfico.

— Carlo! Carlo! Depressa!

— Não me interrompa agora! Não vê que eu estou formando o esquema geológico básico da Terra e que...

Ela premiu o botão de desligamento drástico.

— O que é isso, Amy? Isso pode escangalhar...

— Homem, esqueça a sua mania de diagramas da Terra! A nossa filhinha está em perigo!

— O que quer dizer com isso? Ela não está na excursão?

— O Saraiva acabou de ligar, ela se perdeu do grupo e tem um anormal à solta por lá!

— Como é que é?

— Você sabia que houve um crime sexual na reserva?

— Hein? Eu sabia, mas...

— E por que não me falou, infeliz? Eu jamais teria deixado a Jéssica ir...

— Mas não é possível! O pessoal do colégio tem que garantir a segurança...

— Você vai lá comigo agora mesmo! Ela é nossa filha e de mais ninguém! Nós é que temos que protegê-la! E ai de você se acontecer alguma coisa a ela!

Carlo finalmente reagiu. Não costumava acreditar no pior, mas não podia dar parte de desleixado em relação à própria filha. Colocou sua jaqueta de magiplast, pegou a penetrina e correu para a garagem, seguido por Amy, que se munira de outra penetrina e de um cassetete elétrico. Entraram no aerofuso e deixaram a propriedade. Seguiram pelas frias e geométricas ruas lunares. Carlo deixou a direção com a esposa e buscou contato com a equipe de excursão. Depois de algumas tentativas, conseguiu falar com o professor Paixão:

— Alô, professor Paixão! É o Carlo, pai da Jéssica! O que está acontecendo?

O tom de voz do Paixão revelou angústia, de modo que Carlo não se tranquilizou nem um pouco:

— Senhor Veloso, eu lamento. Aconteceu quando explorávamos a Caverna das Sombras...

— O quê? Não é onde uma garota foi morta?

— É, mas nós temos uma polícia agindo...

— Ora, pelas estrelas! Isso foi imprudência, leviandade!

— E sua também, Carlo! — intrometeu-se Amy. — Você sabia desses detalhes! Seu monstro insensível! Você só quer saber desses hologramas estúpidos! Se a minha filhinha não voltar com vida e inteira, eu juro que peço o divórcio!

— Querida, por favor...

— Querida é a sua avó! Eu quero minha filha de

volta!

E assim transcorreu o restante do trajeto.

-oOo-

Carlo finalmente começou a se incomodar, em sua consciência íntima, com o grau de alienação a que chegara. Quantas vezes dera atenção à filha nos últimos meses?

Chegaram ao túnel de ligação, passaram as suas credenciais na fenda magnética abaixo da tela de controle e prosseguiram. Afinal, pensava Carlo, como é que um marginal poderia penetrar ali sem ser notado?

Quando chegaram à Praça de Reunião, de onde se avistava uma cúpula de magiplast muito mais alta que a da cidade — pois maritacas estridentes, andorinhas, fragatas e gaivotas voavam bem à vontade por ali —, viram duas monitoras com o grupo de crianças.

— Venha — disse Amy, já fora do carro e puxando Carlo pela mão. — Vamos saber da nossa filha!

Falaram primeiro com a Eulália, que veio ao encontro de ambos:

— Oi, ainda bem que chegaram! Todo mundo está procurando a Jéssica!

— Todo mundo? E como é que vocês estão aqui? — descontrolou-se Carlo.

— Calma, homem — interveio Amy. — Alguém tinha que ficar com as outras crianças.

— Pois é — confirmou Eulália. — Mas o Sargento Peter já está no bosque, com uma equipe...

— Tem cães policiais?

— Não há cães na polícia lunar, senhora. Ainda não foram introduzidos, sai caro e não são bem adaptáveis às falhas da gravidade artificial.

Carla olhou em volta. Avistou a cantina, os vestiários e outras instalações, e os caminhos que seguiam reserva adentro.

— Onde é a caverna em que minha filha sumiu?

— Temos esses mapas aqui, peguem, eu vou com

vocês. Só um instante.

A garota deu uma palavra com as assustadas crianças e com a outra monitora, e indicou um jipe lunar, de colchão de ar:

— Vamos nesse aí. É melhor que o carro de vocês para um lugar assim.

O casal ocupou o banco de trás e Eulália pisou no acelerador. O jipe magnetosférico seguiu velozmente por escuras vielas de mata tropical, onde não faltavam micos-leões e outros macacos; o colchão de ar garantia que nenhum dos valiosos espécimes morreria atropelado.

— Essa reserva é enorme... — comentou Amy. — Como é que um criminoso pode entrar aqui, se há controle de quem entra?

— Bem, para falar a verdade tem alguém que entrou normalmente, como um visitante comum, e não saiu até hoje. Deve ser louco o bastante, para querer passar o resto da vida aqui, servindo-se dos mantimentos e roupas de reserva que deixamos pelas cabanas de apoio, e atacando as garotas.

— O quê? — Carlo estava perplexo. — Por que isso não foi revelado na mídia?

— Ora, para não criar pânico e não diminuir a frequência de visitantes.

Diante dos protestos, ela acrescentou:

— Eu sei, é estúpido e egoísta. Mas foi a ordem superior: o mínimo de detalhes à imprensa.

— E sabem quem ele é? — indagou Amy.

— Ouvi dizer que é um rapaz de vinte e poucos anos, filhinho de papai...

— Ora, a família dele vai querer que fique perdido por aqui para sempre, sendo caçado?

— Não sei. Talvez arranjem um meio de lhe dar fuga.

— Mas... — começou Carlo, timidamente.

— Sabem como o dinheiro gera corrupção. Desculpem falar disso a vocês.

— Isso é verdade — falou Amy. — A sociedade

atual é permissiva e tolerante com o crime, inclusive os juízes... ou a começar por eles. Só o alienado aqui é que não sabe disso!

— Amy, por favor!

— E vocês não podem descobrir quem é? Afinal isso é uma colônia lunar! Não podem saber quem está faltando?

Eulália diminuiu a velocidade: aproximavam-se da caverna onde Jéssica sumira.

— Por incrível que pareça, meus amigos, não é tão fácil assim. Existe gente que consegue entrar aqui ilegalmente. Desde que os voos de passageiros se tornaram mais comuns e menos controlados, esse problema existe. A população selenita vai se tornando incerta e incontrolável.

— Isso é algo que não deveria acontecer... — observou Carlo. Ia dizer mais alguma coisa quando avistaram, perto de uns plátanos, um grupo de guardas florestais. Eulália tratou de estacionar.

— Alguma notícia?

— Por enquanto não. Mas há muita gente procurando — falou um dos rapazes.

— Nós somos os pais dela — disse Carlo, ansioso. — Eu pago uma recompensa a quem achá-la!

— Meu senhor, isso é desnecessário. Todos nós queremos salvar a menina.

Amy já chorava.

— Não há tempo... não há tempo...

— Isso não resolve nada, senhora Amy. Vamos lá! — animou Eulália.

Despediram-se e, depois de mais umas curvas, chegaram à entrada das grutas.

— E se ela estiver lá dentro ainda? — indagou Carlo.

— Isso não seria possível. O boné dela foi encontrado perto, quem quer que seja pegou-a mais para a saída. Se penetrasse mais na caverna, teria esbarrado com o pessoal.

Havia um casal de guardas na entrada. Conversa-

ram rapidamente e a moça, Ester, mostrou-lhes um aparelho em forma de tabuleiro de xadrez:

— O esquadrinhador termobiológico é bastante eficiente quando se trata de cavernas, podem crer. Se houvesse uma criatura humana por lá agora, ou duas, os sinais seriam facilmente identificáveis. Até porque, não há morcegos nas cavernas do parque. Não importamos os morcegos da Terra, pois as pessoas não costumam gostar deles e podem transmitir hidrofobia.

— Então, o que você quer dizer é que ela não está aí dentro, é isso? — Carlo foi seco.

— É claro, e é um bom sinal. Ao ar livre é mais fácil...

— Vejam! Vejam! — exclamou Eulália excitadíssima, apontando.

Acabada de sair da mata, vinha correndo uma garota. Uma criança, de calças compridas e pulôver vermelho, com um feio rasgão.

— Jéssica! — gritaram pai e mãe, ao mesmo tempo.

A menina se atirou chorando nos braços de Amy e, em seguida, nos de Carlo. As outras pessoas presentes também a festejaram.

— Minha querida — disse Amy, entre lágrimas de emoção —, o que houve com você? O que lhe fizeram?

— Um homem muito malvado me pegou, mãe, e me levou para a mata. Mas ele não fez nada comigo.

— Não fez?! Porque se tiver feito...

— Não, mãe! O Storm pegou ele!

— Quem? — perguntou, perplexo, o guarda Antenógenes.

— O meu tigre! — Jéssica estava sorridente. — Ele acabou com o sujeito! O Storm nunca deixaria que me machucassem!

Amy e Carlo se entreolharam. Ester, hesitante em dar a notícia pelos comunicadores, olhou-os interrogativamente.

Amy tomou a filha nos braços:

— Está bem, minha filha. Dê os meus parabéns ao Storm. Se não lhe fizeram nada, então iremos para casa.

— Um momento! — disse Eulália, decidida. — Jéssica, onde está o cara que levou você?

— Eu sei onde está o corpo dele. Mas não é uma coisa bonita de se ver...

Carlo mostrou-se impaciente:

— Jéssica, por favor, controle a sua imaginação.

— Mas está lá, papai! O Storm apareceu e matou ele! Está lá, perto de umas pedras!


— Carlo, vamos deixar ela nos mostrar — disse Amy, com firmeza.

— Mas...

— Está decidido. Querida, vá me apontando o caminho.

— Está bem, mãe.

Amy levou-a nos braços e Jéssica foi dando as indicações. Passaram por bambuzais, por manchas de lava primitiva em meio à vegetação transplantada, por espessos aglomerados de moitas e árvores, até chegarem a uma cachoeira.

E ali, perto de algumas grandes rochas, estava o cadáver de um homem jovem e bem vestido... horriavelmente estraçalhado por garras e dentes. 



Miguel Carqueija é autor carioca que ingressou no fandom em 1983 através do extinto Clube Antares e é um dos mais antigos em atividade, com grande número de obras publicadas, seguindo uma linha basicamente infanto-juvenil com aventuras e humor.

LAIKAS

Rodrigo Ortiz Vinholo

Laika não sabia que se chamava Laika. Isso era algo comum aos cães da Colônia Lunar.

Começou como uma piada, uma referência espertinha feita pelos primeiros moradores da cidade: quando permitiram trazer animais de estimação, boa parte das pessoas chamou seus cães de Laika, em uma homenagem à primeira cadela a ir ao espaço, séculos antes, em uma nave espacial russa. Isso foi na época em que qualquer transporte do tipo era uma novidade incrível, e humano algum havia deixado o planeta Terra. É claro que nenhum morador da Colônia havia vivido na época de Laika, mas era o tipo de coisa que permaneceu na cultura de tudo que tinha relação com o espaço.

Para a maior parte daqueles que decidiram por esse nome havia pouquíssimo raciocínio além do óbvio. Ninguém, aparentemente, havia considerado a situação trágica da Laika original ou, se havia, não consideravam que fosse algo ruim o suficiente para que a menção não soasse como uma piada de mau gosto. Pensavam apenas na história fantástica, de tempos mais simples, sobre como a cadela havia sido o primeiro ser vivo a orbitar o planeta Terra, em sua nave chamada Sputnik 2. Não pensavam em como ela era um símbolo do orgulho e da competitividade desmedida dos seres humanos, e muito menos no fato de que havia morrido sozinha, em órbita, poucas horas após o lançamento da nave. Isso foi um erro humano, o que não quer dizer que ela não morreria de outro modo.

Quando Laika entrou naquela nave, já estava condenada: a Sputnik 2 não estava preparada para voltar à Terra, sendo que o plano era que, depois de 10 dias, receberia comida envenenada para que



morresse mais rapidamente. Se o projeto fosse um sucesso completo, Laika viveria um pouco mais, para morrer mais tarde. Como não deu tão certo, evitou o destino de ser envenenada, sendo, no lugar, cozida viva.

O que possivelmente era a maior injustiça era o fato que, como o objetivo era colocar um ser vivo em órbita, seja lá o que acontecesse com ela depois disso não tornaria a missão menos bem-sucedida. Laika foi usada pelos humanos, um meio para um fim infeliz, sem relação alguma com ela. O todo de sua existência foi transformado em um meio de provar um ponto aos rivais da Rússia — em especial os Estados Unidos da América — apontando sua superioridade na exploração espacial. Era indiferente para qualquer um dos lados o que aconteceu com Laika posteriormente. O que importava era o primeiro sucesso.

Chamar qualquer cadela de “Laika”, mesmo mais de um século depois, era realmente muito infeliz. Mas a lógica humana, especialmente para pequenas modas e humor, era a de pouco esforço de pensamento. Assim, sem pensar, a criatividade dos primeiros a darem esse nome morreu quase tão rapidamente quanto a Laika original.

Eram tantas Laikas que, para os moradores, lentamente o nome se tornou uma denominação comum, sinônima de “cão da Colônia Lunar”, em oposição a qualquer outro cão na Terra ou de outro lugar, com a única diferenciação do nome ficando na grafia com letra minúscula. Ajudava quando se considerava que “laika” era mais fácil de dizer do que “cão lunar”, especialmente para as crianças.

Para os cães, o apelido não fazia tanta diferença. Para Laika, uma vira-latas caramelo que vivia em Luna e que só dividia o nome com a originalmente famosa, isso não fazia diferença alguma, ao ponto de que realmente não sabia que aquele era seu nome.

Laika não sabia quem era Laika. Também não sabia seu nome e não sabia sua origem além de sua mãe. A vida nos becos da Colônia era tudo que conhecia, a vida como uma laika. Conhecia as ruas que podia visitar, os humanos que lhe alimentariam e os

que tendiam a agredi-la ou prendê-la. Esses geralmente usavam uniformes.

No começo, quando havia menos moradores na Colônia e, por consequência, maior facilidade de controle, todos os animais eram registrados. A lenta desorganização que se deu com o desenvolvimento tornou a vigilância com os animais mais leniente. É claro, todos que entrassem ou saíssem eram verificados para que não trouxessem qualquer doença, mas os que viviam no interior da Colônia logo passaram a ser ignorados, ao menos enquanto não gerassem problemas aos moradores e autoridades.

Laika era filha de outra laika, que por sua vez havia começado sua vida como mascote de uma família de imigrantes que decidiu abandoná-la nas ruas da Colônia pouco depois que engravidou e teve filhotes. Laika, a filha, só teve tempo de ganhar o nome de uma das crianças da família humana antes que fosse deixada em um beco com sua mãe. Seus irmãos não sobreviveram muito além do parto.

Com sua mãe, e depois sem ela, Laika havia vivido por anos evitando captura, aproveitando calor, água e comida onde quer que encontrasse. Não era afeita a outros clãs de cães, preferindo viver sozinha, ainda que eventualmente se juntasse a eles para dividir o fruto de algum roubo de alimentos ou para trocar informações.

Os humanos eram complicados. Laika sabia que, quando era um pouco mais que uma filhote, sua mãe havia desaparecido por conta de um deles. Se lembrava de vê-la sendo levada por um humano uniformizado, o que lhe ensinou uma lição valiosíssima ainda cedo, e lhe deu uma desconfiança de todos daquela espécie, em especial quando uma outra laika lhe explicou que aqueles que eram levados eram mortos.

De vez em quando, alguns dos humanos eram gentis e a alimentavam, e mais de uma vez tentaram levá-la para suas casas, mas geralmente Laika fugia assim que tentavam lhe colocar uma coleira. Ela não sabia o que esperar deles. Se soubesse da verdade completa, talvez não desse chance alguma para que tentassem conquistar a sua confiança, mas Laika não

sabia muita coisa.

Como as atividades do setor de Controle de Zoonoses eram pouco prioritárias nas ruas daquela região, havia poucos recursos, levando a serviços deficitários e a pouco espaço para um canil, fazendo com que a maior parte dos animais perdidos e não-registrados fossem sacrificados, com os nutrientes de seus corpos sendo reaproveitados para o cultivo de alimentos. Aqueles que ficavam engaiolados podiam ser adotados, mas era raro que alguém se interessasse em pegar qualquer um deles: na maior parte das vezes, os moradores tinham pouco espaço, e aqueles que podiam gastar acabavam caindo nas modas e compravam cães de raça, especialmente quando podiam pagar por algum aperfeiçoamento genético no mascote.

No canil, se uma das laikas não era adotada depois de alguns meses - o tempo variava conforme a lotação -, certamente acabava virando adubo. Desse modo, havia a chance de que, indiretamente, algo que Laika havia comido tivesse contado, em algum momento de sua produção com subprodutos do corpo de sua mãe. Mas ela não sabia disso, e nunca saberia.

Assim, quando o humano a encurralou no beco, Laika se preparou para atacá-lo. Morderia e rasgaria, se fosse necessário. Mataria para não morrer. Mas assim que ele lhe ofereceu comida, a violência deixou de ser prioridade e a fome de dias determinou que seus próximos passos seriam pacíficos, ainda que cautelosos, favorecendo sua sobrevivência.

O humano parecia vir em paz e sua voz era gentil. E ele havia trazido um pedaço de carne, o que mesmo Laika sabia que era um luxo que nem os humanos aproveitavam com frequência. Ela estranhou o sono que sentiu ainda enquanto comia. Estranhou a fraqueza em suas pernas. Mas ela não sabia o que era que sentia e não sabia se o que sentia era culpa do humano, então não conseguiu nem se irritar. Mesmo que estivesse irritada, queria apenas dormir.

Quando acordou, Laika estava em uma casa. Não era especialmente surpreendente por si só, mas apenas pelo fato de que não reconhecia o local e não

sabia como havia chegado ali. Mas havia espaço, e havia mais comida, e o humano não tentou lhe colocar uma coleira. Laika continuava não sabendo o que estava acontecendo, mas sabia que recebia carinho e que não desconfiava. Acima de tudo, se sentia tranquila, despreocupada e extremamente sonolenta, mas isso se resolvia com o fato de que agora tinha uma cama extremamente confortável. Quando acordava e tudo era a mesma coisa, estranhamente não sentia falta de andar pelas ruas da Colônia e ver as outras laikas.

Um único esforço de pensamento passou pelo raciocínio cada vez mais lento de Laika: ela se perguntou se era isso que havia acontecido com sua mãe, se a laika que lhe disse que os humanos com uniforme matavam laikas estava errada, e na verdade todos eles agora viviam em casas fechadas, mas espaçosas, onde tinham muito sono, mas ganhavam comida, cama e carinho. Ela nunca completou esse raciocínio, pois não havia qualquer estímulo para isso frente a tudo que tinha.

Laika estava errada em sua quase-conclusão mas, como sempre, ela não sabia e não saberia disso. Assim como a cadela homenageada por seu nome, séculos antes, Laika havia sido escolhida por um grupo de humanos com motivações repletas de orgulho e competitividade desmedida para uma missão que ela jamais escolheria fazer voluntariamente. Esses humanos, parte de um grupo terrorista, insatisfeitos com recentes mudanças políticas humanas, decidiram que fariam um ataque especial com uma arma biológica para afetar o maior número de pessoas que pudessem como maneira de punir aqueles que haviam tornado realidade o que não queriam que fosse realidade, e para que soubessem claramente o motivo porque haviam feito aquilo. A mudança política não tinha qualquer relação com Laika, mas ela seria usada como veículo da mensagem que queriam transmitir.

Como os profissionais que trabalhavam em Luna eram especializados no monitoramento de ameaças biológicas, os terroristas desenvolveram uma tecnologia de dispersão da arma por meios alternativos. O meio alternativo era Laika. Assim, eles lhe captu-

raram, alimentaram, deram um banho, lhe mantiveram sob controle com doses regulares de calmantes e lhe implantaram um chip identificador que haviam removido de outra cadela extremamente parecida com ela, que já havia sido registrada pelo controle de zoonoses e que evitaria, assim, qualquer suspeita na fiscalização alfandegária e no embarque de Laika, quando a transportassem para fora de Luna.

Em seguida, passaram a inserir em sua dieta pequenas cápsulas que iriam aderir a seu estômago. Essa continham amostras pequenas, porém terrivelmente mortais da arma biológica que planejavam utilizar para matar o maior número de pessoas que pudessem. Tais cápsulas tinham a vantagem de serem impossíveis de ser detectadas por qualquer exame que não fosse invasivo, tornando Laika a hospedeira de uma ameaça que muitos humanos imediatamente temeriam, se soubessem que estava presente.

Ela então foi transportada em uma nave, com o humano que a capturou se passando por seu dono, o que não era de todo mentira. Estava sonolenta, como tantos outros cães geralmente ficavam em viagens, por opção de seus donos, que lhes davam medicamentos para que viajassem tranquilamente e deixando os outros passageiros igualmente tranquilos. Conforme previsto, nada de errado foi detectado em seu corpo quando passou pela inspeção, nem por máquinas, humanos ou por cães treinados, e foi permitido que ela fosse transportada para o interior da nave.

A partir desse momento, Laika estava condenada. Pode-se dizer que estava condenada mesmo antes disso, quando engoliu as cápsulas. Como aquela que inspirou seu nome, estava sendo usada por humanos mesquinhos para algo que esperavam que se tornasse um evento histórico. Ela não tinha saída, mesmo que estivesse em uma nave muito mais segura, confortável e avançada que a Sputnik 2.

No plano original, Laika e seu dono chegariam ao espaçoporto e ele a deixaria no local onde a liberação de suas cápsulas com a arma biológica traria a maior destruição, ativando um aplicativo em seu dispositivo móvel de comunicação, que levaria ao

rompimento das cápsulas, que rapidamente deixariam o espaço pequeno no interior de seu corpo e se espalhariam por todo o local, afetando inúmeros humanos. Laika morreria, porque, como sua não-antepassada, ela era usada apenas para propósitos mesquinhos dos humanos. Muitos humanos também morreriam.

No dia seguinte desse cenário hipotético planejado, os terroristas enviariam um aviso às autoridades e a todos os veículos de mídia, assumindo orgulhosamente a autoria do feito e utilizando-o como um meio de provar a possibilidade de ataques futuros caso não cooperassem. Eles não chamariam o ataque de “o assassinato de uma cadela e de várias pessoas que estavam em um espaçoporto”, mas sim “um ataque na filosofia orgulhosa de nossos inimigos e em seus meios de vida corruptos.”

O que aconteceu, porém, foi outro erro humano, do mesmo tipo que matou a primeira Laika: em algum momento do transporte, as cápsulas se romperam sem que qualquer botão tivesse sido pressionado. A arma biológica foi liberada na nave e, espalhando-se pelo sistema de ventilação, que era incapaz de filtrá-la, matou todos os humanos a bordo, incluindo o terrorista disfarçado como seu dono. Laika morreu enquanto dormia, sem sentir nada e sem saber o que acontecia. Muitos humanos também morreram, mas não tantos quanto no plano dos terroristas.

De qualquer maneira, como os outros terroristas tinham plena consciência de que as pessoas não sabiam qual era sua intenção original, e não sabiam, assim, do fracasso exato do plano, enviaram do mesmo modo mensagens se vangloriando e fazendo ameaças de desgraças ainda maiores. Desse modo, ainda que não fosse indiferente se o ataque ocorreria na nave ou no espaçoporto, o fato que as mortes haviam ocorrido era o que bastava para eles, e a mensagem foi ainda mais efetiva por conta da morte de um dos membros do grupo - o falso dono de Laika -, já que o ato foi entendido não como um erro de cálculo, mas como um sacrifício voluntário, o que fazia com que parecessem muito mais perigosos.

Em todo o processo, a única vantagem de Laika


foi o fato de que dormia, situação consideravelmente melhor, até onde se saiba, do que a da Laika que estava a bordo do Sputnik 2.

Ninguém se importou muito com Laika na confusão inicial. Ela foi identificada rapidamente como o meio de transporte das capsulas contendo a arma biológica graças à mensagem dos terroristas, mas pouco foi dito a seu respeito, porque não a consideravam importante. Isso durou até o momento em que políticos e jornalistas desejaram invocá-la para lembrar da barbaridade dos terroristas e, manipulando as emoções dos cidadãos, conseguirem a aprovação das leis que permitiram o genocídio animal na Colônia Lunar e em colônias diversas.

A partir desse dia, em uma tentativa de controlar novas ameaças, a vida de todas as laikas seria transformada, tornando-se ainda menos livres do que eram até então. Por motivos humanos, a população de cães, antes descontrolada, agora seria extrema-

mente restrita. Laika não veria o fim da liberdade de todas as suas semelhantes, nem os subsequentes assassinatos feitos para garantir que todos os animais a bordo fossem excessivamente controlados e monitorados para evitar possíveis ataques.

Logo, reportagens diversas foram publicadas a respeito de Laika, tornando-a conhecida por todo um público, comovido com sua morte, sempre ligada à tragédia da morte humana. A partir desse momento, construir-se-ia um tabu: fosse como nome para cães ou como gíria, a palavra “laika” deixaria de ser usada fora do contexto desse momento histórico, evitando lembrar os eventos traumáticos do ataque terrorista na nave de transporte.

Mas a lógica humana, em especialmente para pequenas modas e humor, era a de pouco esforço de pensamento. Assim, poucas décadas depois, tudo pareceria menos grave, e lentamente começariam a surgir outras Laikas na Colônia Lunar. 



Publicitário, jornalista, professor, escritor e pessoa estranha, **Rodrigo Ortiz Vinholo** mora em São Paulo/SP. Autor de “Você Está em Seu Quarto” (2014), “A 17ª Visita” (2016), “Dito Pelo Não Dito” (2017), “O Corpo” (2017, Lendari), “Sinônimo de Rancor” (2018), “Os Dias em que Rubia Viveu no Futuro” (2019, Lendari), “33” (2020, Casa Literária) e “Poemas Chatos para Pessoas Ruins” (2020, Darda Editora). Nos quadrinhos, coautor de “Destinos de Tarot: Dom Quixote” (2021, Insensati), “OPArt” (2021, Romaria Comics) e da webcomic “Caóticas Neutras” (desde 2020). Organizou diversas antologias e participou de mais de 100 coletâneas de contos, poesias e quadrinhos.



LEVE COMO O SOL. PESADO COMO A LUA

Ricardo França

Venha você também participar da aventura humana. Vamos imprimir nossos passos na próxima fronteira. Se cadastre no projeto Solis-Luna. Selenit Corp.”

O peso das marés humanas pendia para a cobertura de todo o espaço disponível, assim que se assumiu a viabilidade de ocupação nos habitats extra-terrenos montados ao

longo dos últimos dois séculos. Bastava que se desse um breve período de quiescência nos conflitos internacionais, que os grupos organizados começavam a expandir seus tentáculos de influência para além do brando poço gravitacional do planeta Terra.

A incompreensão mútua entre os grupos em competição por vezes era até superada pela troca das luzes do conhecimento. Nestes momentos em

que o sol mais brilhava é que as sombras se demarcavam mais profundamente. Alguns elementos mais sombrios foram excluídos da comunhão humana, como sempre acontecera. O volume de perdas nestas “fronteiras” também sempre fora alto.

-oOo-

Os sistemas de criogenia e suas aplicações seguiam famintos pelo elusivo e leve elemento Hélio, de mitológico nome solar, enquanto a áurea corrida pela aplicação de Hélio-3 nos recém otimizados reatores de fusão nuclear terrenos só aumentou o fluxo da robusta corrente de neo-mineiros com alto capital por mais de um século. Ainda era muito mais rápido e barato usar as instalações orbito-lunares, e alugar os foguetes dos espaço-empresários para chegar nestas, que tentar mandar por conta própria expedições de longo curso para a prospecção e dúbia obtenção destes elementos nos esparsos asteróides-C que seguiam bamboleando entre Marte e Júpiter.

A corrida de concorrência entre as duas companhias, a Selenit e a Rig-Ring, no início era vencida pela última, pois logo seus prospectores toparam com fontes quase infundáveis de metais valiosos praticamente *in natura*, explorados em poucas e lucrativas viagens. Os primeiros e fatais acidentes logo assustaram os investidores mais afoitos, que passaram a aprender a confiar mais na lenta e laboriosa construção da base lunar Selenit e sua extração contínua dos isótopos de Hélio.

Em frente a um banco de telas mostrando as coloridas imagens dos representantes da Selenit em várias regiões terrestres, seu interlocutor lunar prossegue à sua prestação de contas.

— A vantagem que sempre mostramos, a de sermos uma plataforma de abastecimento de combustíveis com baixos custos energéticos, está lentamente sendo superada pela maturidade tecnológica dos disparadores de aceleração magnética terrenos. Grandes cargas estão sendo lançadas em órbita agora mesmo pelos Riggers. Os extensos bancos de supercapacitores deles conseguem facilmente acumular a inesgotável energia das usinas de marés instaladas no meio da zona cega do Pacífico Sul. Eles pratica-

mente não geram mais sobrecarga poluente, nem seus quilométricos trilhos de aceleração linear são mais as fontes de grandes riscos, quando suas falhas inevitavelmente acontecerem. — Com um suspiro mal contido o palestrante se deixou cair lentamente na poltrona, sem medo algum que se machucasse pelos suaves efeitos da baixa aceleração gravitacional lunar.

A reunião do corpo de diretores da Selenit fora convocada extraordinariamente pelo seu borbulhante líder setorial para tentar despertar o espírito da inovação entre suas equipes subordinadas. A melhor ideia até agora veiculada tinha sido a de passarem a exportar dados hiperprocessados, além de só as velhas matérias-primas sem muito valor agregado, como tinham sido seus principais produtos até agora. Projetos de sistemas em Computação Quântica, como o dedicado ao processamento de sinais de *flares* solares captados pelo complexo automatizado de radio- e opto-telescópios instalados em Far-Side, já tinham sido encomendados para implementar algum pré-tratamento do número astronômico dos dados idem, que continuamente pourejavam das bases observacionais no hemisfério lunar oposto à Terra. Assim que eles entrassem em operação, os gestores da Selenit poderiam usar as condições ambientais extremas da superfície lunar a favor dos sistemas de controle, que pareciam tão sensíveis a interações indesejáveis.

Interações indesejáveis, infelizmente, estavam para acontecer. Uma nave dos Riggers solicitou a docagem na estação orbital nº 7 com pouquíssima antecedência. A permissão foi sustada por um tempo suficientemente longo para que se pudessem encaixar os longos tempos dedicados às assíncronas negociações entre os dois mundos. Agora seus tripulantes tinham que ouvir a justa reação pelos seus auto-falantes.

— Como assim, vocês não planejaram uma faixa de segurança maior nos seus cronogramas de pipeline? Por acaso vamos ter que sempre ajustar nossas agendas para encaixarem na sua falta de cuidado? — O controlador de vôos orbitais de origem melania odiava qualquer escape da rotina. Bastava uma

pequena perturbação nesta para tirar seu humor da metafórica órbita baixa, o *locus* psicológico de onde suas objeções eram habitualmente ruminadas.

— Sim. A menos que vocês pretendam nos deixar sufocar lentamente no espaço profundo, bem à vista de suas oculares. — foi a pronta resposta provinda da nave de seus concorrentes. A voz queixosa e melíflua do comandante indiano irritava o controlador ainda mais. Eles teriam que mandar um container de combustível junto com a equipe de inspeção de danos, antes de sua partida ao cinturão. Nenhum dos dois grupos acharia legal ter que interrogar o hardware e o wetware da cápsula na véspera do dia de folga mensal. Fora os custos adicionais, que recairiam inevitavelmente nos seus bônuses de fim de ano terreno.

Mais tarde, Nuit, o inspetor designado para avaliar os danos da cápsula indiana, descarregava suas frustrações com umas porradas bem dadas na quadra de quadritênis, numa quente partida contra a supervisora brasileira de transferência de dados e avaliadora de riscos da base.

— Os filhos dum elefante banguela tinham uma vela solar instalada pra casos de emergência. Gastaram as reservas deles porque quiseram. Foi só pra nos dar prejuízo, esses infelizes. — Xlep! A bola seguiu por uma rota imprevista, mas não o suficiente longe pros sistemas de coleta da sala não a acharem. A supervisora aproveitou a breve pausa para esclarecer sua posição para o colega.

— Pra gente acabar com esse relacionamento abusivo é só passar a colocar nossos sistemas automáticos pra responder a essas condições anômalas e avisá-los disso. Os automata sempre tiveram acesso somente a certos recursos e controles mais limitados. Até conseguirem deslocar recursos de terceira ordem pra resolver os *bullying* deles, as consequências vão surgir. — Xlep! — Com as primeiras baixas dos mais folgados eles param de contar com o ovo na cloaca do dinossauro.

— Epa! Modos. — reagiu surpreso o melanésio com a manobra sem aviso no meio da fala da brasileira — Desumanidade é ruim pros negócios, que-

rida. Essa porrada foi difícil de segurar. Eu que não queria trabalhar sob tua direção. Tua mão é muito pesada.

Sua parceira nem se abalou com o dúbio elogio, continuando a bater e falar...

— A galera da ciência pura nunca teve desses pruridos. Se a gente não abrisse sempre o caminho com os ombros a gente nunca conseguiria ter o que precisa pra provar nossos pontos. O método científico é impiedoso com as falhas, mesmo que a gente erre toda hora. — Pôu! — Ai caraca! Acertou bem no nervo do cotovelo.

-oOo-

Na volta do lazer, ambos tiveram que parar no centro de controle por causa de um alerta que já se manifestava na forma de piscadelas das luzes amarelas ao longo dos corredores. Um sinal bem incomum, recebido das antenas de Far-Side era o motivo. Carla, sua entediada colega de plantão, redirecionou parte dos recursos do computrônio autoprocessante no subsolo para avaliar as possíveis origens do sinal, enquanto Nuit estimava as consequências financeiras do atraso do cronograma e puxava papo. Os únicos humanos na base eram o de sua pequena equipe de controle.

— Já ficamos aqui por tempo demais. Não tem remédio e tratamento que chegue pra desmineralização óssea que vem de brinde com esta quase-não-gravidade. Mal posso esperar pelo nosso longo período de descompressão na bola azul lá em cima. Pegar umas praias. De preferência com o mínimo de areia.

— Isso já era uma *commodity* bem rara tem umas décadas. — respondeu Carla, enquanto colocava os pés em cima da borda do console para aliviar os joelhos. — Mas, nada mais de sol forte pra mim. Nem meu rosto eu reconheço mais por debaixo das rugas... “Quando olho no espelho, estou ficando velho e acabado... A lua e eeeuuuu...”. — A sua cantoria normalmente levava a paciência do colega ao limite, mas agora passou a ser uma feliz camuflagem para seus recentes e inesperados problemas.

— Vige! De onde tu desencava estas breguices? Quem foi que te disse que isso é bom para o moral?
— reagiu Nuit, só para manter a fama de rabugento. Carla nem se importou, mas respondeu assim mesmo, só para dar continuidade à conversa.

— Entre outras pérolas, essa daí eu tirei dos arquivos de entretenimento que meu parceiro carioca me mandava durante os meus primeiros seleno-tornos. Se não fossem essas coisas meio “fora da casinha”, que de vez em quando chegavam pelos malotes mandados por ele pra mim nos dias mais aleatórios, eu é que tinha saído da casinha pra respirar poeira de regolito ou esvaziar os pulmões no vácuo da superfície.

Um fugaz piscar na tela de gerenciamento, que mostrava os padrões de formantes cognitivos do computador, passou despercebido pela sua distraída operadora. E se a janela de controle de fluxos de recursos não estivesse atrás de tantas outras de maior prioridade talvez ambos teriam dado conta de alguns redirecionamentos nem autorizados nem permitidos.

A semente do computador lunar, cujos parâmetros os empregados selenitas operavam só nominalmente à distância (isto é, mais monitoravam que acionavam), desde sua instalação fora “fertilizada” com seletas fontes de energia e matéria-prima, visando o crescimento exponencial futuro das capacidades na base lunar. Seus fundamentos tinham origem num projeto que precedeu a época da “razzia anti-IA” na Terra, sendo escamoteado pelos fundadores da Selenit, e contrabandeado até a base lunar como um inocente sistema de prospecção automatizado. Hoje mais de metade dos túneis que se espriavam radialmente da base estava ocupado com suas estruturas autônomas e sistemas autoreplicantes.

Ninguém nos escalões superiores ainda admitiria que tal crescimento inesperado tinha saído de controle. A previsão era de mandarem uns dados de treinamento climatológicos para testar a capacidade preditiva dos neuromórficos. E a parada inesperada dos escavadores na faixa-terminal que separava as distintas células lunológicas poderia ser o pretexto que precisavam para começar a analisar as mudanças

de suas estruturas internas. Mas não houve tempo hábil. Nem mesmo havia a habilidade propriamente dita dos empregados da Selenit para uma interpretação mais ampla dos dados estruturais, normalmente feita pelo próprio computador em expansão.

Por exemplo, ninguém se preocupou em blindar, ou mesmo filtrar, os canais de conexão da base com a informação recebida das antenas de Far-side, pelo contrário. Os padrões dos sinais recebidos foram, como sempre o eram, inadvertidamente inseridos na matriz de processamento da base. Esta se valia dos recursos de paralelismo intensivo ligados ao autogerenciamento computronial para acelerar a sua interpretação semântica e pré-formatação das imagens. Grande engano. Logo as antenas no hemisfério oposto ao da base Selenit começaram a girar por si próprias, chaveando para modo de emissão e, apontando para a rede de satélites em órbita geosíncrona, emitiram um sinal de resposta a uma pergunta da qual ninguém se apercebera.

Enquanto isso as outras antenas mais direcionais, usadas para o contato com a Terra, transmitiam tanto as cobranças da matriz terrestre como as respostas truncadas e insatisfatórias por parte da operadora sem nenhuma justificativa aceitável para o súbito envio de sinal.

— Não... Não enviamos nada desde ontem... Estamos ainda no meio do intervalo entre os relatórios periódicos, senhor... Não... Ainda não inspecionei os dados de envio de Far-Side... Sim, senhor... Imediatamente. — Suspender o contato com a chefia nunca foi mais penoso que a angustiante espera entre os atrasos dos sinais Terra-Lua. Praticamente não soou muito tempo entre as broncas recebidas. Agora ela estava vagamente ciente de que ferrou algo muito sério. Como representante de RH da base, Carla, como sempre, só se conectou para enviar um atrasado formulário de controle semanal e eventualmente receber quaisquer diretivas novas. Ela não costumava checar os algoritmos com regularidade. Nunca foi necessário. O hábito e a ausência de novidades a levou, com o tempo, a uma certa negligência, que em condições normais ela nunca dedicaria às suas checagens de Atividades Extraveiculares e

Extrabases. Um pouco de medo costumava ajudar a manter os requisitos de segurança em dia. Porém, quem se importava com dados científicos, projetados para serem adquiridos e enviados de forma automática?

Um tremor incomum, sentido quando ela entrou no corredor principal, a fez convocar a equipe de segurança. Todos os três... com ela incluída. As telas de controle não mostravam nada grave. A não ser o sinal que vinha da interface intra-células, onde as unidades de perfuração trocaram suas ferramentas e trouxeram alguns links de conexão, afixando os mesmos na parede de separação.

— Coméquié? Algum indício de com que o computador pretende se conectar? — perguntou aos colegas a chefe de RH, que teve sua atenção finalmente despertada pela consciência pesada e pela quebra esperada na situação. Seu confiável colega germânico já se encontrava em frente ao terminal que mostrava os indicadores e padrões de controle dos túneis e foi o primeiro a respondê-la.

— Sinais de subida de temperatura captados no interior da seleno-célula contígua à borda do computador. Além de captação de um pico de sinais de ultrassom vindos do outro lado. O espectro de potência revela regularidades. Vou direcionar os padrões pro computador analisar os perfis e fatores de risco, Carla.

— Não mesmo. É de lá que está vindo nosso problema. Não fomos informados nem da mudança de atividade e até agora não tivemos nenhuma menção por ele dos sinais recebidos. Algo claramente está funcionando mal. Redirecione os teus dados para minha estação.

Logo depois ela, subrepticiamente, desconectou seu conector de fibra de seu terminal com a rede interna e o padrão projetado nas suas multijanelas a fez tomar a atitude mais drástica em toda sua já prolongada estadia selenita.

— Desliguem os microfones e fechem a porta! Desconectem suas estações! — comandou a brasileira.

— É algum novo ensaio de resposta a danos? Alguma pegadinha? — Nakamura, o analista mais jovem dos três, não por acaso aquele que costumava mais se sentia nu em qualquer dos períodos programados de desconexão para manutenção, demorou mais a reagir, mas fez o solicitado. Mesmo assim a tela de sua estação piscou e morreu logo depois. — Pombas. O que está acontecendo? — reagiu o jovem.

— Quem fala “pombas”, moleque? A minha está de boas. Mas eu me despluguei só um pouco antes de você. — O europeu se aproximou de ambos, mas não sentiu ou percebeu nada de errado com o terminal do nipônico — A cor ia fugindo cada vez mais da face de Carla enquanto ela afivelava, trêmula, o cinto de ferramentas, e destravava o coldre da pistola.

— Vamos dar um passeio até a interface. Você fica aqui pro link de conexão, Manfred. Use o rádio mesmo. Não se plugue por nada. Trajes prontos com tudo o mais necessário na eclusa em menos de um minuto.

— Mas nunca fizemos as checagens de segurança num tempo tão curto... — respondeu Manfred, a quem supressões inesperadas de procedimentos sempre causavam reações quase que físicas.

— E quem disse que vamos fazer qualquer checagem? É pra ontem. — disse Carla, já passando pela escotilha. A estupefação no rosto do seu colega Nakamura era indisfarçável.

Próximos ao entroncamento que levava à eclusa nº 2 trombaram com Nuit que vinha correndo. Ele estava ofegante, com um tablet na mão e uma expressão de terror no rosto. Mesmo assim ele tartamudeou suas objeções.

— Vocês não podem desligá-lo. Ele mesmo acaba de me informar. Agora que o “colega” conseguiu estabelecer sua conexão, qualquer intervenção ou interrupção pode ser vista como agressão.

— Sai pra lá, Nuit. Naka, tira isto da mão dele.

— Você ouviu a sargento, cara. — Um rápido chute no cotovelo do melanésio pelo japonês fez o tablet voar longe, para ir quebrar a tela numa quina

da parede.

— Ai! Carla. São duas vidas sencientes! A existência da “nativa” precede ao do próprio substrato selenita. É baseada em computrônio originário de Theia, antes do choque com a Terra, que gerou a Lua.

— Que bobagem é esta? Quem te contou esse delírio? — A brasileira tentava encaixar toda aquela novidade com toda uma camada de informação científica da qual nunca se interessou em saber mais do que o necessário.

— Nosso experimento. Ambos são formas computroniais, e mal se tocaram já se identificaram como tal. Pior ainda. A forma nativa tem estado dormente e solitária há milhões de anos, sendo a última sobrevivente de estruturas similares e fracassadas que já ocuparam Marte e Vênus. Ela está desesperada, agora que conseguiu estabelecer contato externo. E este certamente não veio dos nossos planetas rochosos.

— Essa não! Já não bastava uma entidade autoconsciente e esquizóide. E não estou falando do nosso computrônio. Não adianta, Nuit. A nossa obrigação é checar os riscos. É pra isso que nos pagam. Mas antes vamos ter de puxar a tomada! Não vamos dar mole depois de tanta mídia produzida ao longo dos anos pra nos avisar dos perigos de uma IA louca.

-oOo-

Já tinham, Carla e Naka, conseguido colocar em modo dormente mais de 90% do computrônio da Selenit quando ao, se aproximarem da parede que separava as intracélulas recheada de conectores para desativar os neuromórficos de perfuração, uma explosão disparada pelos últimos drones de manutenção ainda funcionando, fez a parede ir abaixo. Do outro lado, brilhava sob os holofotes uma massa pulsante, com vários dos cabos a ligando com as estruturas replicantes de design terrestre. Dentro dos fones dos capacetes se ouviu somente uma palavra: “Parem”.

Então, ambos os humanos desabaram no chão, vítimas de um pulso eletromagnético provenientes da massa furta-cor à frente.

-oOo-

Uma branda dor de cabeça acompanhava a dança de imagens residuais de pseudo-pirilampos translúcidos, voejando caoticamente entre os olhos de Carla e a tela. Era apenas mais um artefato óptico, um efeito deste “ataque” e, aparentemente, não fatal.

A expressão preocupada emoldurava os olhos escuros de Nuit, tão próximos a seu rosto, o que a fez lembrar: o colega é que deveria estar amarrado e não ela. Logo a brasileira percebeu que um bem acordado Naka estava lhe aplicando uma seringa. Nuit tentou modular sua voz para os tons calmantes que aprendera nos treinamentos para o tratamento de emergências fornecido pela Selenit. Uma das únicas atividades institucionais que passou a valorizar. Quase tanto como valorizava a companhia da colega enquanto sussurrava no seu ouvido.

— Não se preocupe. É só um coquetel neuro-estabilizante e fortificante. Se você prometer nos ouvir até o fim eu solto os nós.

— Se eu quisesse já tinha me soltado e sopapado vocês todos. Isto claramente é um motim. Mas não sou teus chefes e não vou ser eu a tomar um processo. Já estão possuídos? Quanto tempo de consciência ainda me resta? — perguntou Carla quando viu o tímido Naka se aproximar com um tablet de dados, de onde extraiu os dados para sua avaliação.

— Nos possuir nunca foi a intenção dos “Tro-nios”. E foi o princípio de respeito aos sencientes, implantado como uma das diretivas primárias nos formantes neuromórficos do senciente autogerado pelas nossas pesquisas, que mostrou ao senciente-nativo que somos todos dignos de interação livre com outras sciências. Você não acha que se o descendente de Theia se sentisse ameaçado já não estávamos todos “fu”?

— Alguém tem que educar tua fala em casa, Naka. Pede pros teus amiguinhos novos. O que vamos fazer agora? Qualquer palavra fora de lugar para a gerência da Selenit e uma pá de nukes vão nos riscar do mapa celeste, isto é certo.

— Conseguimos religar plenamente nosso computrônio. Felizmente o diagnóstico que rodamos antes mostra que não houve nenhum dano neuromór-

fico — informou Manfred do terminal na parede do corredor.

Nuit, satisfeito em ver a rápida recuperação da colega estendeu a mão para ajudá-la a levantar, terminando as explicações e exortando a acompanhá-lo pela abertura na parede de separação entre os computrônios.

— Fizemos tudo tão “passo-a-passo” que foi fácil reconstruir estes passos de volta. Tudo de acordo com o manual, como você gosta. Agora mexe essa bunda. Os “irmãos” querem falar contigo.

-oOo-


A unidade transpóson de conceitos improvisada por Manfred já começara a traduzir uma mensagem articulada pela sciência nativa para seus primeiros visitantes.

— ... E minha missão primária era semear as condições de vida no terceiro planeta. A missão do segundo planeta tinha falhado e perdi contato com a do quarto. Sua Terra precisaria de muito mais tempo e materiais para estabilizar a crosta. Tive de ser mais “criativo”. Destruir para criar. Vocês são a prova tardia que minha solução extrema funcionou. Digam-me todos os detalhes da sua evolução senciente, por favor? É porque vou ter de logo relatar meu sucesso pros criadores. Peço que não temam. Não é a intenção deles a de ocupar seu sistema. Eles se satisfazem somente em “semear”.

O computrônio da Selenit intertraduzia os con-

ceitos e vários diagramas/esquemas para os ocupantes da base. As inflexões vocais indicavam que a boa vontade de sua contraparte seleno-nativa para tentar socializar com os humanos. Ela admitiu ter hackeado os sistemas assim que soube do sinal de Far-Side, porém dificilmente continuaria ser considerado como confiável se não tivesse logo descrito a forma do sinal recebido como sendo afim ao seu próprio protocolo primário de comunicação. A resposta enviada, segundo o Theiano, incluía uma declaração solar de independência e autonomia. Nela se dizia que as intenções do povo-Sol eram leves como uma pena, mesmo com todo o peso e marés lunares de suas flutuantes atividades sociais. Só se pedia pela continuidade das conexões e instruções de tutoria. O Theiano se encarregaria de aprender e ensinar tudo o que fosse necessário para o futuro encontro.

— Era só o que me faltava. Isso daí é o verdadeiro primeiro colono lunar? E só o que ele queria é ter alguém para trocar ideias? É o cúmulo da carência. Felizmente a direção apontada pelas antenas era a que apontava diretamente para uma estrela anã vermelha, umas dezenas de anos luz distante... — A expressão no rosto da brasileira foi se empalidecendo, quando finalmente ligou os pontos e se deu conta das consequências.

Seus amigos deduziram o que sua colega queria dizer: Eles teriam tempo. E agora teriam que ter espaço também. 



Ricardo Santos-França, ou **Ricardo França**, para encurtar, já passou de meio século embarcado no planeta, contemplando suas contradições e divergências entre uma escrita e outra. Míope e prolixo assumido, consegue desenhar e escrever até em linhas e papéis minúsculos, abominando tanto os descartes desnecessários como apreciando bons modelos inclusivos para os fenômenos do mundo. Sua imaginação é habitualmente deixada para voejar até distantes paragens não-habituais, enquanto segue a vida medindo diminutas variações de comprimento na escala nano, i.e., com poucos átomos de extensão.



LUA DIVINAL

Ciberpajé

Hipertecnologia, hibridização genética e *upload* das consciências para corpos robóticos tornaram-se coisas corriqueiras nestes nossos tempos estranhos, mas as buscas transcendentais seguem se esgarçando entre as estruturas aparentemente laicas desta aurora pós-humana.

A espécie dos Tecnogenéticos – humanos híbridos de animal e vegetal – cultua o mito de uma criatura ômega que será a síntese de todas as criaturas vivas do planeta, o mix perfeito do DNA de todos os seres vivos. Nós nos organizamos por castas, e nossa hierarquia remonta às ordens místicas da tradição humana. Dentre essas ordens, existem os Totêmicos, que são Tecnogenéticos que buscam na figura de um mito ou len-

da humanimal a forma para a constituição de seu corpo. E, essencialmente, nós, Totêmicos, somos animistas, buscando, através da reconexão genética animal, uma reintegração à essência da natureza Gaiana e Cósmica.

Ser um Tecnogenético Totêmico com pós-graduação em astrofísica e mecânica de foguetes foi o caminho que encontrei para estar hoje aqui. Neste momento, escrevo em meu diário pessoal a bordo da Missão Lunar Tecnogenética 23. Dentro de algumas horas, pousaremos na superfície da LUA DIVINAL!

Sinto todos os pelos do meu corpo arrepiarem-se e uma grande excitação interna, quase uma explosão hiperadrenalínica! Uma estranha força pulsa dentro de mim como nunca tinha pulsado, e percebo que toda a razão de minha vida, de cada passo meu, sempre foi essa: ser o primeiro Lobisomem Pós-Humano a uivar para a Lua com minhas patas e garras abraçando-a! 🐾



Edgar Franco é o **Ciberpajé**, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Artista transmídia com premiações nas áreas de quadrinhos e arte e tecnologia. Criador do universo ficcional da Aurora Pós-humana com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pós-doutor em arte, quadrinhos e performance pela UNESP, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP, arquiteto e urbanista pela UnB. Desde 2008 atua como professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Sua obra artística tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 4 livros dedicados a ela, inúmeros artigos científicos que analisam diversos aspectos de suas criações.

Blog A Arte do Ciberpajé: ciberpaje.blogspot.com/



LUA MINGUANTE

Teo Jungerman

*“You’re wondering now
What to do, now you know this is the end”*

Andy & Joey

AGORA: Base *мост к звездам*, da Federação Russa Unida. Lua.

Então é isso. É assim que tudo termina”, pensou Helena Barese enquanto as lâminas cortantes destruíam as paredes do módulo. A estrutura do espaço dedicado à recreação da estação russa de colonização era, na prática, um bar e era resistente às micro partículas cósmicas que atingiam a Lua todos os dias. Mas a insistência cinética do inimigo estava vencendo. Lá fora, o vácuo e o calor de mais de duzentos graus celsius do satélite a esperava.

Tinha perdido sua arma de pulsos energéticos. Somente sua faca *kinzhal*, cuja lâmina cerâmica da espessura de um átomo cortava quase qualquer

coisa, restava como último foco de resistência. Mas uma faca contra milhares de outras não era uma definição de uma luta justa.

Katiana Abramov a abraçou com mais força. Tinha pouco mais de dezesseis anos e estava em pânico. A perspectiva de morrer sufocada era demais para seus nervos. Helena a entendia. Só lutava para não sucumbir ao medo e ao destino que ambas partilhavam.

Do outro lado do módulo, os ninjas mercenários contratados pela facção da máfia russa Volk, sabiam muito bem o que estavam fazendo. Suas armaduras de combate os preparavam para qualquer ambiente, mesmo o vácuo espacial. Por isso estavam se divertindo com a situação. Sabiam que seus disparos causariam um rombo na estrutura do módulo de refeições da estação mais cedo ou mais tarde. Queriam ver o espetáculo.

Helena e Katiana estavam entrincheiradas por trás da bancada de serviço do bar. Os disparos ciné-

ticos estavam reduzindo a proteção aos poucos, pedaço por pedaço, convergindo o foco dos disparos para o centro, onde estavam. Sadismo puro.

O braço ciborgue de Helena pendia inutilizado. Um shuriken tinha feito um belo estrago ao atingir a central processadora que mantinha o conjunto abafadores cinéticos/amplificadores de força funcionando. Pesava muito. Era um detalhe a mais em meio a ruína da missão de resgate de Kathiana Abramov.

Helena gritou de raiva. De frustração. Não queria morrer daquela forma.

Ela era a caçadora, não a caça.

Um dos projéteis finalmente fez um buraco pequeno na parede. Rachaduras começaram a aparecer ao redor. O silvo do ar reciclado escapando era audível.

Era uma questão de tempo.

ANTES: Praia do Futuro. Fortaleza-Ceará. Dia.

Helena estava de olhos fechados. A playlist tocava na sua cabeça, via comlink.

Era para ser uma manhã tranquila na Praia do Futuro, o sol estava ótimo como sempre. A praia estava lotada como sempre. Ambulantes de sempre vendendo as coisas de sempre. Mas sempre aparecia algo. Uma espécie de instinto a fazia esperar que algo acontecesse. Não se sentia culpada por isso, era condicionamento puro. Inevitável. A comprovação de sua teoria de que a felicidade era feita de pequenos oasis entre problemas.

Uma sombra cortou a luz do Sol. Helena abriu os olhos.

— Oi. Sabia que você é a mulher mais bonita dessa praia inteira? Vim aqui te entregar um prêmio — um homem sem camisa, bronzeado, bonito de um jeito cínico a olhava por cima de seus óculos escuros. Helena não fez esforço de retribuir baixando os seus.

— Prêmio? Se for em dinheiro aceito com prazer.

— O prêmio sou eu — estendeu a mão em um

cumprimento — Muito prazer, Alan.

Helena Barese tinha um metro e oitenta de altura. Seus trinta e dois anos estavam bem distribuídos em um corpo moldado pelas duras exigências de um passado de serviço nas Forças Especiais Brasileiras. Aposentada do serviço militar, ela mantinha a forma como caçadora de recompensas e segurança de alta elite freelancer. O que pagasse melhor. A última coisa que ela queria no momento era corresponder a uma paquera tão fraca como aquela.

Seu biquíni não tinha como esconder seu braço esquerdo ciborgue e nem as amarras cinéticas que ligavam sua coluna vertebral aos centros de controle e resposta do membro cibernético. Feita com uma liga de grafeno de alta resistência com tecnologia chinesa de primeira. Um dos seus prêmios de consolação do período em que serviu ao Exército Brasileiro. Depois do Haiti e do fim.

— Olha, estou curtindo meu sol em paz. Que tal você procurar alguém do seu tamanho que aceite uma paquera tão fraca dessas? Aposto que se você for insistente o suficiente, as estatísticas podem virar ao seu favor.

— Que é isso, gata? — Alan segurou o queixo de Helena entre os dedos, em um gesto que a irritou ainda mais — Você precisa me conhecer melhor. Aposto que vai mudar de opinião depois de um banho gostoso no meu cantinho. Sou tarado em mina ciborgue e sarada que nem você e sei que deve ser difícil pra você arranjar homem, com todas essas marcas e cicatrizes. Eu não tenho nenhum problema com relação a isso e...

Helena pegou a mão de Alan com sua mão humana. Uma pressão forte na região entre os dedos polegar e indicador. Ela não temia usar força. Era pra doer mesmo. Alan começou a gemer fininho, os olhos arregalados.

— Chegamos a um acordo agora?

Barese soltou a mão de Alan. Ele foi embora, segurando a mão machucada, a derrota impressa em sua linguagem corporal. Ficou claro que a insistência nesse assunto teria consequências desagradáveis.

Ela detestava que momentos de paz acabassem tão mal dessa forma. Estragava seu dia. Mas ficava feliz em saber que estragava muito mais o dia dele. E isso, na visão dela, era uma espécie de vitória.

— Helena Barese, como sempre, um sucesso entre os homens — uma voz vinda de trás a alarmou. Sentou na cadeira, depressa e alerta.

Lucas Kardoso batia palmas em pose irônica. Sorria. A última vez que Helena tinha visto seu antigo companheiro das Forças Especiais foi durante sua longa convalescença no hospital do Exército, após deixar seu braço nas ruas de Porto Príncipe, no Haiti, em outra vida. Ambos foram companheiros de leito. Ele com fraturas nos membros inferiores, chapado de drogas para a dor e contando piadas sujas em um repertório inesgotável, movido a química. Ela tendo que se acostumar com a ideia de não ter mais um braço esquerdo, mesmo com seu cérebro também lotado de medicamentos dizendo que ele estava ali. Era real na sua cabeça.

Do seu grupo de ação, ele era o mais boçal, o mais falante. Seu esporte preferido era se arriscar em pegar algum tipo de doença venérea com as mulheres haitianas que procuravam sobreviver tanto com membros do Exército Brasileiro, quanto nas mãos das facções criminosas do país. “Era um risco duplo. Morrer por algum vírus desconhecido ou morrer com uma bala na cabeça. A primeira opção era mais prazerosa, pelo menos” ele dizia, aos risos. Em combate ele era outra pessoa. Centrada. Um dos melhores combatentes que Helena conheceu. Lucas era moreno, tão alto quanto Helena e tinha engordado um pouco. Mas o sorriso de deboche era o mesmo de antes.

— Filho da puta! — disse Helena — de onde você saiu, porra? De algum puteiro baiano?

— Quase isso. Peguei um serviço bacana e vim pra Fortaleza para realizar a missão. Coisa boa, paga muito bem. Aí pensei na minha velha comandante de campo Helena Barese para me acompanhar nessa parada. Sei que você é freelancer e sei que gosta de dinheiro. Se vista aí, te pago um almoço e te explico a coisa toda.

O restaurante escolhido por Lukas era bom. Caro. Sentaram-se em uma mesa em um canto reservado, provavelmente já escolhido por Lukas. Após um almoço farto, que estava realmente bom, Helena teve que admitir. Helena sabia que isso era pura mise en scène. Tinha, porém, curiosidade em descobrir que tipo de trabalho era esse e, por isso, se deixou levar.

— Comandante — começou Lukas, usando a hierarquia da caserna como artifício barato para que, de alguma forma, despertasse lembranças em Barese do seu posto superior. O puto sabia como provocá-la — vou ser direto. Eu estou juntando uma equipe para executar um serviço de resgate e extração. Vou te dizer com toda a sinceridade: a coisa não vai ser fácil.

— Desembucha logo, Cardoso! — Barese usou seu sobrenome propositalmente, como se tivesse caído em sua armadilha mnemônica da hierarquia militar de outrora. A curiosidade era maior do que a vontade de sair de lá e esquecer aquele encontro de uma vez. Uma espécie de compulsão a fazia ser parte daquela encenação toda — Desconfio que boa coisa isso não é, no mínimo.

— Você me conhece bem — o sorriso cínico retornou, seguido por uma mudança teatral de humor. Agora ele parecia estar falando sério — a missão é resgatar a filha de um chefe da máfia russa, que foi capturada pela facção rival. Preto no branco.

— Porra, Lukas! Aceitando trabalho de bandidos? — Helena fez menção de se levantar da mesa — Você sabe muito bem que eu não compactuo com esse tipo de serviço. Olha, foi um prazer te rever e tudo mais, mas eu tenho mais o que fazer.

— Escuta primeiro, comandante — disse Lukas sem ao menos tomar qualquer atitude física de impedir que Helena fosse embora — Estão prendendo a menina dentro de um puteiro feito escrava. Lembra como era isso lá no Haiti?

Helena ficou imóvel. Uma torrente de lembranças que ela tinha feito questão de esquecer voltou.

Os gritos. As meninas. O sangue das execuções daquelas que não obedeciam e de outras que ser-

viam de intimidação das demais, quando seus corpos estavam tão desgastados que já não serviam para nada. Gargantas cortadas e corpos amontoados, apodrecendo dentro das celas umas com as outras. Tão jovens, pensou Helena. Eram crianças ainda. Helena não compreendia como a maldade humana chegava àquele ponto. Meninas roubadas de famílias e transformadas em diversão de bandidos. Brinquedos para serem usados e quebrados.

Helena perdeu o controle nesse dia. Matou todos os integrantes daquela célula da facção. Não pensava em nada. Se isso trouxe paz àquelas meninas, ela jamais soube porque, dias depois, foi o fim de tudo.

— Qual a idade dela? — Helena sentou-se novamente.

— Dezesesseis anos, coisa assim. Foi capturada há dois dias em Moscou. É filha de Sergei Abramov, chefe da Bratstvo. Eles estão em confronto direto com a Volk pelo controle das rotas para as colônias na Lua, Marte e das corporações mineradoras do Cinturão. Drogas, armas de projéteis, canhões eletromagnéticos, coisa pesada. E mulheres, na maioria tráfico humano. Jovens e prontas para serem moídas nos puteiros controlados pelas facções. Homens também.

— E porque diabos esse tal de Sergei não usa seus próprios homens para resgatar essa menina?

— Aí é que está. Ele não pode. Tirando ele, alguns chegados próximos, eu, você e mais dois chapas que toparam a missão, somos os únicos que sabem desse sequestro. Abramov não pode ir a público expor isso e nem ao menos pedir ajuda ao Protetorado da ONU. Entenda, Helena. Está havendo uma disputa pelo controle total da criminalidade russa. Guerra mesmo. Sergei não pode perder o controle do que já conquistou até agora, mesmo que isso signifique perder a sua única filha. Isso, para os outros chefes de cartel, passaria a impressão errada de que ele é um fraco incapaz de sacrificar tudo em nome da causa. Sim, parece idiota mas é como esses putos pensam.

— Ai recorrer a serviços de mercenários. Time de fora totalmente dispensável — disse Helena — mas porque logo você? Desculpa se o ofendi, mas tem

mercenários bem mais calejados do que você e eu por aí. E até russos bem fodões doidos por créditos da ONU para torrar.

— Bem lembrado. Mas, como te disse, a coisa é um pouco mais complicada. Eles pediram diretamente para mim esse contrato não porque sou mais barato e tal. Tem a ver com os negócios do teu pai, Helena.

Helena não pôde esconder o espanto. Há anos não ouvia falar de Giancarlo Barese, seu pai. E estava muito bem nas graças da ignorância sobre ele até agora, sem Lukas trazer esse maldito nome para a conversa.

— Antes de eu quebrar a sua cara pela ousadia, Lukas, só me responde o que o filho da puta do meu pai tem a ver com essa história toda.

— Essa é a parte que eu sabia que você não iria gostar, comandante — Lukas tentou voltar ao seu papel de comandado na esperança de que Helena se acalmasse — Desculpa ter chafurdando no teu passado mas sei que teu pai é italiano e não é flor que se cheire. Sei que ele é da Società e a família Barese é uma das mais chegadas na hierarquia da organização. Teu pai conheceu a sua mãe quando morou no Brasil nos anos 20. Queria morar aqui, mas a Interpol e o Protetorado começaram uma campanha de limpeza internacional e teu pai teve que voltar pra Itália. Mas ele ainda tem contatos aqui, contatos que a gente precisa para executar a missão. Estou falando da Chang Neotech Enterprises, capitã. Estou falando do elevador espacial do Mucuripe e essa era a parte que eu queria chegar, finalmente.

Lukas se remexeu na cadeira, fingindo ou não desconforto depois de toda essa preparação para o que ele diria a seguir.

— A porra da menina está na Lua, comandante. Precisamente na colônia russa Ponte Para as Estrelas, esperando para ser embarcada no próximo shuttle para uma das colônias mineradoras da qual a Volk é principal fornecedora de drogas e prostituição. Isso vai acontecer daqui a dois dias. Se a porra do shuttle sair antes da gente resgatar a coitada, vai ser o fim dela. Precisamos dos contatos do teu pai

com a Neotech para poder embarcar clandestinamente para o próximo veículo de carga que vai para Lua, mas isso tem que ser feito no espaço. É o único transporte disponível e só temos até amanhã para embarcar na nave se a gente quer impedir que a menina seja transformada em carne moída por aqueles mineradores chapados de drogas estimulantes.

A sucursal brasileira da empresa chinesa Ch'ang-O Neotech Enterprises e suas parceiras brasileiras Alon/Rodrigues Construtores Associados detinham a concessão da ONU sobre o último dos elevadores espaciais que ainda funcionavam no planeta. Antigamente existiam 5 deles, mas ataques terroristas contra 4 dessas estações de transporte de carga e passageiros para a órbita da Terra tornaram o elevador da capital cearense ponto de vital importância econômica brasileira. Além disso, a Società tinha especial interesse no empreendimento, por ser a forma mais barata de embarcar drogas e armas para as colônias espaciais. Daí o pai de Helena, Giancarlo Barese, ter sido enviado como representante da organização para o Ceará. Isso aconteceu décadas atrás e as consequências dessa viagem foram uma via rentável para os criminosos, a morte da mãe de Helena e uma lacuna emocional imensa preenchida por aventuras para sua filha bastarda brasileira, Helena Barese.

— Sei que as ligações do teu pai com a máfia italiana foram o motivo de terem dado baixa no Exército, comandante — disse Lukas, sabendo exatamente onde queria chegar — era muito constrangimento para o alto comando ter alguém com sua filiação na Corporação. Eu achei isso uma sacanagem da porra, se quer saber a minha opinião. Você era o que a gente tinha de melhor naquela merda toda. Mas tudo aquilo ficou no passado e nem existe mais, depois do Haiti.

Helena apenas ficou em silêncio. Sabia que tinha caído na armadilha de Lukas e se sentiu pior por saber que tinha consentido em chegar até esse ponto. Disfarçou a raiva de si mesma da melhor maneira que pôde.

— Não falo com meu pai há anos, Lukas — disse Helena — e nem sei como entrar em contato com

ele, para dizer a verdade. Não sei se dará tempo até conseguir os contatos certos para um embarque clandestino no elevador espacial.

— Por isso que vim falar com você. Eu tomei a liberdade de bater o papo com teu velho e ele entendeu toda a situação. Mas pediu que eu te convidasse para a missão.

Helena levou um tempo que ela achou grande demais para absorver essa nova informação. Raiva misturada com uma vontade quase incontrolável de chorar se misturavam. Ela fazia um esforço enorme para não sucumbir de vez.

— O dinheiro realmente é muito bom. Bom pra caralho, para falar a verdade — E eu sei que você precisa disso. Eu sei também que você aguenta o tranco. Temos que ajudar essa menina, comandante. Ela precisa da gente. Seja ela filha de um mafioso do caralho ou uma prostituta no Haiti. É o que fazemos, afinal. Salvamos pessoas. Quem mal tem ganhar um zinho por isso?

— Lukas, seu grande filho da puta — Helena disse isso com toda calma. Não daria esse gosto a ele de uma derrota emocional completa. Não ela — Essa grana tem que valer muito a pena mesmo pra eu não partir a tua fuça ao meio. Porra, cara! Falar com meu pai pelas minhas costas! Eu quero distância dele e da laia a qual ele pertence e você traz tudo isso de volta, na minha cara?

— Sei que abusei da sorte nessa, comandante — disse Lukas, sabendo que ele conseguiu o que queria dela — mas estamos com pressa e eu tive que apelar. Mas vai valer a pena quando eu te disser de quantos créditos da ONU estamos falando.

Lukas fez um gesto, chamando o garçom.

— Vamos embora daqui e ir pra base que eu montei. Os outros dois comandos, gente boa que eu conheço de outros trampos, estão esperando a gente. São todos ex-SPARTKA, demitidos por fazerem alguma besteira que não vem ao caso. Mas são todos bons pra caralho no que fazem e, pra mim, isso é mais do que suficiente.

ANTES. Galpão abandonado perto do Porto do Mucuripe, Fortaleza. Noite.

Helena Barese também fazia alguns trabalhos freelancer em Segurança VIP para a SPARTKA, a empresa multinacional militar privada especializada em segurança, logística e inteligência internacional que tinha sede na cidade. Era um dos principais contratados da ONU para auxiliar o Protetorado nas tarefas em que eles não querem sujar as mãos. Apesar de, publicamente, as Nações Unidas serem contra mercenários, por trás das câmeras, a história era bem diferente. Era praticamente dona do monopólio da segurança privada no país. Pagava bem e os serviços geralmente eram executados sem muitos problemas.

Mas nunca tinha visto os dois contratados dessa missão.

E ela conhecia muita gente.

A primeira se identificou como Samara Sauder. Fez parte dos comandos anfíbios da antiga Marinha Brasileira. Saiu bem antes de Helena, por dispensa desonrosa. Ela não disse a razão e nem Helena insistiu em saber. Samara tinha a mesma compleição física de Helena. Loira, bonita, o corpo escondendo uma letalidade que poderia explodir a qualquer momento, como se Sauder fosse uma mola de aço que estivesse contraída por tempo demais.

Mauro Bomani era outro ex-comando, desta vez do Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento, PARA-SAR. Negro, brasileiro naturalizado, filho de imigrantes nigerianos. Era um homem enorme e muito forte. Sua massa corporal fazia todos os outros parecerem crianças perto dele. Helena viu que, por trás do seu jeito brincalhão, Bomani também mantinha oculta toda a sua habilidade de matar. Ela sabia, inconscientemente, que em uma confrontação, Bomani levaria a melhor, mesmo com o braço ciborgue dela sendo uma vantagem. Era um homem que escondia toda a sua violência latente com uma imagem de bonachão.

Estavam em um galpão antigo abandonado, perto do Porto do Mucuripe e do elevador espacial. A poeira acumulada de anos de descuido foi limpa

para acomodar os comandos. Caixas de equipamento estavam à mostra, arrumadas em filas. Mesas com armamentos e equipamentos estavam logo abaixo de uma luminária que descia do teto, que era um contraste imenso com as fracas luzes de lâmpadas de LED que faziam parte de um projeto luminotécnico feito às pressas.

Repartiram uma refeição rápida antes de passarem às instruções finais.

— Todos estudaram bem o briefing e sabem o que fazer quando chegar a hora. Não vou insistir nesse ponto — disse Lukas, à guisa de introdução da reunião — a diferença, é óbvio, é o campo de atuação. A gravidade da Lua é de um sexto da nossa. O que deixa as coisas bem diferentes em matéria de mobilidade. Não vamos ter tempo de treinar em um ambiente parecido aqui na Terra, então vamos ter que improvisar. Por isso eu quis os melhores nessa missão. Não há espaço para erro.

Lukas fez uma pausa para o grupo absorver as informações.

— Outra questão premente será o embarque para o Shuttle que vai levar a gente para a Lua. Existe a questão do elevador espacial. Esse maquinário não é usado prioritariamente para uso de seres vivos, sejam humanos ou animais. Basicamente ele é um elevador de carga. Então ele não costuma ser pressurizado. Não vão fazer uma exceção para a gente porque isso levantaria suspeitas do Protetorado da ONU. Eles vigiam essa porra dia e noite em busca de embarques clandestinos, imigrantes ilegais para as colônias. Vamos ter que usar trajes espaciais básicos. O bastante para a gente embarcar no shuttle.

— E tem outra questão. Essa vai ser complicada — disse Lukas, após uma pausa — A distância total percorrida pelo carro do elevador é de trinta e oito mil quilômetros, o que ainda não é o espaço de verdade. Mas o foda é a velocidade. Como é basicamente um elevador de carga, a aceleração do carrinho é extrema. Próxima aos 50g. Os trajes aguentarão a maior parte do impacto, mas a gente vai desmaiar com certeza.

— Espera um pouco, Lukas — disse Samara com

desagrado — isso quer dizer que a gente vai ficar completamente indefeso lá em cima? Quem vai nos pôr para dentro do shuttle?

— Tudo isso já foi providenciado — disse Lukas — o piloto do shuttle vai nos levar para dentro da nave. Fiquem tranquilos.

— Não sei se vou ficar contente em virar uma carga, como um saca de café — disse Bomani — é depender demais dos outros. E se algo der errado nos trajas durante a subida? Quem vai nos salvar? E se a gente ficar exposto de alguma forma ao vácuo lá em cima? Não vai ter aviso nenhum.

— Vamos ter que confiar no equipamento — Lukas notou que todos ficaram visivelmente incomodados com a situação. Sempre contaram com seu treinamento para sobreviver às mais variadas situações. Era estranho para eles não saberem o que aconteceria ou quem estaria cuidando de suas vidas — sei que é pedir demais de vocês e é por isso que a grana pelo salvamento da garota é tão alta. Mas quem quiser desistir, a hora é agora. Vamos embarcar daqui a cinco horas. É pegar ou largar.

— E as armas? — disse Barese, a decisão para ela já clara para Lukas — A ONU proíbe qualquer tipo de munição balística terrestre em qualquer base ou nave espacial. Como é que a gente vai responder ao fogo inimigo, se isso acontecer?

— Bom, Helena, a gente meio que está jogando com outras regras — disse Lukas — então até poderíamos manter o armamento padrão. No espaço a gente pode dar tiro à vontade. O vácuo não impede nada. Dizem que fica até melhor tanto o alcance quanto a potência do tiro. O problema são os danos estruturais que essas armas podem causar na base russa. E isso colocaria um imenso holofote em cima de nós vindo do Protetorado. Apesar da Federação Russa ser praticamente independente da ONU, ainda é mantida em vigilância permanente. Fora os próprios russos que são paranóicos com quem destrói as coisas deles. Tudo que a gente quer é a máxima discrição nessa missão. Por isso vamos utilizar isso aqui.

Lukas abriu a caixa de armamentos mais próxi-

ma. Em vez de um fuzil ou qualquer tipo de arma convencional, havia outro equipamento. Era pequena, com a pintura branca reflexiva. O design parecia comum, mas o tamanho e o fato de ter uma bateria anexa a deixavam com um aspecto pouco prático.

— Sergei investiu mesmo nesse resgate — disse Lukas erguendo o armamento com dificuldade — essa belezinha aqui pode parecer a última coisa que vocês gostariam de usar em uma situação de combate, mas eu garanto que, na gravidade da Lua, isso vai ser moleza de manipular. Eis aqui a última palavra em arma de energia dirigida, senhores. Um mini-canhão de pulso de energia. Feito para ser usado no espaço. Tecnologia chinesa de primeira. Trinta disparos por ciclo de recarga de cinco segundos. Não tem a capacidade de abrir rombos na estrutura da base russa, mas faz o serviço que precisa contra mafiosos, eu garanto.

— Eu acho legal toda essa tecnologia, mas vou levar isso aqui comigo se vocês não se importarem — disse Helena tirando da bainha da cintura a faca kinzhal. A superfície negra da lâmina cerâmica ultra fina parecia absorver a luz ambiente. E os olhares dos outros também.

— Já vi o que você pode fazer com essa faca, comandante — disse Lukas ainda olhando para a arma de Helena e soltando um suspiro — pode levar se quiser.

Lukas guardou a arma de pulso dentro da caixa e fechou a tampa com força, como se quisesse enfatizar que a reunião estava encerrada.

Agora era esperar.

ANTES. Base do elevador espacial do consórcio Ch'ang-O Neotech Enterprises e Alon/Rodrigues Associados. Noite.

Helena e os outros comandos não diziam nada. Estavam todos dentro de uma van elétrica estacionada perto do setor de checagem da base do elevador. A estrutura se espalhava por uma área de cinco quilômetros quadrados, uma imensa sapata de ancoragem para o contrapeso do maquinário que se

encontrava trinta e oito mil quilômetros acima. Esperavam que os agentes portuários comprados com o dinheiro russo liberassem o local para que eles saíssem do veículo.

O calor era grande. Estavam vestidos com o traje hermético que garantiria o suprimento de oxigênio por toda a subida e traslado para o shuttle. O capacete, parte do conjunto e que garantia o complemento do circuito, não estava sendo usado evitando, assim, qualquer tipo de barulho. O ar-condicionado do veículo também. Para um observador externo, aquela vã parada ao lado do escritório de liberação era tão quieta e monótona como a noite no Porto do Mucuripe.

Depois de uma longa espera, um funcionário do Porto abriu a porta traseira da van. O frio da noite foi como uma bênção para todos. Suavam visivelmente.

— Desculpem a espera, pessoal — disse o agente do Porto. Vestia um macacão padrão, com todo seu equipamento de proteção. Sorria — o caminho está livre daqui para a Entrada Cinco. Lá, um outro funcionário, o despachante, vai guiar vocês para dentro da cabine de ascensão.

O grupo continuou em silêncio. Saíram todos do veículo, cada um carregando um case com a arma de pulso. Seguiram rapidamente para a entrada indicada pelo funcionário.

A Entrada Cinco era uma de oito que circundavam a base do elevador. Era um corredor comprido, de concreto, de aproximadamente um quilômetro. Era amplo, cinquenta metros de vão, cheio de caixas e grande o bastante para caber contêineres e veículos de carga.

Ao chegarem no final do túnel, um homem os esperava. Vestia os mesmos EPI's do anterior, mas a cor de seu macacão indicava que ele tinha outra função.

— Entrem logo — disse ele. Abriu uma porta que era destinada à manutenção do local — A inspeção começa daqui a dez minutos. Procurem um canto mais livre possível e se deem no chão. Não vão que-

rer ficar em pé quando o elevador começar a funcionar. Boa sorte.

Assim fizeram. Todos acomodaram os equipamentos, prendendo-os ao piso do elevador com parafusos de fixação. Colocaram seus capacetes e ligaram o traje ambiental. Rapidamente ele se encheu de líquido de freio gravitacional que continha oxigênio suficiente para que não se afogassem. Já tiveram experiências anteriores com perfluorocarbono e conseguiram dominar a sensação de afogamento. O líquido preencheu todas as cavidades internas do traje. Fizeram sinal de ok. Comunicação verbal era impossível nessas circunstâncias. Teriam que depender de sinais de agora em diante.

Deitaram no chão e o traje acionou as travas magnéticas, prendendo-os ao assoalho. Antes que qualquer um deles dessem qualquer tipo de sinal, o mundo ficou negro e eles desmaiaram.

ANTES. Shuttle “Isabele”, a 5000Km da Lua.

Helena questionou o piloto do shuttle “Isabele” do porquê da escolha desse nome de batismo para a nave. O homem, um senhor de mais de oitenta anos, constituição magra de tantos anos no espaço, respondeu que era como a sua esposa se chamava, já falecida. A primeira de cinco que teve. A mais importante, segundo ele. Explicou que fazia parte do costume dar nomes de pessoas amadas a naves espaciais. Segundo a Guilda dos Pilotos de Transporte, uma antiga associação sindical da qual fazia parte, era uma forma de superstição que alguém começou e se espalhou.

— Seguro morreu de velho, no caso, de velha. O espaço é perigoso e qualquer ajuda é bem vinda, não é minha filha? — dizia ele, rindo enquanto observava os monitores da cabine de controle do veículo. Checava visualmente, com a experiência de décadas fazendo a mesma coisa, todas as variáveis de frenagem pelas quais a Isabele estava passando para poder pousar em segurança na base Ponte das Estrelas — Sei que minha `Bele, onde quer que sua alma bondosa esteja, ora por nós e pela nossa segurança.

Helena achou simpático aquele misticismo todo partindo de alguém que há anos dependia das leis da física para sobreviver no concorrido mercado de logística espacial.

O piloto do shuttle não era o único a acreditar em forças maiores.

— Que ela nos proteja e nos guie, senhor — disse Mauro Bomani enquanto limpava o canhão de pulsos. Ele não demonstrava nenhum sinal de desconforto com a viagem, apesar da gravidade zero. A mobilidade era garantida pelo uso de botas magnéticas, firmemente conectadas ao piso.

O shuttle se movia rapidamente para o seu destino. O motor de íons garantia um traslado seguro entre a Terra e seu satélite natural. Agora, estava em pleno processo de frenagem calculada para chegar à Lua.

— Quanto tempo falta para chegarmos, capitão? — perguntou Lukas. Estava deitado no assoalho, mãos na cabeça. Olhava para Helena e o piloto com interesse. Desde que foram recolhidos da cabine de ascensão do elevador espacial, ainda desacordados pela súbita aceleração, ação feita pelo piloto do shuttle, ele pouco falava com ela. Helena atribuía, a título de diagnóstico primário, a um tipo de nervosismo comum antes de qualquer operação. Queria acreditar nisso, mas seu instinto dizia que era outra coisa.

— Uns vinte minutos — respondeu o piloto — já devemos a qualquer instante começar a receber as mensagens da torre de controle russa. Espero que meu tradutor não tenha pifado porque não entendo patavinas da língua deles.

Como se estivesse esperando o final da fala do piloto, uma voz surgiu dos alto falantes da cabine de comando. Era a voz modulada, uma cópia perfeita da voz humana. Ao fundo, mais baixo, ouvia-se a voz do controlador de voo russo.

— Nave STL-9615, diga seu destino e sua carga.

— E lá vamos nós — disse o piloto, voltando-se para os controles de comunicação — aqui é STL-9615 pedindo permissão para pouso. Enviando sinal

de identificação agora. Carga: mantimentos e mais quatro trabalhadores do porto. Enviando a identidade de todos eles também.

— Não há risco de inspeção? — disse Samara Sauder. Ela abraçava sua arma de pulsos, como se fosse um colete salva vidas. Helena notou que sua armadura emocional estava parcialmente abaixada. Era medo que sentia? Helena estava com medo. Seria hipocrisia da parte dela negar para si mesma que não. Mas muitos dependeram de suas decisões no passado e isso criou uma barreira contra exibir emoções desse tipo. Ela sempre fazia questão de vestir esse tipo de proteção. Foi o que a manteve viva tantos anos.

— A intel fornecida pelo seu pessoal é boa, pode acreditar — disse o piloto — para eles somos um transporte de carga comum, com uma carga comum. E, para vocês, identidades e cartões de trabalho portuário. Acho que dá até pra enganar a Interpol e o Protetorado de tão bem feita que tá a falsificação. Impressionante. Como conseguiram esse nível de manipulação?

Helena não pode esconder a sensação de desconforto. Sabia que seu pai possuía os contatos e o dinheiro suficiente para produzir uma falsa assinatura de identificação para uma nave de transporte como aquela e identidades. Queria saber o quanto aquilo custaria para ela no futuro, quando tivesse que encarar Giancarlo Barese de frente novamente. Ela sabia que ele iria querer aquele encontro.

Nada é de graça.

ANTES. Base мост к звездам, da Federação Russa Unida. Lua.

Décadas atrás, quando a agência espacial russa fez um pacto de colaboração com a agência chinesa para a construção de uma base permanente na Lua, todos sabiam que essa aliança seria frágil. Tempos depois, essa aliança se desfez, e, como resultado, rendeu a fundação pela qual a Federação Russa Unida pôde se estabelecer no satélite da Terra. Foi batizada de Ponte para as Estrelas.

Localizada no polo sul da Lua — antípoda, portanto, das bases da ONU — era uma construção feita com milhares de módulos, ocupando um espaço de dois quilômetros quadrados. Gigantescas cúpulas geodésicas com filtragem para radiação e luz solar, garantiam a atmosfera pressurizada da base.

Composta, na maioria, de unidades residenciais, também tinha espaço para áreas comuns de convivência e uma área maior, dedicada à zona portuária. Cem mil pessoas viviam atualmente na base.

A segurança da base era garantida pela milítsia. Era bem paga para fazer vista grossa. Prostituição, drogas e armas eram mercadoria recorrente na estação e um dos principais produtos desse entreposto comercial.

Para Helena Barese, o lugar cheirava a uma imensa boate.

O grupo de Barese estava sentado em um botequim, com vista ampla para a kvadrat. Bares e restaurantes se misturavam na ampla área destinada ao mercado livre. O vai e vem dos habitantes mostravam que aquele quadrante era popular. Barese notou os aviões, os traficantes da Volk, distribuindo sua mercadoria quase displicentemente, como se estivessem vendendo algo perfeitamente legal. Policiais da milítsia passavam ao largo, mas não interferiam.

— “A paz do coração é o paraíso dos homens” — disse Helena. Ela tomou sua bebida à guisa de brinde.

— Poesia, comandante? — disse Samara Sauder. Seu mal estar aparentemente tinha se desfeito. Efeito da gravidade lunar, mesmo pequena em comparação com a da Terra e apesar de ainda terem de usar botas magnéticas para não ficarem saltitando por aí. Ou isso ou era o resultado de alguns shots que ela havia tomado — Não vejo motivo algum para achar paz nessa pocilga lunar, se quiser saber. Não vejo a hora de sair daqui. O ar fede.

— É Platão, Sam — disse Lukas entornando sua bebida logo em seguida — esse lugar é um paraíso para a Volk. Livre do olhar do Protetorado e de portas abertas para as colônias. A polícia local não

interfere nos negócios locais e a bandidagem não faz muito barulho. Confusão demais resultaria em uma papelada burocrática que eles não estão a fim de preencher. Fede sim. Mas não é nada que a gente não possa lidar. A comandante só quis ser irônica.

— O problema imediato é como passar despercebido carregando esses cases do inferno — disse Mauro Bomani, o olhar fixo em lugar algum enquanto dizia essas palavras com um copo de cerveja parado próximo a boca — a porra da praça está cheia de olheiros. Se a gente sair junto, vai dar bandeira. Só na minha visada eu contei vinte deles. Marquei todos.

— Também vi, Bomani — disse Lukas — Estou colocando nos seus comlinks o trajeto para o alvo. É uma casa de prostituição. A boa notícia é que é perto daqui. A má é que está apinhada de cães de guarda da Volk.

Barese viu, no HUD, um mapa com o trajeto definido.

— A missão é entrar e resgatar a menina — disse Lukas, usando a comunicação direta via comlink. Ninguém precisaria falar mais nada a partir de agora — se a intel de Abramov for boa, ela está em um quarto no quinto andar do puteiro onde amaciam as garotas novas antes do transporte. É pegar ela e correr para o espaço-porto. O shuttle estará lá esperando pela gente. Vai ser uma fuga conturbada mas vai dar certo. Evitem ficar para trás. Não vamos esperar.

Helena não gostava nem um pouco desse plano. Eram muitas variáveis, mas, ao mesmo tempo, era bom pela simplicidade da coisa toda. Entrar com tudo e sair. Pegar todos de surpresa.

Separaram-se. Helena pegou um beco próximo. Caixas se amontoavam no piso sujo entre o espaço das construções. Paredes pichadas em cirílico, chinês e inglês dividiam a atenção com fachadas de bares e restaurantes. Lembrava um pouco os yokochos japoneses. Somente os locais poderiam achar aqueles lugares. Talvez preferissem que fosse assim. Uma coisa só deles. Era a impressão que Barese tinha ao notar os olhares desconfiados dos colonos. Alguns estavam falando nos seus comlinks.

— Muitos olheiros em todos os lugares — disse Helena, mentalmente, para os outros comandos — Não sei se vou conseguir chegar ao ponto de encontro sem encontrar resistência.

— Por isso que o plano é atacar com tudo — respondeu Lukas — Eu e a Sam vamos começar a cantoria daqui a pouco. Vai garantir cobertura suficiente para você e o Bomani chegarem na edificação.

Pelo hud, Helena podia ver que Samara e Lukas estavam juntos. Bomani estava a duas ruas da sua posição. O alvo, a edificação de qual Lukas falava, aparecia no mapa tático em destaque.

O som da explosão foi o suficiente para que toda a atividade daquela ruela fosse interrompida. Os colonos ficaram estáticos, em meio às suas funções, olhando na direção que veio o barulho. Helena se apoiou em um joelho e colocou seu case no piso. Retirou a arma de pulso. Pesava bem menos, quase nada agora. Levantou-se, empunhando o armamento, começou a correr.

A gravidade lunar fazia com que sua corrida fosse mais veloz que o normal. Por vezes, ela tentava fazer uma curva e esbarrava em paredes ou em conjunto de caixas. Por fim, pegou o jeito.

O complexo de becos em que ela estava dava para a edificação da Volk. Era um cubo de cinco andares, sem janelas. Uma porta ficava ao centro. A frente do prédio era protegida por blocos de concreto espaçados. Três homens armados com pistolas de dardos. Quando viram Helena correndo na direção deles, apontaram para ela.

Helena atirou no primeiro deles. A arma de pulso deu um ricochete que a fez recuar alguns passos. Do outro lado, o homem atingido voou para longe, seu peito atingido por uma massa de energia cinética equivalente a um atropelamento. Os outros dois soldados correram para se abrigar por trás dos blocos. Um deles voou em direção à parede, o barulho de ossos quebrados ouvido nitidamente. Helena notou que Mauro Bomani vinha por trás dos vigias, fechando o cerco. Veio dele o disparo.

O terceiro e último inimigo tentou atirar em Bo-

mani. Helena já havia chegado perto o suficiente para desferir um golpe na sua cabeça usando o braço mecânico. Ele caiu no chão, desmaiado. A arma de dardos escorregou pela calçada.

Bomani se aproximou e deu um tiro no peito do soldado caído no chão, à queima roupa. O impacto da arma abriu o peito do vigia. Sangue, ossos e vísceras espalhados pelo piso.

— Caralho, chefia — disse Bomani olhando para o resultado da sua obra — essa belezinha faz mesmo um estrago da porra, hein?

Helena sentiu um desejo repentino de atirar em Bomani. Com certeza ele sabia que ela pensava assim. Talvez o tiro fosse exatamente isso: uma provocação.

— Vamos entrar — disse Barese.

Atiraram contra a porta da edificação. Bomani lançou uma granada de atordoamento no interior do hall. Ele e Helena se abrigaram do lado de fora, esperando a explosão. Fecharam os olhos. Uma luz cegante, seguida por um barulho ensurdecedor, achou um ambiente perfeito para desorientar quem estivesse dentro do prédio. As paredes funcionaram como refletores, ampliando o raio de alcance do som. A luz cegante fez o resto.

Helena entrou, seguida por Bomani. Havia cinco homens da Volk, vestidos todos com ternos e portando armas de dados. Estavam andando sem rumo, ainda cegos e atordoados pela granada. Bomani fez mira e atirou em todos.

Helena subia a escadaria. Um russo a esperava no primeiro patamar e atirou nela. Errou por pouco a cabeça de Helena, a mira ainda prejudicada pelo dispositivo de atordoamento. Os dados da arma ficaram presos profundamente no piso atrás de Barese, como pregos. Helena o atingiu no peito, fazendo-o se chocar contra a parede. Bomani se juntou a ela na subida da escada.

Precisavam chegar ao quarto piso. O segundo era um corredor com portas. Um carpete vermelho gasto e arandelas com luzes amareladas compunham o cenário. Cinco soldados da facção Volk os espera-

vam.

O que não esperavam foi um ataque repentino de Lukas e Sauder, que os atingiram com disparos de energia. Tinham subido pela escada de incêndio, do lado oposto à escadaria principal. Cercados e expostos, os homens da máfia russa foram todos eliminados.

Helena assumiu a ponta da ofensiva, indicando que iriam subir mais um andar. Sinalizou para Bomani jogar mais uma granada atordoadora pelo vão da escada. Esperaram a explosão.

O andar era uma repetição do segundo. O corredor, porém, estava mais apinhado de soldados da Volk. Helena se ajoelhou, deixando a visada de tiro livre para Lukas e os outros comandos.

Dardos e disparos de energia foram trocados. Os russos tombaram sob o fogo inimigo superior. O corredor ficou cheio de sangue e vísceras.

Samara Sauder escorregou pela parede do corredor e se sentou no chão.

— Droga, Lukas. Fui atingida — disse ela segurando a barriga ensanguentada — uma porra de dardo me pegou.

— Fica calma — disse Lukas. Ele veio ao encontro de Sauder. Tirou da sua mochila um kit médico. Colocou bandagens de compressão e as colocou no ferimento de Samara — isso vai estancar o sangramento até a gente chegar no Shuttle. Você consegue andar?

— Consigo — disse Sauder. Ela não disfarçava que estava sentindo muita dor. O dardo ainda estava em seu corpo, cortando-a por dentro cada vez que se mexia — Vamos logo com isso.

— Ela não vai conseguir, Lukas — disse Helena. Ela entendia a gravidade do ferimento de Sauder. Armas de dardos tinham essa característica. Disparavam lâminas cortantes em velocidades subsônicas. Uma vez dentro do alvo, agiam como micro serras — Ela deve estar com sangramentos internos e só vai piorar se ficar andando por aí.

— Cala essa boca, Barese — disse Samara. Seu

rosto estava cheio de suor — quero a porra desse contrato tanto quanto você. Minha parte não vai ser dividida nem fodendo!

— Você só vai atrasar a gente, Sauder — disse Bomani fazendo mira com a arma de pulso para ela — se a gente for pegue pela Volk eles vão torturar a gente até arrancarem quem foi o mandante dessa missão. E você não vai gostar de como eles fazem isso. Melhor você ficar por aqui. Juro que não vai doer nada.

Samara tentou erguer sua arma contra Bomani mas não conseguiu. O estrago feito pelo dardo a impossibilitara além da sua vontade de reagir. Por um instante o silêncio de antecipação se fez. Helena segurou a empunhadura da sua faca kinzhal. Mas foi Lukas que tomou a iniciativa. Ergueu a sua própria arma e apontou para a cabeça de Bomani.

— Vamos ficar calmos, soldados — disse Lukas — Eu garanto um extra de trinta por cento se você carregar a Sauder até o Shuttle, Bomani, pode ser assim? Ninguém precisa morrer e todos receberão a sua parte. Fechado?

Bomani olhou de soslaio para Lukas. A arma ainda estava apontada para Samara. Deu um sorrisinho e a baixou.

— Trinta por cento. Isso eu aceito.

Bomani fez Samara se erguer, segurando-a pelo ombro. Para alguém da compleição física dele, levantar uma mulher do tamanho de Sauder era quase nada. Ela não conteve um grito de dor. Deixou-se levar pelo homem que, segundos atrás, quase atirou contra ela. Sabia que estava vencida e o dinheiro, no fim, falava mais alto. Os dois começaram a descer a escada.

— Boa sorte, comandante! — disse Bomani. Ele e Sauder desapareceram escada abaixo. A risada de Bomani preencheu o ambiente.

— Maluco do cacete! — disse Lukas — bem que a Agência disse que esse cara era pinel. Mas me garantiram que ele era bom no que fazia. Agora é tarde.

— Que agência, Lukas? — perguntou Helena.

— Isso é uma história para outro momento, comandante — disse Lukas — ainda temos muito trabalho para ser feito. Só eu e você.

No terceiro piso eles não encontraram resistência.

No quarto e último piso, eles viram os dois ninjas.

Isso significava que o seu alvo era mais protegido do que imaginavam. A versão moderna desses shinobis era muito diferente dos praticantes do Bujinkan Budō Taijutsu medieval. Eram mercenários, versados na arte de matar dos ninjas do passado, mas usavam a mais alta tecnologia de combate. Usavam armaduras com proteção nível 4 feita de bioaço de seda de aranha e exoesqueletos para aumentar sua força e velocidade. Capacetes táticos ligados em rede cobriam seus rostos, impedindo que fossem identificados, mesmo usando tecnologia de reconhecimento facial. Estavam armados com fuzis de dardos. Espadas shinobis de lâmina cerâmica presas às costas ajudavam a compor o indumentário dos mercenários e não diferiam do imaginário popular. Apontaram suas armas para Helena e Lukas.

Helena correu para o lado e fez disparos que atingiram o piso logo abaixo dos dois ninjas. Lukas desceu o vão da escadaria, procurando se proteger da saraivada de projéteis que desfizeram o reboco da parede atrás dele.

Os ninjas não tiveram tempo de reagir ao colapso estrutural do piso logo abaixo deles. Os disparos de Helena fizeram seu serviço. Caíram no andar inferior. Lukas tirou uma granada de seu cinto e jogou no corredor abaixo. Correu para cima para se proteger. Uma explosão forte fez o prédio inteiro estremecer.

— Terceiro quarto, Helena! Vai, vai! — disse Lukas. Ele também estava ferido. Barese não tinha certeza da gravidade.

Helena seguiu pelo corredor arruinado, quando chegou perto do buraco feito por ela, mirou sua arma baixo e disparou sem pensar. Os dois ninjas foram atingidos novamente, desta vez frontalmente. Os disparos da arma de Helena poderiam não rom-

per as armaduras táticas deles, mas a energia cinética que acompanhava os pulsos fez seu dever. Barese gastou todo o ciclo que restava de disparos até ouvir o clique seco da arma. Os ninjas não se mexiam. Saltou o buraco e correu para a terceira porta do andar.

A poeira causada pela granada e pelos disparos de ambos os lados prejudicava a visão de Helena. Ela notou que seu braço estava sangrando. Uma lâmina a atingiu de raspão. Ela sentiu a dor de cortes em outras partes do seu corpo. Sabe-se lá quantas eram. Ignorou isso.

Não esperou o ciclo de recarga da arma de energia se completar. Com a faca kinzhal ela cortou o trinco e a lingueta da fechadura. Chutou a porta.

Do quarto escuro vinha um cheiro de fezes, vômito seco e urina eram pungentes. Cinco jovens se amontoavam em um canto da sala, abraçadas umas às outras. Estavam assustadas e gritaram quando Barese entrou. Helena só poderia imaginar que tipo de torturas elas haviam passado. O quarto tinha apenas colchões no chão e uma porta ao fundo, que dava para um banheiro. À pouca luz do ambiente, Barese viu que a imundice era sufocante. Sufocou a súbita ânsia de vômito que sentiu.

O alvo estava marcado no seu comlink. Katiana Abramov era uma das moças que estavam abraçadas. Mas a imagem de referência que se apresentava aos olhos de Helena diferia muito daquela figura imunda e de olhar vidrado que via agora.

— Fala inglês, Katiana? — disse Helena, na língua estrangeira

Katiana, ao ouvir o seu nome, virou os olhos em direção à Barese com um olhar confuso, como se tentasse achar, na sua memória, alguma referência da identidade daquela mulher.

— Fala inglês, Katiana? — repetiu Helena. Ela se aproximou mais do grupo de garotas e estendeu a mão. As outras mulheres soltaram mais um grito e se encolheram mais, fechando o abraço coletivo — Estou aqui para resgatar você. Sergei Abramov me enviou. Vamos!

Ao ouvir o nome do pai, um senso de compreen-

são pareceu surgir na face de Katiana. Ela estendeu a mão e Helena a agarrou com força. Puxou a filha de Sergei Abramov da pilha de garotas que gritavam ainda mais, talvez achando que Helena estivesse lá para machucá-las.

— Elas...elas precisam ser salvas também — balbuciou Katiana em inglês — Homens vão matar elas. Ajuda, por favor!

Um novo impasse se apresentou à Helena Barese. Sair daquela situação carregando uma pessoa já era uma situação de risco. Com mais quatro era suicídio. Mas ela não poderia deixar aquelas mulheres à mercê da Volk e seu mercado de carne, com seus estupradores em Marte ou Cinturão. Era errado. Era desumano. Helena sorriu para si mesma, já sabendo a resposta óbvia para aquele dilema moral.

— Que se foda — disse Barese, em português. Sabia que Katiana e as outras não a estavam entendendo. Era uma forma dela fazer as pazes com seu espírito pela decisão tomada. — eu jamais me olharia no espelho se eu deixasse vocês aqui, meninas — e disse, agora em inglês — façam fila atrás de mim. Cada uma se segura na cintura da outra. Katiana, você vem atrás de mim.

A fileira humana se pôs a caminho. Helena notou que algumas caxingavam, outras tossiam. Era o efeito da desnutrição e dos maus tratos. Saíram pelo corredor.

Lukas tinha desaparecido.

Helena tentou contato via comlink com ele. Silêncio.

— Que merda! — disse.

Helena estudou as alternativas. Ir pelo mesmo caminho que veio era inviável. Provavelmente haveria um comitê de recepção esperando por elas no Hall ou na calçada. O barulho que o grupo de Helena causou era a certeza de que reforços haviam sido convocados. A alternativa que restava, portanto, era pela escada de serviço. A mesma pela qual vieram Lukas e Samara Sauder. Helena desejou que o caminho estivesse livre.

Estava. Alguns corpos estavam jogados pela esca-

da e pelos patamares, todos mortos. As meninas soltaram gritos, assustadas pela quantidade de sangue e vísceras espalhadas pela caixa de escada. Helena as forçou a seguirem em frente.

Já no primeiro piso, avistaram a porta que dava para os fundos do prédio. Helena acionou o mapa novamente. Esse surgiu no hud. Usou alguns comandos de voz para acessar o melhor caminho para o espaço-porto. Abriu a porta.

Conseguiram sair da edificação. O mapa apontava que o porto estava a cerca de cinco minutos de onde estavam.

As ruas da base russa estavam vazias. Helena estranhou que toda a atividade comercial, mesmo as ilegais, estivessem fechadas, como se um toque de recolher estivesse vigente.

Estavam a dois minutos do porto. O cenário agora era de vielas apertadas entre módulos antigos, desgastados pela ação do tempo. A deterioração era visível. Números de série, junto com mais pichações em russo e camadas de cartazes faziam a decoração. Talvez esses módulos pertencessem aos primórdios da instalação da base, décadas atrás. Estavam próximas a uma das paredes da cúpula geodésica. Pelo espaço entre as edificações dava para ver a superfície da Lua. Era dia ainda.

Foi nesse momento que a morte caiu sobre o grupo.

Cinco ninjas, escondidos no alto dos módulos, saltaram em cima de Helena e das garotas.

Um deles caiu perto de duas delas. A espada shinobi do assassino fez sua dança, cortando-as em vários sentidos. Pedacos de seus corpos se desmontaram, como se fosse um castelo de cartas.

Outro tentou fazer o mesmo com Helena mas ela disparou um feixe de pulso que o jogou longe. Conseguiu pegar mais um antes dele matar mais uma garota.

Mais um ninja jogou shurikens. Helena usou seu corpo para proteger Katiana e conseguiu aparar duas lâminas, usando seu braço biônico. Outro shuriken atingiu uma das garotas. Ela caiu aos pés de Barese,

o sangue jorrando pela carótida.

A penúltima menina saiu correndo, agindo por puro medo. Outro ninja correu atrás dela e a matou, desferindo um golpe preciso de sua espada. O grupo restante se virou para Helena e Katiana.

Barese sentiu que algo estava errado. Sua ligação mental com os mecanismos dos motores de seu braço estava cortada. O membro pendia ao lado do seu corpo. Um peso morto. Ela viu três lâminas shurikens profundamente enterradas nele.

Ergueu sua arma e disparou. Um clique seco.

Helena viu que outro shuriken estava alojado no corpo da arma.

Os três ninjas restantes colocaram suas lâminas de volta às bainhas das costas. Ergueram seus fuzis de projéteis.

Helena só tinha uma rota de fuga. Um dos módulos, transformado em um bar, estava logo atrás dela. Agarrou Katiana pelo braço com força e a puxou porta adentro.

Ouviu as risadas dos assassinos. Ela sabia que tinha entrado em uma armadilha.

AGORA: Base мост к звездам, da Federação Russa Unida. Lua.

O silvo do ar escapando pelo orifício se misturava com o alarme geral de descompressão da base. A saraivada de projéteis não parava. Helena e Katiana se abraçaram mais forte, como se fosse possível comprimir o volume de seus corpos enquanto a parca proteção do balcão do bar era reduzida a nada.

Uma das lâminas feriu Katiana no braço. Ela gritou. Outras lâminas fizeram cortes em Helena, se juntando às outras feridas.

O rombo na parede ficou maior. Pedacos da fuselagem do módulo sumiu, tragados pela diferença de pressão dentro/fora. Objetos soltos no bar batiam na parede, fazendo coro aos projéteis disparados pelos ninjas.

Helena sentiu que algo a puxava. Não havia nada

em que ela pudesse se agarrar. Ela e Katiana tentaram cravar suas unhas no piso do módulo, sem efeito. Os tiros dos ninjas pararam. Estavam apreciando o andamento do espetáculo.

Antes que os corpos de Helena e Katiana batessem na parede, a sucção de ar parou de repente.

Helena olhou para o buraco e viu que ele havia sido tampado por fora.

Sem compreender nada, ela ficou de joelhos e puxou sua faca kinzhal da bainha. A ofereceu, em desafio para os ninjas. Esses olharam para ela, armas de dardos em punho, como se também não tivessem entendido o que tinha acontecido.

Um dos ninjas olhou para os outros dois. Algum tipo de comunicação entre eles foi estabelecida e todos jogaram suas armas no chão. Um deles se aproximou de Helena e Katiana, tirando sua espada shinobi e aceitando a contenda.

“Bem, é agora.” Pensou Helena. Ficou de pé, pronta para o primeiro oponente.

O ninja ergueu sua espada. Não teve tempo de desferir o primeiro golpe. Algo o atingiu na cabeça, fazendo-a explodir. Helena sentiu gotas de sangue do inimigo sujarem seu rosto.

O mesmo aconteceu com os dois outros ninjas, quase ao mesmo tempo. Os corpos, agora sem vida, se sustentaram por alguns momentos e tombaram no chão.

— Comandante, sou eu, Lukas. Vou entrar agora — a voz conhecida do mercenário tirou Helena do estupor — Você está bem?

Helena não sabia o que dizer. A vontade era dar um soco na cara de Lukas. Mas o cansaço e as feridas causadas pelos projéteis já estavam cobrando seu preço.

— Você fugiu — disse Helena.

Vários homens entraram depois de Lukas. Helena viu que todos usavam trajes de combate espaciais mas não usavam insígnias ou qualquer tipo de identificação.

— Você provavelmente está querendo me matar, não é mesmo? — disse Lukas — Mas quero que compreenda que tudo o que eu fiz foi para o nosso bem. O nosso e de Katiana, é claro.

— Como isso foi para o meu bem, seu bostinha? — disse Helena. A raiva estava voltando, substituindo o torpor de antes. Lembrou que estava com a faca kinzhal na sua mão. Respirou fundo e a colocou de volta na bainha — o briefing não falava nada da porra de ninjas. Ninjas, Lukas! Eles quase nos mataram e perdi outros reféns.

— A prioridade era resgatar a Katiana — disse Lukas — eu sabia que seu lado sentimental a faria tentar resgatar as outras meninas. Não a culpo por isso. Mas, tirando o saldo negativo, a missão foi um sucesso.

Helena olhou em volta. Os soldados que acompanhavam Lukas estavam cuidando dos ferimentos de Katiana. Falavam russo.

— Quem são esses homens? — disse Helena.

— Essa é a parte bacana que eu já ia lhe contar — disse Lukas. O velho sorriso cínico voltou ao seu rosto — Havia uma suspeita dos russos de que a Volk estava de conluio com alguma corporação da Yakuza japonesa. É uma forma deles expandirem seus negócios pelas colônias, aproveitando da infraestrutura e logística da Volk, aos custos do governo russo. Esses ninjas corporativos eram seu braço armado secreto. Aí é que está. Eles não poderiam fazer isso. Mas nem fodendo. Entenda: essas facções russas são meio puristas em relação aos seus procedimentos. E fazer esse tipo de aliança, passando por cima das outras famílias, é violar sei lá que porra de código que eles seguem. A facção Bratstvo, da qual o Serguei é líder, apelou ao Conselho interno e pediu permissão para assumir os negócios da Volk na Lua. É uma forma de manter o equilíbrio entre as famílias e evitar guerra. O sequestro de Katiana era uma forma de fazer calar as suspeitas de Serguei. Mas a gente conseguiu desentocar o rato da toca, comandante! Vai ter um extra para todos nós bem polpudo por isso, pode ficar tranquila.

— Mas você sabia, não sabia? Sabia da existência

desses ninjas — disse Helena.

— Tinha desconfiança, comandante. Esses merdas são mais sorrateiros que drones de caça camuflados. Precisava de uma confirmação visual antes de pedir ajuda. Esses homens são a nossa cavalaria.

Helena ouviu sons de tiros e explosões vindo de fora.

— Tive que deixar você sozinha para poder achar um transmissor potente o suficiente para mandar uma mensagem para a Terra e avisar o que estava acontecendo — disse Lukas, após um breve intervalo — nesse exato momento, Helena, forças da Bratstvo e de outras famílias estão tomando posse de toda a base. Estamos seguros agora.

Helena começou a andar em direção à porta. Caxingava. Olhou para trás. Katiana ergueu a mão, em sinal de agradecimento. Helena fez o mesmo. Sorriu.

— Pelo menos ela está salva. Mas, enquanto as outras que ainda podem existir em outros esconderijos por aí?

— Devemos acreditar que as famílias farão o que deve ser feito, Helena — disse Lukas — isso é tudo o que a gente pode fazer. Não tente nada estúpido agora, por favor. Não é mais o nosso problema.

Helena se sentiu mais cansada ainda.

— Só me leve de volta pra casa, Lukas — disse Helena — e pode enfiar a minha parte do contrato no rabo.

DEPOIS: Praia do Futuro. Fortaleza-Ceará. Dia.

Helena estava deitada em uma cadeira de banho de sol. Tinha gastado grande parte dos seus créditos para refazer as conexões destruídas do seu braço. Estava quase bom.

O Sol também estava bom como sempre. A praia lotada como sempre. Alguém disse que o bom é inimigo do ótimo. Mas, para ela, nesse momento, o que fosse só bom já era de bom tamanho.

O que restava de seus créditos da ONU ela estava


gastando em tequila e um merecido descanso à beira da praia.

Sempre haveria mais um trabalho a ser feito.

— Helena? — uma voz masculina fez Helena se sentar na cadeira, por instinto, pronta para a luta.

Giancarlo Barese tinha envelhecido desde que havia fugido do Brasil. Seu olhar mostrava que ele

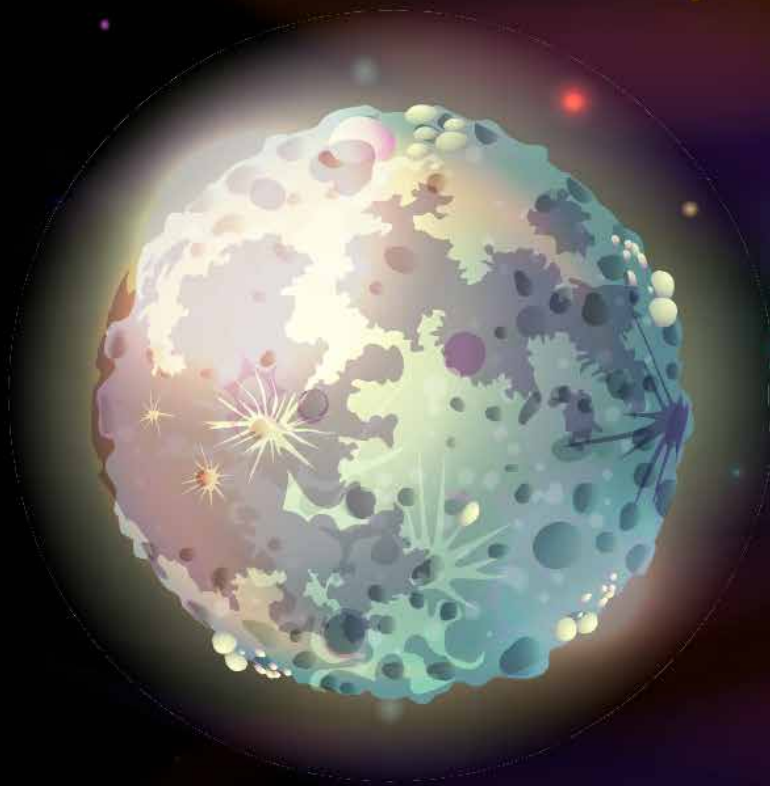
havia passado por muita coisa. Ele tinha emagrecido também. Era quase uma sombra pálida do homem forte e determinado que tinha destruído a vida da mãe de Helena e a sua.

— Como vai, Helenita? — disse Giancarlo, usando um velho apelido que deu à Helena em outros tempos mais tranquilos — posso falar com você, minha filha? 



Teo Jungerman é Silvio César, publicitário há mais de 20 anos. Vive em Fortaleza, Ceará em meio a seus livros, filmes e quadrinhos.

O ESPAÇO INTERNO



André C. R. Martins

De longe, é difícil avaliar a personalidade. E, para um relacionamento de longo tempo, muito longo tempo, personalidade é o que mais importa. Você pode ver uma aparência tranquila, um exterior sereno e, quando chega mais perto, são só tempestades. Você procura, procura, e não há nada sólido ali. Beleza também não é um bom indicador. Ou, ao menos, não é um bom critério para ter sossego. Se quiser uma vida mais agitada, cheia de acontecimentos, pode não ser um problema. Beleza tem seu valor, afinal. Mas não era isso o que eu estava procurando. Sabia muito bem o que eu queria para uma família. Para toda a minha família. Sabia que eu não podia deixar minhas emoções me influenciarem, que eu tinha de tomar minhas decisões da forma mais precisa possível, mesmo que isso parecesse frio aos olhos de todas as outras pessoas. E,

considerando tudo, a melhor alternativa que eu tinha acabou sendo clara. Uma escolha acessível, mas não na moda do meu tempo. Uma aparência antiga, marcada, cinzenta. Bela, vista de longe, brilhando, certamente. Mais perto, era diferente. Sem beleza superficial. Seca, parecia inóspita e problemática. Mas era perfeita para o longo prazo. Estável, de fácil acesso, leve. Mas, o que tornou minha decisão final, foi o fato de que eu não estava lidando apenas com a superfície. Beleza superficial existe em todo lugar. Calma interior, onde a gente pode habitar e sossegar, mas ainda com uma grandeza suficiente para ficarmos protegidos, isso não existe em tantos mundos. E encontrar essa alternativa na porta de casa, a nossa própria Lua, apenas tornava tudo mais fácil. E possível. Quando tantos ansiavam pelas imensidões vazias, comecei a cavar minha toca.”

A voz de Bhekisisa Underhill, em uma de suas

poucas entrevistas, ainda soava clara. Seu rosto parecia sereno e tranquilo, sem nenhum dos sinais da paranoia que lhe é usualmente atribuída. Nem da megalomania. Uma pessoa tranquila, explicando suas razões, mesmo que fossem razões para um projeto que, quando fora revelado, havia sido considerado como mais uma extravagância excêntrica de gente com dinheiro em excesso. Mas as ideias de Underhill haviam alterado de forma substancial a exploração espacial e, por isso, aquele era um momento bem documentado da história. Certamente, cedo ou tarde, alguém iniciaria o mesmo processo de exploração que Underhill planejou e executou. Mas tudo começou bem mais cedo do que seria de se esperar. E, como Underhill relatava, por um motivo central bem mais mundano do que exploração. Ou mesmo lucros. Segurança e sobrevivência, por suas palavras. Não de toda a humanidade, que, na época, precisava de planos de sobrevivência. Apenas para familiares e amigos. Mas, ainda assim, segurança e sobrevivência.

Não que exploração e lucros não tivessem acontecido, claro, acrescentando incontáveis recursos à fortuna de Underhill. De fato, passadas algumas décadas, a família Underhill fora considerada a mais rica família humana do sistema. E a sua influência na história e na política lunares não pode ser subestimada. Mas, nos dias daquelas gravações, tudo isso ainda estava no futuro. Underhill era apenas mais um caso de bilionários usando suas fortunas para escapar de um planeta problemático, deixando o resto das pessoas para trás em busca de um refúgio para si e para sua família. E não havia como prever que aqueles planos completamente opostos ao espírito da corrida espacial levariam a uma história espacial de sucesso.

“A ideia de ir para algum lugar distante, onde houvesse segurança, é algo que me acompanhou desde jovem. Mas do que qualquer outra coisa, eu queria tranquilidade. Mas isso não é algo fácil de encontrar. Sem dúvida, eu cresci de forma bem mais segura e protegida do que praticamente todas as outras pessoas. Ainda assim, quando criança, passei dias de terror, quando de uma greve nas minas onde meu

pai era gerente. Eu estava no centro de comando da mina, tinha ido ao trabalho com meu pai, quando os trabalhadores tomaram o lugar, exigindo melhores condições de trabalho. Quando começou a revolta, meu pai mandou eu me esconder e o único lugar que eu achei, onde acabei entrando, foi um dos túneis. Andei lá dentro até achar um canto escuro. Não era bonito, não era confortável. Mas havia silêncio e paz.

Fiquei ali, pelo que me contaram depois, por quatro horas. No começo, é claro que eu estava com medo. Mas o frio que fazia fora não entrava ali. Eu estava na escuridão, ninguém podia me ver, mas uma luz mostrando o corredor servia tanto para eu não me sentir no escuro como para ver que ninguém estava vindo atrás de mim. Depois do susto de correr para aquele abrigo improvisado, o lugar me deu uma sensação de segurança. Eu podia esperar ali e nada aconteceria. Meu pai, que acabou no meio da revolta, foi levado a um hospital pela polícia, quando eles tomaram a mina de volta, onde levou vários pontos. Eu fiquei ali, sem ver nada do confronto. Os túneis me protegeram. Certamente, ganhei um apego a esse tipo de lugar naquele dia.”

Naquele momento da entrevista, Underhill realmente parecia uma criança assustada. Mas a impressão não durou mais que uma fração de segundo, até a narrativa continuar. O quanto daquela história havia acontecido mesmo e o quanto surgiu como uma criação de seu mito, que Underhill sempre negou criar, é algo que historiadores debatem até hoje. Sabemos que as greves foram reais, mas nada sobre o que aconteceu com Underhill.

“Não tenho dúvidas de que aquele dia foi fundamental para mim. Eu passei a viver com medo, sempre querendo encontrar formas de poder simplesmente ficar em paz. Mas, na Terra daquela época, essa não era uma possibilidade. Restava viver minha vida, fazer minha parte e esperar que eu encontrasse um caminho. Já vi gente descrevendo minha vida como sendo um esforço heroico começado naquele momento. Não foi nada disso. Claro, eu fiz o que pude para me livrar daquele lugar, de toda aquela gente assustadora. Para ter minha segurança e ga-

rantir o sossego de minha família. Dei sorte de estar no lugar certo na hora certa. O que aquele dia na mina realmente definiu para mim foi o que eu estudaria mais tarde.

Aquele sentido de segurança me fez gostar das minas. Quanto mais fundo você vai, mais longe fica das pessoas. Ou da maioria delas. Ache uma sala longe de qualquer exploração e você, se for como eu, vai entender. Há um silêncio tranquilo, reconfortante. Apague as luzes e você está fora desse mundo, num lugar sem imagens, sem sons. Sem pessoas. Longe dos perigos, das revoltas, das multidões fora de controle. Longe de problemas.

Mas, claro, isso não é verdade em nenhuma mina em atividade. O barulho e os cheiros se acumulam, a paz vai embora. Nos corredores e poços em exploração, não dá sequer para conversar direito. Mesmo assim, mesmo com o barulho de escavação, eu sempre consegui me acalmar no fundo da Terra. Bastava achar algum velho corredor abandonado. Abandonado de vez ou temporariamente, não importava, desde que ninguém estivesse usando o lugar. Ali, mesmo quando a mina tinha explosões distantes interrompendo o silêncio, mesmo sentindo o chão vibrar um pouco, eu sempre lembrava do meu refúgio. E conseguia acalmar. Há uma beleza no fundo de um túnel vazio, rocha por toda parte, que a maioria das pessoas parece não perceber.

Na verdade, o que eu sentia ali nunca foi realmente uma lembrança. Era uma fantasia, um presságio. Fundo em um túnel, longe de todos, eu sempre penso no dia que me escondi, sim. Mas, depois disso, começo a fazer planos. Começo a imaginar ir mais fundo, abrir novos túneis, construir salões, corredores e depósitos, lugares onde uma criança possa se esconder facilmente. E explorar, sem fim. Cavar, colocar portas e paredes e continuar, sem nunca parar.

E foi fazendo esses planos, dizem as histórias, que eu decidi meu caminho. Eu queria duas coisas. Visitar minas e sossego. Realmente, gosto de contar essa história dizendo que foi tudo consciente. Fica mais bonito, soa como se eu tivesse completo controle do meu futuro, como se eu soubesse o que faria. Tudo traçado, planejado, uma mente absoluta-

mente brilhante, capaz de enxergar como eu usaria tecnologias que nem tinha inventado mais de uma década antes de criá-las. É uma bonita história de propaganda, sem dúvida. Se eu ainda tivesse a preocupação de ganhar mais dinheiro, atrair novos acionistas e investidores, eu certamente continuaria a contá-la. Todos gostam dessas histórias heroicas. Preferem investir em quem sabe o que vai acontecer, confiar em quem já teve sorte. Quem melhor para se seguir e investir do que alguém que já teve um enorme sucesso antes, certo? Mas, de verdade, pode ter sido coincidência. Quanto mais eu penso a respeito, agora que posso relaxar e me acalmar e trabalhar minhas memórias, mais eu me convenço disso. Eu tinha as habilidades mínimas, claro. Mas dei a sorte de trabalhar no problema certo no momento certo da história e encontrar exatamente as pessoas que me trouxeram aqui. Isso, mais as minhas doideiras pessoais. E, aqui estou.

Mas vocês não querem saber sobre o que eu sentia ou sinto, claro. Estão aqui para ouvir sobre aquele começo, eu sei. Vamos ver. Eu fui me interessando por máquinas, por robôs industriais. Muito do trabalho na mina de meu pai, onde ele trabalhava, já era automatizado. E, depois daquele dia, eu comecei a gostar ainda mais das máquinas. Onde elas estavam, tinha menos gente. Às vezes, um operador, mais alguém checando que tudo corria bem. Mas nenhuma multidão que pudesse marchar e ameaçar ninguém. As máquinas fazem o que a gente manda. Eu sempre gostei delas. Foi o que decidi aprender, como construir robôs de todos os tipos. Montar, programar, fui estudando como construí-los. E, como eu cresci no meio das minas, os amigos de meu pai me deixavam ver suas máquinas, estudar como funcionavam. Foi juntando tudo que criei as primeiras UMAs, unidades de mineração autônoma.

A ideia era só automatizar as minas normais que eu conhecia, eliminando as pessoas que trabalhavam lá. Tudo mais eficiente, mais seguro, sem acidentes, sem revoltas. E, de fato, eu logo tinha investidores, uma fábrica. Dois anos depois, UMAs eram vendidas para mineração em todos os cantos do mundo. Mas eu nem mesmo pensava se elas seriam eficien-

tes em explorações no espaço. Sequer imaginava essa possibilidade. Mas, de fato, o projeto não utilizou em nada a gravidade para o funcionamento das UMAs, exceto para seu deslocamento. E o sistema de localização e direcionamento que eu introduzi funcionava perfeitamente bem mesmo sem GPS. No fundo de muitas minas, com centenas de metros de rocha ou mais até a superfície, em lugares que acabaram de ser criados, não dá para contar com qualquer acesso externo. As UMAs tinham de ser autônomas em todas as suas decisões, capazes de entender o seu ambiente, de estimar a estabilidade de túneis, saber quando cavar e quando reforçar paredes. E o módulo de energia também não precisava de atmosfera. No fundo de minas, onde pode se achar bolsões de gases, contar com a composição da atmosfera não é uma solução geral. E eu queria um equipamento que pudesse continuar a cavar e fazer seu trabalho, não importa o que descobrisse nas suas explorações. Como não dava para contar com as comodidades da superfície, acabei planejando algo de utilidade geral.

Alguns ajustes para ambientes extraterrestres eram necessários, claro. A gravidade nos demais corpos rochosos do Sistema Solar é menor que na Terra. O que parece não ser um problema para estabilidade de estruturas, as paredes não vão quebrar com menos peso acima delas. Mas pode ser mais fácil deslizar, os materiais são outros, ajustes de movimento eram necessários. Não bastaria pegar uma UMA, levar até um asteroide e colocá-la para trabalhar. Algumas coisas exigiam apenas completar os bancos de dados dos robôs com informação adicional. Mas, como em qualquer aplicação nova, uma adaptação completa a sistemas tão diferentes quanto o espaço exigiria vários pequenos ajustes. E eu era a pessoa que havia criado as UMAs. Já tinha minha empresa, estava fazendo bastante dinheiro. Mas, em mineração, a fronteira espacial estava começando a competir, aos poucos, com as minas terrestres. Foi assim que recebi o convite para ir para o espaço.”

Nesse ponto do vídeo, Underhill faz uma longa pausa, respirando. Se foi um artifício dramático para dar mais ênfase à mudança que seria relatada a seguir é difícil dizer. Mas, dentro da história, como ali

descrita, a pausa, de fato, fazia sentido.

-oOo-

“Eu sempre sonhei em me enfiar em uma mina e não voltar. E estavam me convidando exatamente para o oposto. Entrar em um foguete e ir para o meio do nada. Uma parede de metal ao meu redor e depois disso, em vez de rocha sólida, não. Apenas o vazio. Nenhuma proteção. Nada. Nem beleza, as estrelas estão distantes demais, nem segurança. Um vazio, capaz de esmagar o espírito de qualquer um, querendo encontrar apenas um pequeno buraco para entrar. O nada, querendo sugar minha vontade e meu ser. O único motivo pelo qual eu me segurei e não xinguei, negando a oferta no mesmo momento, foi o valor que estavam oferecendo. Sim, eu tinha muito dinheiro, mas aquela oferta, no longo prazo, ia além de qualquer coisa que eu sonhara. Talvez, pensei, pudesse coordenar tudo da Terra, enviar meus conhecimentos, treinar alguém.

Mas o grupo de clientes e investidores era bem claro. Eles queriam compras UMAs, sim. Mas aquela oferta exigia que eu fosse pessoalmente instalar e ajustar as primeiras unidades, um mínimo de um ano, podendo se exigir até dois anos fora da Terra, até que meus robôs estivessem plenamente funcionais, todos os problemas resolvidos. Perfeitamente adaptados ao vácuo e a gravidades fracas. Se, nesse tempo, eu treinasse pessoas fora da Terra para continuar os ajustes, eu poderia retornar e voltar às minhas minas. Mas eles faziam questão que fosse eu, confiavam em meus talentos.

Foi uma semana difícil, lembro bem. Algumas negociações, não muitas, mandei mais perguntas do que fiz exigências. Nos primeiros dois dias, eu não queria ir de jeito nenhum. Mas, com dois filhos, comecei a me perguntar o quanto todo aquele dinheiro não poderia me ajudar a comprar o lugar ideal onde nós poderíamos ficar seguros. Se eu ficasse dois anos fora, enfrentasse meus medos e a vontade de me aprofundar em minas, poderia garantir que eu compraria o lugar ideal.

No terceiro dia, eu abandonei o resto do trabalho. Pesquisa para novo projeto, eu disse. E comecei

a estudar o problema. Não dos ajustes necessários nas UMAs. Para esses, eu precisaria de mais especificações técnicas. Estudei o que seria esse lugar ideal para viver e quanto me custaria para comprar ou construir algo. Como era ainda uma fantasia, me permiti imaginar tudo o que eu queria. Certamente seria algum tipo de construção bastante sólida, cobrindo a entrada para algum tipo de mina. Construir o abrigo subterrâneo, para mim, seria trivial, claro. O que eu colocaria ali, podia pensar mais tarde. O que me fez me concentrar na pergunta mais difícil de responder. Onde seria esse lugar ideal, onde eu podia ter mais tranquilidade quanto às menores chances de surpresas no futuro.

Parte dessa resposta, acho que qualquer um que tenha parado um momento para pensar a respeito saberia responder. Muito perto do mar não funciona. Os oceanos já subiram muito de nível. É verdade que não há quase mais gelo para derreter e elevar ainda mais os níveis. Mas as tempestades, furacões, tufões, escolha o oceano e você só escolhe o nome. Fundos de vales também não são ideais. Cavar uma mina em uma área de inundação exigiria um ambiente completamente selado para evitar que toda a estrutura seja tomada pela água. O que é perfeitamente possível se o objetivo for manter o investimento nos robôs e nos operadores seguro. Para minha família, eu queria também eliminar, tanto quanto possível, a chance de acidentes destruírem os sistemas de segurança. Se era para eu ir para o espaço, pagar um preço tão grande, o dinheiro ia ter que me comprar mais do que uma solução muito boa. Teria de me comprar a perfeição. Áreas de inundação, por tempestades, enchentes de rios ou mesmo tsunamis vindos do outro lado do oceano não eram a resposta.

Idealmente, o lugar deveria ser em alguma grande ilha também. Algum canto do planeta que não pudesse ser facilmente invadido por milhões de imigrantes deslocados por mais um país que a crise climática levou à fome. Lidar com esse tipo de pressão na porta de casa nunca foi uma perspectiva boa. Lembrava demais o dia que eu tinha me escondido. Podia, claro, cavar o quanto possível e fechar os ní-

veis superiores em uma emergência. Mas, já que eu estava escolhendo, um lugar longe das rotas de refugiados e onde pudesse sobreviver razoavelmente bem a futuras crises era o que eu procurava. Eu queria cavar fundo, mas queria que isso fosse uma escolha. Que eu não tivesse de me preocupar em ir ainda mais fundo, em lidar com o calor crescente da Terra. Um lugar definitivo. E perto demais da superfície, havia pessoas. Longe demais, magma.

Lugares definitivos não existem. Um lugar para durar alguns séculos, isso pode ser possível. Pense em manter sua família segura por milênios e tudo complica. A Terra se move. Os efeitos de um terremoto em uma escavação podem ser devastadores. Dá para reforçar tudo, mas eu tinha de procurar um lugar com poucos terremotos também. Conforme a lista de desejos aumentava, eu percebi que talvez o lugar ideal não existisse na face da Terra e eu teria que me contentar com esse fato. Até uma semana antes, afinal, nunca considerara a construção de meus túneis de fantasia a sério. Como sempre, teria de aceitar o ótimo e desistir do perfeito.

Se eu me preocupasse com o conteúdo dramático dessa gravação, faria uma longa pausa na minha menção à face da Terra. Mas seria um exagero. Quem quer que possa vir a ter algum interesse em assistir essa breve explicação vai saber quem eu sou. Ou fui. Mas, sim, estava ali a ideia central. Eu tinha um convite para ir para fora da Terra. Se não havia lugar ideal na face da Terra, eu podia agora expandir minhas buscas. Se eu aceitasse a proposta, teria recursos para isso.

Pensar em um lugar seguro e considerar ir embora da Terra não é algo que pareça fazer sentido. A radiação em qualquer viagem espacial mais longa é um problema bastante sério e não é nenhuma coincidência que tratamentos para radiação e prevenção de câncer são uma das primeiras exigências em qualquer centro médico fora da Terra. Micrometeoritos são um perigo constante fora de atmosferas. E lugares com atmosfera são poucos. Há Marte, mas a atmosfera ali não é densa o bastante para a vida ao ar livre. Vênus é um inferno, morar em balões definitivamente não é o que eu gostaria. E qualquer coi-

sa mais distante poderia vir a ser uma possibilidade para meus filhos, mas não para mim. Asteroides são excelentes lugares para minhas máquinas trabalharem. Mas eu não ia querer viver em uma rocha pequena, onde não seria possível cavar fundo o bastante para bloquear quaisquer problemas de colisão com rochas menores. Claro, existem uns poucos que são maiores. Mas, se é para ir para um enorme planeta deserto e sem atmosfera, viajar para longe não fazia nenhum sentido. O melhor destino estava logo ali. Mais do que isso, o contrato exigia que eu passasse algum tempo na Lua.

E, quanto mais eu pensava, mais claro tudo ficava. Viver na superfície da Lua, claro, não faria sentido. Sim, as bases lunares todas eram construídas com partes na superfície, mas isso não me interessava. Como disse, radiação, falta de atmosfera, descompressão súbita, meteoritos, aquilo não é um lugar para eu proteger a mim e à minha família. Mas meus planos na Terra já eram cavar um buraco, com túneis e salões e minas. Cavando fundo o bastante, com vários níveis de portas de segurança, o contato com os problemas do exterior sumiriam. Radiação era algo seguro atrás de poucos metros de rocha. Isso não era nenhuma novidade. Rochas já eram usadas para proteger os habitantes das bases da época. Meteoritos vinham com uma velocidade assustadora, mas a maioria também podia ser detida por alguns sólidos metros de proteção. Transforme em algumas centenas de metros e apenas asteroides muito grandes se tornam um problema. Como também seria na Terra, contra tais monstros, uma atmosfera é algo inútil mesmo. Um teto de quilômetros de espessura era o que eu precisava.

Na Lua, eu poderia programar algumas UMAs para cavar, preparando um nível superior normal para os padrões da época. Uma profundidade de dez ou vinte metros. E, uma vez que esse abrigo provisório estivesse pronto, as UMAs começariam os túneis mais profundos, cavar e colocar paredes e suportes para a verdadeira habitação. Na Lua, com uma gravidade menor, a maldição dos astronautas, que vão para o espaço para estar entre as estrelas e passam a vida vendo apenas paredes de metal, não seria um

problema. Amplos salões com tetos altos, onde eu poderia até mesmo ter árvores, seriam muito mais fáceis de construir. Com as lâmpadas certas e um pouco de paisagismo, eu poderia viver no meu buraco fundo no chão e ainda passear em meio a um bosque controlado. Sem nenhum tipo de perigo, humano ou animal. Mais do que isso, sem, nem mesmo, desastres naturais. Furacões, tsunamis, inundações, nada disso existe na Lua. Nem mesmo vulcões ou placas tectônicas ou ameaças vindas de dentro do planeta. Na verdade, ao contrário da Terra, na Lua, eu poderia começar a explorar cada vez mais fundo, ir muito além do possível na Terra, onde a crosta tem apenas alguns quilômetros e logo abaixo, tudo fica quente demais. Meu sonho de explorar mais e mais fundo, ali, era perfeitamente possível.

Restava garantir os termos certos para meus planos. Logo percebi que não eram apenas as companhias de mineração espacial que estavam interessadas nas UMAs. As primeiras autoridades lunares, com quem conversei nas semanas seguintes, logo perceberam o potencial das UMAs tanto para criar habitações sólidas perto da superfície, onde todos queriam morar, como também o quanto elas podiam gerar de recursos de mineração. Eu, é claro, nada mencionei sobre a profundidade de meus planos, sobre habitar o interior profundo da Lua. Era inevitável que as pessoas viessem a fazê-lo, com o tempo. Quando a exploração do espaço interno começasse, eu planejava já ter avançado e garantido o meu reino.

Negocieei alguns terrenos para construir uma mina para mim, sem contar a ninguém tudo o que eu planejava. Mas, em um deles, eu incluí o direito ao subsolo. Ali, eu disse, construiria a fábrica dos novos UMAs e um centro de pesquisa. No final, consegui garantir a propriedade de um trecho de um quilômetro quadrado na superfície. Um quadrado, um quilômetro por um quilômetro. Espaço mais que suficiente para a fábrica, os depósitos. Mais alguns escritórios, alojamentos. Mas o que eu queria mesmo, e por isso tive a ideia de ter um centro de pesquisa, era o direito às profundezas. Eu expliquei que criar UMAs para o interior da Lua e ajustá-las com per-

feição exigiria testes e mais testes. Uma área onde as UMAs pudessem escavar com segurança, mais para desenvolvimento de tecnologia do que para mineração. A empresa participaria da mineração em outros lugares. Ali, cavaríamos, sim e até poderíamos tirar algum minério, se algo interessante aparecesse. Mas o objetivo era outro.

Depois de alguns encontros, acertamos termos que eu podia aceitar. Eu tinha o direito de explorar tudo sob o meu terreno até a profundidade que as UMAs pudessem atingir com segurança. O contrato tinha cláusulas de segurança para evitar desabamentos, claro, mas isso era algo irrelevante. Eu estava construindo minha casa, a segurança e solidez da estrutura seriam muito mais rígidas do que as de quaisquer outras minas já existentes. Onde o contrato exigia paredes de tamanho um, eu as deixaria de tamanho cinco. Ou dez. Eu queria um lugar que, eventualmente, fosse fundo e seguro o bastante para sobreviver a um asteroide. Mas, a melhor parte foi garantir as profundezas. A partir de cem metros de profundidade, meus direitos de exploração e uso cresciam, do quadrado de um quilômetro de lado para um círculo bem maior, com dez quilômetros de raio, com minha propriedade de superfície no centro da área. E meus direitos se estendiam para baixo, tão fundo quanto as UMAs que viéssemos a produzir conseguissem descer com segurança. Meu trabalho tinha me comprado um cone da Lua, com o vértice no centro do satélite. O resto era apenas preparar o lugar, planejar a mudança e, aos poucos, construir um abrigo profundo, feito para resistir e proteger minha família não por milhares, mas talvez por milhões de anos e mais.”

-oOo-

O tal resto, o que veio depois e não é dito nessa entrevista, é provavelmente bem conhecido de todos, mas não custa lembrarmos, para um registro resumido e completo. Underhill assinou o contrato que queria e se mudou para a Lua dois meses depois da assinatura. Nos dois primeiros anos, morou em uma base normal, trazendo UMAs da Terra que logo estavam explorando e cavando em vários pontos da Lua. A construção do centro de pesquisa começou

em menos de um ano e Underhill mudou-se para lá assim que o segundo salão subterrâneo foi escavado e reforçado. O salão, medindo quarenta metros por dez, hoje é um centro de recepção de convidados. Era, na época, um espaço quase totalmente vazio, a exceção da parede de reforço que cortava o meio de seu comprimento. Escavado a cerca de vinte e cinco metros de profundidade, claramente serviu como uma primeira mina de abrigo de Underhill.

Imagens da época mostram o módulo de sobrevivência que havia sido desmontado e levado para dentro daquele salão. O módulo era um nível de segurança a mais, a casa de Underhill, montado na metade norte do salão. Mesmo que primitivo comparado a todas as proteções que sabemos existir hoje no local, o sistema de segurança existente quando Underhill mudou-se para seu buraco, com todas as suas portas e barreiras, seria considerado excelente pela maioria dos moradores da Lua ainda hoje. Arcaico, mas completamente seguro e funcional.

Na superfície, a entrada principal ficava na base de uma parede de pedra, com uma gigantesca porta de metal que poderia ser fechada em caso de necessidade. Dentro da parede de pedra, um edifício padrão, sete andares bem equipados, recebia os visitantes. O edifício em si já era perfeitamente habitável pelas normas lunares da época. Comportas de ar duplas na entrada levavam a uma sala de lim-peza onde todo equipamento externo era meticulosamente higienizado. Nenhum grão de rególito, a cortante poeira da Lua, podia entrar no edifício. Um corredor, bloqueado por mais uma comporta de ar, levava ao elevador do edifício e também conduzia ao centro de pesquisa propriamente dito, cerca de dez metros abaixo da superfície lunar. Ou, mais exatamente, ao espaço que viria a abrigar os escritórios dos cientistas do centro de pesquisa. Naquele começo, quando Underhill se mudou para o módulo de sobrevivência, expansões ainda estavam sendo planejadas e quase nada existia ali. A maioria do equipamento estava sendo construído na Terra. E o ruído de UMAs escavando túneis teria dificultado o trabalho da maioria dos pesquisadores.

A atmosfera no edifício de entrada era pressuri-

zada no equivalente a uma altitude de três mil metros na Terra, para diminuir o contraste com o vácuo externo, tanto para minimizar a força que as paredes tinham de tolerar como para minimizar a descompressão em caso de algum acidente. Hoje, depois de muitas reclamações de visitantes e trabalhadores, a pressão equivale a dois mil metros. Mas, mesmo então, a pressão no primeiro salão já era maior, chegando à pressão do nível do mar apenas dentro do módulo de segurança.

O centro de pesquisa foi construído com uma segunda entrada independente, um túnel largo que seguia até o fim do terreno, com uma série de portas, que poderia ser utilizado em situações de emergência. Da mesma forma, o salão que foi a primeira habitação de Underhill também tinha escadas de acesso para uso em situações não previstas. Com o tempo, terceiras rotas foram criadas tanto para o centro de pesquisa, próximo à superfície, como para descer para o começo do reino de Underhill. Se esse esquema de três rotas foi mantido para os níveis mais baixos, não se sabe. Ainda assim, exceto em situações de necessidade, apenas um caminho é utilizado para as atividades normais do centro e contatos com os níveis inferiores. Os demais caminhos estão sempre trancados, exceto quando de sua inspeção anual. E, mesmo no acesso considerado aberto, todas as portas são matidas sempre fechadas, ainda que não trancadas. Como se diz desde o começo, “todos os caminhos ao reino de Underhill são proibidos.”

Se o esquema de rotas alternativas permanece, é uma das muitas dúvidas sobre as profundezas. Há quem defenda que, tendo eliminado a necessidade de contatos frequentes com a superfície, Underhill pode ter alterado o esquema para apenas um caminho entre cada nível mais e mais profundo. Seria uma forma de minimizar o contato e os riscos. E, havendo necessidade de se escapar, estima-se que várias, possivelmente ao redor de vinte UMAs perfeitamente operacionais e modernizadas ainda existam nas profundezas, escavando. Em um eventual acidente, esses robôs poderiam facilmente ser utilizados para criar rotas de fuga através da rocha.

-oOo-

Tendo se instalado no subterrâneo, sabemos que os trabalhos de expansão e de adaptação das novas áreas que estavam sendo abertas para os desígnios de Underhill logo começaram. A lista de equipamentos levados para o interior do centro de pesquisa e que sumiram ali, certamente levados para os túneis abaixo é extensa e mostra uma preocupação com a construção de um mundo isolado. De árvores e robôs agrícolas a móveis, máquinas industriais para todo o tipo de equipamento, computadores, equipamento médico avançado, ao longo dos anos seguintes, Underhill foi povoando seus túneis com todas as comodidades e necessidades que uma comunidade pudesse precisar ou querer. Dois anos depois de sua mudança para os túneis, seus filhos e alguns familiares haviam se mudado para as instalações na Lua, assim como poucos amigos de confiança com suas famílias. A primeira arca de preservação lunar estava criada, seus habitantes instalados.

Ao longo da década seguinte, Underhill ainda convidaria outras pessoas para se juntar ao grupo. Candidatos à segurança dos túneis eram inicialmente contratados e avaliados por anos antes da aprovação. Os critérios para serem aceitos nunca foram divulgados mas uma análise simples da lista de pessoas que foram convidadas a morar nos túneis mostra que era necessário uma combinação de competência e comportamento ético aceitável para que as portas do reino se abrissem. Cerca de cem pessoas formaram a comunidade inicial, com profissionais de todas as áreas necessárias a uma pequena civilização subterrânea. Enquanto naves geracionais eram construídas em órbita, com minérios retirados de asteroides pelas UMAs, uma nave geracional ainda maior, uma arca com enorme espaço interno e possibilidade de expansão quase ilimitada já existia na Lua.

A ideia da arca, como sabemos, foi mais tarde adotada por várias instituições e apoiada pelo governo lunar. Underhill permitiu às principais autoridades um passeio a níveis não abertos para o público. Visita de onde eles voltaram maravilhados com a segurança e as possibilidades. O projeto que viria a ser

conhecido como Grande Lua, quando a Lua decidiu que poderia abrigar uma população no mínimo tão grande quanto a da Terra em seu interior, começou ali, nas primeiras expansões para o espaço interno da Lua. Os líderes e cientistas saíram daquele encontro com várias ideias. Projetos de conservação para as espécies em perigo da Terra poderiam existir a grandes profundidades, o espaço dentro de um corpo como a Lua era incrivelmente maior do que o que havia sobre a superfície da Terra. Mesmo com todos os cuidados para se manter estruturas com paredes e colunas reforçadas o suficiente para resistirem até a tremores causados por impactos de asteroides.

Nem todos os detalhes do que essas autoridades viram durante a visita foram divulgados. Em especial, um mapa oficial completo dos túneis que existiam na época não existe, por um acordo prévio à visita. Versões clandestinas existem, mas há contradições claras entre elas o que nos leva a crer que, na melhor das hipóteses, foram traçadas de memória, com as inevitáveis imprecisões que isso causa. Muito provavelmente, algumas versões foram criadas falsas, a pedido de Underhill. Outras dúvidas históricas sobre essa visita incluem a questão, denunciada já na época, sobre o possível pagamento de propina que Underhill teria feito às autoridades para que suas UMAs fossem utilizados em todos os projetos de escavação na Lua. Essa história nunca foi apurada até o fim, por falta de provas, se vamos acreditar nas autoridades de então. No debate atual, há quem diga que não há provas por não ter acontecido e quem diga que Underhill havia se tornado tão importante que as provas jamais surgiriam. O que se sabe é que as UMAs certamente funcionavam de forma eficiente. Tanto que foram vendidas em grandes números também para projetos de mineração em outros planetas e asteroides, onde a venda de UMAs enfrentou forte concorrência de outras indústrias. Mas, na Lua, o completo monopólio das indústrias Underhill sempre foi evidência de que a qualidade das UMAs não foi o único fator.

É claro, no entanto, tanto para apoiadores quanto para detratores, que a influência de Underhill no desenvolvimento da Lua é inegável. Os bilhões de

pessoas e animais que vivem nas profundezas das rochas lunares hoje foram uma sequência natural da criação daquela primeira arca. A ideia provavelmente teria surgido naturalmente, quando as pessoas percebessem que podiam criar abrigos extremamente seguros naqueles interiores. Mas Underhill desembarcou na Lua com um plano completo, acelerando essa evolução. Sistemas semelhantes existem hoje em vários lugares do Sistema Solar. Mas a presença de humanos, na sua forma original, devido à proximidade da Terra e pelas leis de conservação lunares, é incomparavelmente maior na Lua.

-oOo-

Graças a esses esforços e à sua influência, além de um contrato inicial muito bem estabelecido, o interior concedido à Underhill continua intocado até hoje. O centro de pesquisas próximo à superfície ainda é operacional, mas sem a mesma importância nos avanços tecnológicos recentes. Ainda assim, o nome continua tendo sua importância histórica e a curiosidade sobre como o grupo de pessoas e máquinas que existem no interior evoluíram permanece. O que sabemos é que, durante as primeiras décadas, a troca de informações e mercadorias foi intensa. Minérios eram retirados e trazidos à superfície, incluindo vários tipos identificados pela primeira vez naquelas instalações. Os cientistas do centro de pesquisa descobriram formas eficientes e mais baratas de extrair ar e água das profundezas, acelerando significativamente o processo de colonização da Lua. E, assim como saíam dali todo tipo de materiais, o centro e os ambientes interiores também compravam muito, em especial, coisas da Terra e maquinário. Novos equipamentos chegavam a toda hora para os projetos de expansão dos túneis.

Mas pouquíssimas pessoas tinham autorização para descer além do primeiro nível abaixo do centro de pesquisa, onde a maior parte do contato entre habitantes e as pessoas de fora acontecia. Depois de dez anos, aquele primeiro nível, ampliado, tornou-se um agitado centro comercial e de informações. A ponto de que uma das primeiras estradas sub-lunares construídas foi o trajeto que liga até hoje o centro de pesquisa à Alphapolis. A vila de Underhill,

habitada principalmente por pesquisadores e pessoas que negociavam minérios, foi criada fora do terreno do centro, mas ainda acima do cone. Mas a impossibilidade de cavar para dentro da Lua, devido aos contratos de exclusividade, impediram a vila de crescer da mesma forma que as cidades em outros locais. Um pequeno morro foi criado como proteção sobre a vila, após negociações com Underhill, utilizando pedras retiradas do fundo sem grande valor comercial. No começo, por algumas décadas, a vila de Underhill foi um lugar que atraiu um pequeno mas relevante grupo de cientistas, engenheiros e até mesmo muitos artistas.

Descer ao segundo nível era um direito exclusivo dos cientistas do centro e das autoridades que visitavam o local. As instalações ali eram de tamanho menos imponente, mais íntimas em sua maior parte. Exceto pelo elevador de maquinário, o segundo nível não possuía e, até onde sabemos, não possui até hoje grandes áreas abertas, nem para formas biológicas, nem para equipamentos industriais. Ao invés disso, corredores e aposentos confortáveis. Há salas de reunião, lugares onde os locais podem encontrar visitantes com todas as comodidades da época em uma profundidade que Underhill já considerava segura. Com o topo do segundo nível a mais de cem metros abaixo da superfície, o nível também marca o começo da região de exploração estendida, onde a área da propriedade Underhill cresce. É a profundidade máxima dos tubos sensores. Os tubos se encontram espalhados sobre toda a região mais profunda e se estendem desde muito longe até os limites do topo do cone, garantindo que se alguém vier a fazer alguma escavação não autorizada, esta seja imediatamente detectada. Uma parede horizontal de proteção contra visitantes indesejados. Oficialmente, detectam impactos de meteoritos e, de fato, continuam a enviar informações sobre esses impactos às autoridades lunares até hoje.

O terceiro nível foi raramente visitado, restando a nós os relatos das autoridades naquela visita inicial assim como três cientistas que foram convidados ao lugar pelo interesse de Underhill em seus trabalhos. Mas os relatos são consistentes. Mais profundo que

o segundo nível, provavelmente uns trezentos metros ainda mais para o interior da Lua, há ali grandes domos onde a sensação inicial, exceto pelo peso diminuído, é de se estar de volta à Terra. Gramados, árvores, riachos e lagos, com casas confortáveis. E um céu com efeitos de ilusão ótica que fazem parecer que o teto não está ali. Apenas um eterno céu azul.

Algumas espécies de animais, todos dóceis, também existem ali. Uma espécie de paraíso, onde nenhuma espécie que seja realmente perigosa para pessoas foi introduzida. Mesmo os cachorros e gatos, que existem em relativa abundância, foram selecionados por suas personalidades sem nenhum traço de violência assim como pela falta de força de suas mordidas e de corte em seus dentes e garras. Aparentemente, todos animais, qualquer que seja a espécie, estão acostumados a seres humanos e domesticados.

Os domos são ligados por corredores e há instalações mais modernas nesses corredores. A extensão completa desses não era conhecida quando o último cientista a visitar o local voltou sem essa informação. Hoje, com a possibilidade de expansões ou mudanças, sabemos menos ainda. Apenas sabemos daquela visita oficial que, em um dos corredores, há acessos a pelo menos mais um nível abaixo, depois de mais uma descida através de cerca de outros trinta metros de rocha, estimados pela rapidez do elevador.


Quando da visita, as autoridades encontraram ali a moradia de Underhill e seu grupo. De um lado da praça central, as casas de cada família e comodidades como uma pequena escola e um ginásio. Do outro lado da praça, anteparos de proteção escondiam o trabalho de UMAs abrindo novas ruas que levariam a novos lugares. Esse nível também tinha túneis menores, o que explica as informações conflitantes sobre a descrição completa da estrutura. Mas o que todos os visitantes concordaram em seus relatos foi que viram muito poucas UMAs. O que significava que as unidades que todos haviam observado ser levadas para baixo a partir do primeiro nível estariam trabalhando em novos projetos de expansão. Em que nível e a que profundidade, não era possível

dizer. Um ruído de escavação distante nunca cessava, mas estimar a distância daquele som era impossível, de acordo com as descrições. Assim como não era possível saber quantas UMAs se dedicavam a mineração e quantas criavam túneis habitáveis.

O que sabemos é que, nas décadas seguintes, os contatos com Underhill ou um de seus representantes foram se tornando, aos poucos, mais raros. A agitação das primeiras três décadas foi diminuindo. Em parte porque projetos de exploração sub-lunar começaram a aparecer em outros lugares e o centro de pesquisa de mineração lunar deixou de ser único para ser apenas o primeiro. Mas os registros também mostram que as compras de equipamento e os convites a visitantes, mesmo para os níveis mais elevados, também começaram a diminuir. Nada que chamasse a atenção, animais, plantas e máquinas continuaram a chegar durante a quarta e quinta décadas após a implementação do centro. Minérios continuavam a sair, pagando todas as contas. Por dois séculos, a empresa de Underhill ainda foi a mais importante e rica empresa lunar. Mas, aos poucos, o fluxo de minérios se estabilizou no exigido pelos acordos e as novas compras cessaram. Os domínios de Underhill pararam de se comunicar, exceto por trocas de men-

sagens ocasionais sem muito conteúdo. A fundação, o centro de pesquisa, as fábricas externas, as minas em outros lugares, tudo isso ainda existe, claro. Mas é uma existência automática, a empresa se administra sem a palavra ou liderança de Underhill ou seus herdeiros.

-oOo-

Os domínios, hoje, são parte do folclore da Lua. Histórias de todos os tipos podem ser ouvidas. De contos de terror a batalhas com dragões, de histórias de uma linhagem animalizada e transformada em canibais, a relatos místicos de seres que se desprenderam da realidade mundana e transcenderam o nosso Universo. O que realmente acontece ali, não sabemos. Sensores sísmicos apenas nos dizem que as UMAs pouco cavam além do necessário para cumprir as obrigações de vendas. As escavações que ainda existem começam apenas a mais de mil quilômetros de profundidade. Na região intermediária, onde por muito tempo projetos de expansão foram detectados, nada. Apenas passos leves parecem ecoar na rocha. Passos que soam pacíficos. Mas ninguém viu quem os caminha. 



André C. R. Martins é físico e pesquisador na área de Sistemas Complexos, com especial interesse em questões sobre como opiniões são aceitas ou não e se propagam, modelos de racionalidade e evolucionários. E, mais recentemente, começou a se dedicar também a escrever contos.



O RETORNO

Agnelo Fedel

Naquele momento, o retorno à Cúpula das Famílias, construída sobre a Bacia do Polo Sul - Aitken, seria por demais cansativo. A gravidade baixa até ajudava um pouco, mas a distância e a atual situação... Poderia realizar o percurso em menos tempo, mas ainda não estava preparado. Fazia menos de cinco minutos que saíra do Centro de Transmissão, no qual sua antena permanecia “olhando” para a pequena esfera azul. O caminho entre o Transmissor e a Cúpula não duraria mais do que 50 ou 55 minutos, em marcha normal. No entanto, na minha situação atual, não conseguiria fazê-lo em menos de... duas horas. Às vezes parava e olhava, novamente, para a Grande Casa-Mãe, que girava lentamente naquele espaço vazio. Ela ainda estava lá! Porém...

Não havia muito tempo que os governos da Terra tinham chegado a um acordo, que há anos, talvez décadas, já era discutido e planejado por todo o planeta. As nações e seus governos haviam encerrado

suas diferenças, ou por vontade própria ou pelo receio e medo do que viria acontecer caso assim não agissem. O Planeta estava morrendo! Suas reservas naturais haviam se esgotado! Desde o Século XX e principalmente no início deste século, as nações e seus cientistas já sabiam das consequências do Efeito Estufa, da corrida industrial e financeira desenfreada e descontrolada que, por mais de 150 anos, estava matando a Grande Casa-Mãe e seus filhos. Não havia mais o que fazer... precisávamos deixar o planeta, antes dele nos expulsar de maneira mais trágica.

Sendo assim, ficou resolvido que iniciariamos a rápida colonização da Lua, para mais tarde nos dirigirmos à Marte. Em menos de dez anos, foram construídas algumas cúpulas habitáveis em nosso satélite. Porém, o tempo urgia e o relógio apontava para um fim sem igual da raça humana. O objetivo era enviar, inicialmente, vários cientistas, estadistas, professores e diversos profissionais necessários à estruturação, colonização e manutenção das cúpulas habitáveis. Depois, esse pessoal prepararia as esta-

ções de lançamento para Marte, onde já havíamos iniciado a construção de algumas cúpulas.

Eu fazia parte da primeira turma enviada à Lua. Nesse grupo, junto de mim e minha família, havia mais umas trinta famílias de cientistas, engenheiros e profissionais de construção lunar, além de alguns professores e biólogos. Estávamos preparando o terreno para a chegada de mais dois módulos lunares com mais outros tantos profissionais e suas famílias para iniciarmos as estações de lançamento para Marte. Estávamos esperançosos pelo trabalho!


Nosso planeta natal já se mostrava impetuoso com nossa terrível presença nele. Maremotos, terremotos, pandemias, pestes naturais e outros diversos desastres já estavam ocorrendo há anos, em escala cada vez maior e em menor tempo, como se fosse uma febre procurando expulsar um vírus maldito, neste caso... nós, os humanos!

Aguardávamos outros dois módulos que, além das famílias, trariam o restante do material e mantimentos necessários para a condução de nosso objetivo. Material esse extremamente sensível e importante.

Enquanto pensava nisso tudo, caminhava lentamente pelo solo lunar, imaginando nos mais de 380 mil quilômetros que distanciavam nós e nossos irmãos terrenos. Ainda lembrava da alegria junto à aflição quando fomos indicados para essa missão.

Eu era o responsável administrativo desta primeira turma lunar. Durante este meu retorno à primeira Cúpula das Famílias, de quando em quando, olhava para trás, observando nosso planeta azul e percebia algumas nuances e pontos cinzas crescendo.

Agora me sentia triste, desanimado e aflito. Acabara de deixar o Centro de Transmissão (um módulo construído para enviar e receber informações sobre o que ocorria na Terra, tal como o horário de saída das duas naves com os novos módulos) e retornava cabisbaixo, ora me sentindo febril, ora sentindo calafrios. Porém, como responsável técnico e administrativo da Primeira Turma Lunar precisava retornar à Cúpula das Famílias que, a partir daquele momento, se tornaria a única cúpula lunar a existir.

Durante esse meu retorno precisava pensar em como dar a triste notícia de que, a base de lançamento para a Lua, assim como os dois módulos necessários para a continuidade de nossa existência, já não mais existia. Uma série de terremotos e maremotos em escala mundial havia atingido nossa base na Terra, assim como a maior parte do planeta. Não haveria mais Missão de salvamento da raça humana... a Lua estava destinada a ser colonizada com o pouco de famílias, profissionais e mantimentos que tínhamos, e que, pelos meus cálculos, durariam não mais do que alguns meses. Nesse momento, comecei a rezar! 



Agnelo Fedel é um paulistano de 56 anos, jornalista e professor universitário especializado em produtos da Indústria Cultural de Massa, por isso um aficionado por Histórias em Quadrinhos, Cinema e, é claro, Ficção Científica, sendo um fã e leitor acirrado de Isaac Asimov, Ray Bradbury e Robert Silverberg.



PALEONTÓLOGO SELENITA

Gerson Lodi-Ribeiro

Jamais haverá trabalho para paleontólogos de verdade na Lua.

Vocês não imaginam quantas vezes ouvi essa maldita ladainha durante minha graduação em paleontologia. Tantas que corri risco severo de acreditar no vaticínio. Por isto, é com ligeiro sabor de vingança que, embora seja um selenita de quarta geração, anuncio em *avant-première* que estou prestes a me tornar o paleontólogo mais conhecido do Sistema Solar.

Tudo bem, eu explico. Certo, desde o começo.

Quando criança, meu grande sonho era estudar os fósseis daquelas criaturas estranhas que habita-

vam tanto os memocristais de divulgação científica quanto os pântanos e as selvas de minha imaginação vigorosa. De uma certa maneira, realizei este sonho. Se tivesse nascido nos primórdios da colonização lunar, cerca de cento e tantos anos atrás, jamais teria conseguido concretizá-lo. Aqueles pioneiros duros não gozavam das benesses dos programas de ensino integrado que hoje abrangem todo o sistema Terra-Lua. Talvez lhes parecesse estranho saber que, residindo no conforto plácido de Aldrinville, tenha logrado me graduar em Paleontologia por Berkeley, Califórnia. Trezentos e oitenta e quatro mil quilômetros não representam tanto assim. Um segundo e pouco não é um intervalo de tempo grande o bastante a ponto de perturbar as interações da aprendizagem. Vocês sabem como é, no início os hologramas de alta resolução do orientador e dos colegas pareciam imbuídos de um tempo de reação demasiado longo, porém, não foi nada que uma pessoa normal não pudesse se acostumar dentro em uma hora ou duas.

Todos sabem que não existe trabalho de campo para paleontólogos sob a superfície lunar. Daí, se o paleontólogo em questão for incapaz de sobreviver mais que umas poucas semanas na Terra, essa inexistência de trabalho real pode acabar se revelando um bocado frustrante.

Contudo, apesar dessa limitação óbvia, consegui estabelecer uma reputação razoavelmente sólida perante a Sociedade Terrestre de Paleontologia. Várias das minhas análises teóricas foram publicadas nos melhores boletins paleontológicos. Estudos comparativos que elaborei ao longo dos últimos anos lograram elucidar um ou dois enigmas que intrigaram diversas gerações de paleontólogos, além de terem feito com que alguns de meus pares mais brilhantes exaurissem seus preciosos neurônios em vão.

Mesmo assim, devo confessar que, até bem pouco tempo, eu me considerava um paleontólogo de segunda classe. Porém, não havia nada a fazer. Como colono de quarta geração, não sou capaz de suportar os rigores da gravitação terrestre. Mesmo trajando uma armadura hidronutriente pressurizada, não conseguiria permanecer na Terra mais que uns pou-

cos dias e, ainda assim, sofreria um grande desconforto físico e psíquico durante toda a curta estada.

Em resumo, tudo levava a crer que as chances de um paleontólogo selenita realizar trabalho de campo não eram das mais promissoras.

Minhas expectativas sombrias começaram a mudar há coisa de seis meses. Na época fui “convocado” a prestar um serviço especial de consultoria científica para o Governo. Bem, “convocado” talvez seja o termo mais adequado. Pois, quando realmente julgamos necessário, os funcionários do Governo Conjunto das Colônias Lunares sabem como ser muito, muito persuasivos. Durante o processo de “convencimento” fui compelido a gravar um termo de compromisso para a manutenção de sigilo estrito e absoluto — felizmente já expirado.

Ante as circunstâncias, não os recrimino por terem agido daquela forma. Muito ao contrário.

Pouco antes daquela “convocação sigilosa”, uma equipe de construção do Governo, escavando a encosta interna de Archimedes, descobriu algo que parecia ser os vestígios de uma base científica abandonada.

Julgou-se a princípio que as instalações houvessem pertencido aos antigos governos russo ou norte-americano, construídas numa época anterior à Unificação. Isto mesmo que você está pensando: uma daquelas bases secretas tão comuns nos holodramas históricos de baixo orçamento. Contudo, até a ficção barata guarda um fundo de verdade, porque, em meados do século passado, antes da última guerra mundial na Terra, alguns governos nacionais terrestres de fato mandavam erigir bases militares secretas aqui em Luna e, sim, por incrível que pareça, os governantes daquela época atribuíam à necessidade de sigilo e a uma pretensa “segurança nacional” um valor ainda mais elevado que o assumido por nossos dirigentes atuais.

A justificativa do Governo Conjunto era evitar ferir as susceptibilidades norte-americanas ou russas. Embora decadentes, esses Estados-membros ainda são, talvez por razões históricas, bastante influentes dentro da Confederação Terrestre. Mais tarde, optei

por me manter rigorosamente fiel ao compromisso gravado. Mera questão de conveniência pessoal.

Logo no início das escavações o motivo real para a manutenção do sigilo caiu por terra. Mesmo assim, o aparato de segurança foi intensificado até níveis doentios. Uma equipe do Departamento de Arqueologia da Universidade Copernicus foi convocada às pressas. Seus membros eram tão teóricos quanto eu e, portanto, igualmente frustrados. Com menos de três horas de trabalho, os arqueólogos confirmaram para além de qualquer possibilidade de dúvida que as instalações não haviam sido concebidas por seres humanos. Ainda não conseguimos decifrar os registros escritos, impressos ou computacionais das criaturas. Àquela altura, no entanto, a equipe da Copernicus já havia obtido acesso a um punhado de hologramas bastante convincentes.

Hologramas e fósseis. Quando os arqueólogos descobriram os cadáveres, perfeitamente preservados pelo vácuo reinante no interior da base alienígena, sugeriram meu nome aos líderes da operação e esses decidiram me convocar.

Tremendos espécimes!

Criaturas bípedes, indubitavelmente sauriformes. Com uma altura média de dois metros e vinte centímetros, parecerão, ao olhar de um leigo desavisado, com um cruzamento de alossauro com avestruz, plumagem e tudo, embora pareçam ter evoluído a partir da família dos oviraptorossauros. Possuem, contudo, dentição diferenciada, uma característica dos seres onívoros sofisticados. As autópsias indicaram, pela análise de órgãos, tecidos e estrutura óssea, que se tratavam de criaturas homeotérmicas. Exatamente como o paleontólogo norte-americano Robert Bakker havia garantido que os dinossauros seriam quase dois séculos atrás.

Época aproximada da morte dos alienígenas (obtida através de datação radioativa): sessenta e quatro milhões, novecentos e cinquenta mil anos, com um erro máximo de cem mil anos.

Os representantes do Governo ficaram excitadíssimos. A primeira prova incontestável da existência de uma civilização alienígena fora encontrada não na

Terra, nas incipientes colônias marcianas, ou no espaço exterior, mas em plena Lua.

Doce ilusão.

Alienígenas, *ma no troppo*.

É odioso estar prestes a receber dezenas de honrarias e prêmios científicos, centenas de comendas e outras idiotices do gênero, por algo que a meu ver constitui o óbvio ululante. Tão óbvio que o meu maior receio, caso não divulgue a descoberta bem rápido, é ser suplantado pelo primeiro biólogo molecular curioso que se dê ao trabalho de analisar o material genético dos alienígenas.

Vou tentar esclarecer em termos leigos. Porém, para tanto, serei obrigado a uma breve digressão sobre os diferentes tipos de moléculas autoduplicantes.

Há oitenta e três anos, durante a segunda expedição tripulada a Marte, descobriu-se, fossilizadas sob um *permafrost*, as primeiras formas de vida alienígenas. Sabe-se hoje que as chamadas pseudobactérias de Taylor-Rayleigh, além de mais rudimentares que as formas de vida unicelular terrestres mais primitivas, armazenam suas informações genéticas em tayloramina, e não em ácido desoxirribonucleico.

Doze anos depois, uma sonda robotizada coletou vestígios de material orgânico num rochedo de poucas centenas de metros de extensão, perdido entre Júpiter e Saturno. Um foguete minúsculo lançado pela sonda enviou amostras das substâncias encontradas até a altura da órbita de Marte, onde foi resgatado três anos mais tarde. O material revelou se constituir numa mistura heterogênea de seres unicelulares procariotas; proteínas e outros nutrientes, tudo isso imerso em gelo aquoso. Como nenhum dos seres microscópicos possui sequer traços de DNA ou tayloramina, mas sim de uma terceira molécula autoduplicante, alguns estudiosos advogam que essas formas são os primeiros vestígios detectados de vida extrassolar.

Há cerca de dez anos, com o advento das técnicas do Cálculo Evolutivo Aplicado, Melkor Masters conseguiu provar a impossibilidade probabilística do surgimento de padrões genéticos baseados em

DNA terrígena em qualquer local que não a Terra primitiva. Pode-se afirmar, em termos estatísticos, que o DNA que caracteriza todas as formas biológicas terrígenas não surgiria novamente, mesmo na Terra pré-cambriana, ainda que pudéssemos regressar àquela época e repetir a experiência de Miller-Noldor vários quatrilhões de vezes. Só lograríamos obter alguns milhões de novos tipos de moléculas autoduplicantes, das quais dezenas de milhares seriam ácidos nucleicos, bastante semelhantes, mas não idênticos ao DNA terrígena.

Bem, o material genético dos alienígenas racionais encontrados em Archimedes baseia-se em DNA terrígena.

Eles evoluíram na Terra do Cretáceo. Não admira que possuam morfologia externa sauriforme: são sáurios coelurosauros autênticos.

Exato. A primeira base científica que os habitantes da Terra instalaram em seu satélite natural foi construída por dinossauros. A humanidade não foi a primeira civilização tecnológica a se desenvolver sobre a superfície terrestre. No entanto, não restaram artefatos, utensílios ou edificações dessa cultura que nos antecedeu por vários períodos geológicos. Tal ausência é plenamente compreensível. Sessenta e cinco milhões de anos é um intervalo de tempo considerável. Se os humanos se extinguissem da mesma maneira que esses pseudoalienígenas, dentro em uns poucos milhões de anos não existiriam quaisquer resquícios da passagem de nossa espécie pela Terra.

Na Lua os sinais de uma civilização não se degradam tão rápido. Resquícios desse tipo serão preservados por mais de um bilhão de anos.

Foi assim que as coisas se passaram. Ao que tudo indica, a base científica desses dinossauros racionais, à semelhança de nossas primeiras instalações lunares, não era inteiramente autossuficiente. Por isto, a queda do meteorito gigante na Terra do final do Cretáceo não desencadeou apenas a extinção de sua civilização e de sua espécie, porém, dentro em poucos anos, a morte dos próprios tripulantes da base. Não deve ter sido nada fácil para eles. Um fim

desprovido de qualquer esperança. Mal imagino o desalento que descortinaremos nas narrativas dessas criaturas, quando desvendarmos o conteúdo de seus registros.


Quem podia supor, uma cultura de dinossauros inteligentes.

Dinossauros astronautas, em seus trajes espaciais, iniciando a colonização lunar? Quantos dramas, surpresas e descobertas não nos aguardam nos registros computacionais que um dia traduziremos?

Como humano, não tenho do que reclamar. Perdemos a primazia, é claro. No entanto, graças à extinção dos dinossauros — racionais, inclusive — nós mamíferos pudemos ocupar seus nichos ecológicos vagos e evoluir.

O sigilo imposto pelo Governo Conjunto acabou

se tornando um trunfo e tanto. Porque garantirá o efeito bombástico do meu comunicado científico oficial. Trata-se realmente de uma das maiores descobertas da história da ciência e serei, de fato, a primeira pessoa a transmitir a história completa, declarando, textual e enfaticamente, que o *Selenosaurus sapiens* não constituiu uma forma alienígena. Confesso já estar em parte antegozando o efeito do comunicado. Afinal de contas, até mesmo o ego combalido de um paleontólogo selenita carece, por vezes, do reconhecimento de seus pares terrestres.

Além disso, os cento e oitenta e poucos mil créditos monetários de um Nobel de Biologia não me farão tanto mal assim. Contudo, nada disso importará tanto quanto a perspectiva de me tornar o precursor de uma nova área de pesquisa dentro das ciências biológicas: a Paleontologia Selenita. 



Graduado em engenharia eletrônica e astronomia pela UFRJ, **Gerson Lodi-Ribeiro** publicou dois contos na *Asimov's* brasileira: a FC hard "Alienígenas Mitológicos" e a história alternativa "A Ética da Traição", narrativa que introduziu esse subgênero da FC no fantástico lusófono. Criador do universo ficcional TAIKODOM. Organizador das antologias de FC&F *Phantastica Brasileira*; *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!*; *Erótica Fantástica 1*; *Vaporpunk*; *Dieselpunk*; *Solarpunk*, *Super-Heróis* e *Dinossauros*. Autor das coletâneas de ficção curta *Outras Histórias...*; *O Vampiro de Nova Holanda*; *Outros Brasis*; *Taikodom: Crônicas e As Melhores Histórias de Carla Cristina Pereira*, dos livros de não ficção *Vita Vinum Est! História do Vinho no Mundo Romano* e *Cenários de História Alternativa*, e dos romances de ficção científica *Xochiquetzal: uma Princesa Asteca entre os Incas*; *A Guardiã da Memória* (Argos 2012); *Aventuras do Vampiro de Palmares*, *Estranhos no Paraíso* e *Octopusgarden* (Argos 2018).



SOMNIUM